

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**DEBORA ZAMBAN**

**BIBLIOTECAS PARTICULARES E SEUS TESOUROS: uma narrativa sobre a  
constituição da Biblioteca Norberto Ungaretti**

**FLORIANÓPOLIS**

**2020**

**DEBORA ZAMBAN**

**BIBLIOTECAS PARTICULARES E SEUS TESOUROS: uma narrativa sobre a  
constituição da Biblioteca Norberto Ungaretti**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-graduação em Educação do Centro de Ciências Humanas e da Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestra em Educação.

Orientadora: Profª Dra. Gisela Eggert-Steindel.

**Florianópolis**

**2020**

Z24b Zamban, Debora 1990-

Bibliotecas Particulares e seus Tesouros: uma narrativa sobre a constituição da Biblioteca Norberto Ungaretti/ Debora Zamban. – Florianópolis, 2020.  
111 f.

Orientadora: Gisela Eggert-Steindel.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, 2020.

Inclui bibliografia.

1. Bibliotecas Privadas. 2. História do livro. 3. História da Educação. 3. Norberto Ungaretti. 4. Norberto Ulysséia Ungaretti - Direito.. I. Título.

Esta obra é licenciada por uma licença *Creative Commons* de atribuição, de uso não comercial e de compartilhamento pela mesma licença 2.5



Você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra;
- criar obras derivadas.

Sob as seguintes condições:

- Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original.
- Uso não-comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais. - Compartilhamento pela mesma licença. Se você alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta, somente poderá distribuir a obra resultante com uma licença idêntica a esta.

**DEBORA ZAMBAN**

**BIBLIOTECAS PARTICULARES E SEUS TESOUROS: uma narrativa sobre a  
constituição da Biblioteca Norberto Ungaretti**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, na linha de pesquisa História e Historiografia da Educação, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestra em Educação.

**BANCA EXAMINADORA:**

Orientadora: \_\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Gisela Eggert-Steindel  
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Membro: \_\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Eva Cristina Leite da Silva  
Universidade Federal de Santa Catarina UFSC

Membro: \_\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Elaine Rosangela Lucas  
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Florianópolis, 26 de novembro de 2020.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Gisela Eggert-Steindel, por toda seriedade do seu trabalho, por sua compreensão, carinho, auxílio, conversas e por sua luz, ainda mais nesses momentos conflituosos de pandemia. Sempre foi a que me puxou de volta para a escrita, me fazendo perceber que poderia chegar muito além do que imaginava. Serei eternamente grata pelo despertar o qual me guiou, saio dessa jornada com outros olhares para as belezas cotidianas.

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UDESC.

Ao escritório Cavallazzi, Andrey, Restanho e Araujo, pela oportunidade de, no mestrado, poder falar dessa jornada. Ainda, aos colegas que me ajudaram com dados, curiosidades e palavras de apoio, vocês são incríveis.

Aos membros da minha banca, que tanto na qualificação, quanto agora na defesa, pelo tempo, atenção e cuidado que destinaram a esta dissertação, sempre apontaram soluções e questionamentos pertinentes.

À Karla, a pessoa que o mestrado me deu de presente e guardo no coração, com suas sábias palavras a trajetória foi mais leve, obrigada.

À Callu, colega e amiga de longa data, obrigada pela presença, paciência e parceria, amo-te.

Aos que me acompanharam nessa jornada e tiveram muito bom humor para meus momentos de aflição: “Bibi” e “Quiqui” vocês são a família que eu encontrei vagando por esse mundo louco, obrigada por me aceitar, aguentar e amar, é recíproco. “Momo”, a pessoa que tive mais debates de todos os tipos, obrigada por ser a coletânea de todos os assuntos do mundo, sem você a vida não teria a mesma graça. “Juju Frainer”, nunca poderia deixar de te agradecer aqui, você foi a razão disso tudo ser real, obrigada por sempre acreditar, as vezes mais do que eu. Minha admiração por você é de outras vidas.

Ao Guinho e Pequeno, que em meio ao meu desespero, me deram felicidade e o paciente amor felino.

A minha família pela presença na ausência: a distância às vezes machuca.

A todos vocês, meu sincero muito obrigada.

*“Sou apenas um de vossos mais humildes monges,  
fitando de minha cela a vida lá fora  
Das pessoas mais distante que das coisas...  
Não me julgueis presunçoso se digo:  
Ninguém realmente vive sua vida  
As pessoas são acidentes, vozes, fragmentos,  
medos, banalidades, muita alegria miúda,  
já crianças, envoltas em dissimulação,  
quando adultas, máscaras; como rostos – mudas*

*Penso muitas vezes: deve haver tesouros  
onde se armazenam todas essas muitas vidas,  
como armaduras ou liteiras, berços  
que nunca portaram alguém francamente real,  
vidas qual roupas vazias que não se sustentam  
de pé e, despencando, agarram-se  
às sólidas paredes de pedra abobadada*

*E quando à noite vagueio  
fora de meu jardim, imenso de tédio,  
sei que os caminhos todos se estendem  
levam ao arsenal de coisas não vividas.*

*Não há árvores ali, como se a terra se guardasse  
e como ao redor da prisão ergue-se o muro,  
sem janela alguma, em seu sétuplo anel.  
E seus portões de trancas de ferro,  
que repelem os que querem passar,  
têm suas grades todas feitas por mãos humanas”.*

*(Rilke, 1962, p. 316-317)*

A morte de uma pessoa traz consigo a pergunta (e/ou o problema) inescapável do que fazer com os seus objetos, sendo o corpo o primeiro de todos os pertences a exigir não somente uma resposta, como também a companhia de outros objetos para a travessia. É justamente nesse/desse cortejo fúnebre objetual, ou seja, dos costumes de popular as despedidas com objetos para além do corpo, que surgem as formas mais antigas de coleção (POMIAN, 1984) – já em sua concepção, uma forte e primeira associação com a finitude.

Kelly Castelo Branco da Silva Melo (2018)

## RESUMO

Nesta dissertação, apresentamos o estudo que investigou quais relações podem ser tecidas entre as dimensões pessoal e profissional de Norberto Ulysséia Ungaretti na construção de sua coleção privada e os desdobramentos para preservar tal patrimônio bibliográfico, tornando-o disponível ao público a partir da integração dessa coleção particular à biblioteca particular do escritório Cavallazzi, Andrey, Restanho e Araujo Advocacia Empresarial, a qual ensejou a criação da Biblioteca Norberto Ungaretti. O objetivo geral do estudo foi analisar a constituição da coleção particular de Norberto Ungaretti em consonância com sua trajetória pessoal. Para isso, foram interrogados documentos, a literatura científica e a coleção privada de Norberto Ulysséia Ungaretti, atentos a(s) vivência(s) pessoal, acadêmica e profissional nos diversos campos no qual ele transitou. A investigação está inscrita na abordagem da História Cultural, na disciplina da História do Livro, na chave da História e Historiografia da Educação. Como resultados, podemos afirmar que Ungaretti, como sujeito multifacetado, desenvolveu sua trajetória em diversos espaços e com grupos variados durante sua vida. Atuou como professor, advogado, político e desembargador. Desenvolveu atividades sócio culturais vinculado à diversos órgãos públicos e privados em Florianópolis (SC), portanto o livro e a leitura calcaram sua trajetória reverberando de diferentes modos na formação da sua coleção privada. Neste quadro, também se fez conhecer como historiador, não necessariamente diplomado, concluindo-se em um escritor. Ancorados nesses argumentos, pode-se pensar que este trouxe contribuições a História da Educação local e nacional, mais especificamente no campo do Direito. A coleção, como mostra o estudo, foi doada pela sua família em 2016, ao Escritório de Advocacia Empresarial Cavallazzi, Andrey, Restanho e Araujo, localizado no Centro de Florianópolis e isto suscitou a criação da Biblioteca Norberto Ungaretti. Por fim, podemos ainda inferir que para além de um lugar de atividades laborais no campo do Direito essa biblioteca privada se constitui um espaço de pesquisa e memória do livro nos seus diferentes tempos.

**Palavras-chave:** Bibliotecas Privadas. História do livro – História da Educação. Norberto Ungaretti – Professor. Norberto Ulysséia Ungaretti – Direito.



## **ABSTRACT**

In this dissertation, we present the study that investigated which relationships can be woven between the personal and professional dimensions of Norberto Ulysséia Ungaretti in the construction of his private collection and the developments to preserve this bibliographic heritage, making it available to the public from the integration of this collection private to the private library of Cavallazzi, Andrey, Restanho and Araujo Advocacia Empresarial, which led to the creation of the Norberto Ungaretti Library. The general objective of the study was to analyze the constitution of Norberto Ungaretti's private collection in line with his personal trajectory. For this, documents, scientific literature and the private collection of Norberto Ulysséia Ungaretti were questioned, attentive to the personal, academic and professional experience (s) in the various fields in which he traveled. The investigation is inscribed in the approach of cultural history, in the discipline of History of the Book, in the key of History and Historiography of Education. As a result, we can say that Ungaretti, as a multifaceted subject, his trajectory in different spaces and with different groups during his life. He served as a teacher, lawyer, politician and judge. He developed socio-cultural activities linked to several public and private agencies in Florianópolis (SC), therefore, books and reading traced his trajectory, reverberating in different ways in the formation of his private collection. In this argument, he also made himself known as a historian, not necessarily a graduate, concluding in a writer. Anchored in these arguments, it can be thought that it brought contributions to the history of local and national education, more specifically in the field of law. The collection, as shown in the study, was donated by his family in 2016 to the Law Firm Cavallazzi, Andrey, Restanho and Araujo, located in the Center of Florianópolis and this led to the creation of the Norberto Ungaretti Library. Finally, we can also infer that in addition to being a place of work activities in the field of Law, this private library constitutes a space for research and memory of the book in its different times.

**Key-words:** Private Libraries. History of the book - History of Education. Norberto Ungaretti - Teacher. Norberto Ulysséia Ungaretti - Law.

## LISTA DE FIGURAS

28

40

41

42

47

49

56

Figura 8 – Síntese de Biografia de Norberto Ungaretti para o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina<sup>58</sup>

60

Figura 10 –Convite lançamento do livro “Laguna: um pouco do passado”,<sup>61</sup>

77

85

86

89

90

93

94

95

96

96

97

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACI - Associação Catarinense de Imprensa  
ACIC - Associação Catarinense para Integração do Cego  
ALESC - Assembleia Legislativa de Santa Catarina  
APSC - Arquivo Público de Estado de Santa Catarina  
BDTD/IBICT - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia  
BPSC - Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina  
BRAPCI - Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação  
BU - Biblioteca Universitária  
Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
CRB8 – Conselho Regional de Biblioteconomia – Região 8  
Dr.<sup>a</sup> – Doutora  
ESMESC - Escola Superior da Magistratura  
FAED - Centro de Ciências Humanas e da Educação  
FECAM - Federação Catarinense de Municípios  
FNPM - Fundação Nacional Pró-Memória  
GED - gestão eletrônica de documentos  
HHE - História e Historiografia da Educação  
IDCH - Documentação e Investigação em Ciências Humanas  
IPTU - Imposto Predial e Territorial Urbano  
MDF - *Medium-density fiberboard*  
OAB/SC - Ordem dos Advogados do Brasil Santa Catarina  
p. – página  
PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência  
PPGE - Programa de Pós-graduação em Educação  
Pró-Documento - Programa Nacional de Documentação da Preservação Histórica  
Prof. - Professor  
SC - Santa Catarina  
Sotelca - Sociedade Termelétrica Catarinense  
TJSC – Tribunal de Justiça de Santa Catarina

UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina

UDN - União Democrática Nacional

## SUMÁRI

4  
35  
36  
67  
76  
79  
98  
102  
107

## INTRODUÇÃO

Coleções particulares<sup>1</sup> esboçam um testemunho das impressões, escolhas e preferências dos seus idealizadores nos diversos momentos da sua trajetória e é representativa nas etapas do seu percurso pessoal e profissional. É nesse sentido, que a constituição de um acervo<sup>2</sup> também pode espelhar as dimensões prática, poética e política de quem a constrói.

De igual modo, a constituição de uma biblioteca particular<sup>3</sup> vai além de armazenar pilhas de livros em sequência, esse espaço pode carregar inúmeros significados a depender do seu criador, de sua idealização e sua finalidade, sejam elas mantidas por particulares ou instituições. Cada obra incorporada ao acervo é também a construção do “eu” particular desse espaço. Nesse sentido, cada biblioteca particular é única e flui por entre as paredes repletas de deles: livros, documentos, vídeos, fotografias, recortes, escrituras, sonhos, lembranças e o que mais se pode colecionar.

Assim, bibliotecas, mais especificamente as bibliotecas particulares, podem ser pensadas como templos construídos com dedicação, seleção e investimento, por vezes, ao longo de vidas inteiras. A trajetória pessoal, profissional e a singularidade de quem a constrói fica impressa nesse local que carrega uma parcela da história de vida desse leitor.

É dessa forma que Moles (1970, p. 41) ilustra, no sentido particular, que “[...] minha biblioteca é minha própria visão do mundo do saber, minha biblioteca é uma extensão de mim mesmo, mais precisamente, uma extensão de meu cérebro, refletindo em sua estrutura a especificidade de minha personalidade cultural”. Nesse tom, ler um acervo é ver o Outro, já que a escolha de um livro é sempre feita de forma política, a constituição de uma biblioteca particular é, de igual forma, uma relação construída com base na percepção e na leitura que se faz do mundo. No patrimônio

---

<sup>1</sup> Adotou-se o termo ‘coleção particular’ a partir do conceito extraído do Dicionário do Livro, elaborado por Maria Isabel Faria e Maria da Graça Pericão (2008, p. 278), que será objeto de conceituação e contextualização na seção “Conhecendo a pesquisa”.

<sup>2</sup> Adotou-se o termo ‘acervo’ a partir do conceito extraído do Dicionário do Livro, elaborado por Maria Isabel Faria e Maria da Graça Pericão (2008, p. 278), que também será conceituado nesta mesma seção “Conhecendo a pesquisa”.

<sup>3</sup> Adotou-se o termo ‘Biblioteca Particular’ a partir do conceito extraído do Dicionário do Livro, elaborado por Maria Isabel Faria e Maria da Graça Pericão (2008, p. 278), que também será conceituado nesta mesma seção “Conhecendo a pesquisa”.

do personagem criador, é possível encontrar aspectos pontuais para a conhecer, ao menos, alguns fragmentos e delineamentos de sua história, seus caminhos e suas trajetórias. A preservação e disponibilização vêm carregadas de significação e nuances. Como fonte de pesquisas são ricos, especialmente por possuírem relevância histórica e, geralmente, por seu acervo ser especializado.

É nessa chave, que muito se pode descobrir sobre o idealizador de um acervo por meio da leitura desse. Em sua tese, Melo (2018, p. 15-16) disserta acerca das coleções e sobre o “manto de ‘ordinariedade’ ou marginalidade” que cobrem as redes de relações “[...] refletindo, ao longo de sua trajetória, em suas mutações, aquelas sofridas pelas sociedades nas quais se constituem/constituíram”. Ou, seja, podemos inferir que as coleções nos são apresentadas como manifestações-espelho dos indivíduos e do meio social ao qual ele e sua coleção se encontram. Esses são objetos de estudo das ciências humanas no intuito de compreender o ser humano e as suas dinâmicas sociais.

Nesse sentido, por meio das coleções:

[...] pode-se compreender uma série de elementos: o colecionador, seu contexto sócio-histórico, toda uma gama de mensagens contidas nos objetos – das indústrias e sociedades que os produziram, das marcas de propriedade ou de uso que os distinguem (como tatuagens ou cicatrizes na pele) – e, nas relações daquele objeto com aquele colecionador e com o coletivo, a história de sua valorização, que para Jeudy (1990, p. 65) ‘é a história de qualquer coisa, porque une magicamente os relatos da vida psíquica mais individual ao movimento projetivo do sincretismo simbólico. O valor é o dizer do objeto devolvido como um espelho ao indivíduo e à coletividade’” (MELO, 2018, p. 16).

Isso posto, como possibilidade de pesquisa é intrigante compreender a relação entre a constituição de uma coleção particular e sua representatividade na trajetória pessoal e profissional de quem se dedica, ao longo de muitos anos, à construção de um acervo voltado aos seus estímulos pessoais e profissionais, suas necessidades, pesquisas e curiosidades. Em meio, também é instigante a oportunidade em, no sentido da metáfora, interrogar o que ocupam as prateleiras de sujeitos ou proprietários de coleções particulares que ao longo de suas vidas, coloriram sua vida pessoal-profissional com obras meticulosamente arranjadas ao seu modo para aquele espaço.

Pensando nos debates, formação, composição dos acervos particulares na área da Educação e para que esses sirvam, efetivamente, como ferramentas que

propiciem acesso ao conhecimento, é necessário dar-lhes visibilidade. Assim, o presente trabalho se debruça sobre a constituição da coleção particular de Norberto Ungaretti, narrando também o processo de integração de coleções particulares à acervos de bibliotecas, neste caso específico será narrada a incorporação da coleção privada do professor ao acervo da biblioteca particular do escritório Cavallazzi, Andrey, Restanho e Araujo Advocacia Empresarial, compondo um estudo vinculado a produção do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), com a orientação da professora Dr.<sup>a</sup> Gisela Eggert-Steindel (linha História e Historiografia da Educação - HHE). A investigação está situada na ótica da História Cultural, que no entendimento de Pesavento (2007, p. 15) trata-se de uma perspectiva na “mudança de olhar para outras questões e temas, campos e problemas – não mais a posse dos documentos ou a busca de verdades definitivas. Não mais numa era de certezas normativas, de leis e modelos a regerem o social”. É com essa concepção que se pretende desenvolver essa pesquisa.

A proposição em investigar sobre acervos, coleções, bibliotecas e memória é fruto das minhas escolhas pessoais e profissionais, por isso não é um caminho aleatório ou desprovido de afeição. Na escolha de cursos superiores possíveis do interesse de meus estudos, minha opção foi prestar vestibular para Biblioteconomia, em 2009, na UDESC. O plano foi me mudar para viver em Florianópolis, capital, e iniciar estágios que me possibilitassem imergir no mundo de trabalho naquela que seria a minha escolha de profissão dali em diante. Por isso, falar um pouco da história de personagens que participaram e deixam um legado na/e sobre a cidade que me acolheu, desde 2009, é mergulhar na história do tempo presente e refletir um pouco sobre a construção desse lugar.

Meu primeiro contato laboral na biblioteconomia, foi uma bolsa de extensão na Biblioteca Universitária (BU) da UDESC, onde com conhecimentos profissionais iniciais pude transitar e atuar em diversos setores e conhecer a dinâmica de uma Biblioteca Universitária de grande porte, com campus em diversas cidades do Estado e uma gama de profissionais que oportunizam diariamente, para estudantes como eu, o conhecimento prático aliado à teoria do campo da Biblioteconomia.

Como seria impossível não vivenciar outras oportunidades, já que a graduação nos permite navegar por novos mares a todo instante, fui estagiar com gestão eletrônica de documentos (GED). Esse estágio me proporcionou acompanhar o



processo inicial de implantação e gerenciamento de soluções para gestão de documentação impressa e eletrônica. Novamente, tive a oportunidade de trabalhar com profissionais da área que me permitiram absorver todo o conhecimento que a jornada diária na profissão, trazia. Pude atuar em todos os processos: a escolha e implementação da solução, elaboração da documentação dos fluxos de trabalho, reuniões com clientes, recebimento da documentação impressa, a seleção, organização, digitalização e gerenciamento dos documentos.

Nesse mesmo período, fui realizar uma pesquisa para a disciplina Gestão de Unidades de Informação (ministrada pela professora Daniela Spudeit) na Biblioteca Mista da Faculdade Cesusc e do Colégio Cruz e Sousa. Na época, em conversa com a bibliotecária responsável, Juliana Frainer, me apaixonei pela metodologia de trabalho, pelo ambiente acolhedor e pela possibilidade de trabalhar com públicos tão diferentes compartilhando o mesmo espaço físico. Logo comecei a estagiar ali e antes mesmo de me formar em 2013, já tinha sido contratada como auxiliar de biblioteca. Em 2015, fui efetivada como bibliotecária, o que permitiu ampliar o espectro do meu trabalho nessa instituição, mas principalmente a efetivar o trabalho técnico do bibliotecário.

Ainda em 2015, fui convidada a prestar consultoria no escritório Cavallazzi, Andrey, Restanho e Araujo Advocacia Empresarial<sup>4</sup>, no Centro de Florianópolis, também como bibliotecária. Inicialmente, as atividades principais eram dar continuidade ao tratamento técnico das obras adquiridas pelo escritório (que já possuía uma biblioteca formada com cerca de 1.800 títulos) e a organização física do acervo disponibilizado aos profissionais do escritório. É inegável que cada biblioteca tem suas características individuais. Trabalhar em uma biblioteca mista que atende público universitário/escolar era imensamente diferente do que atuar em uma biblioteca particular de um escritório de advocacia especializado. Desde o acervo e

---

4 “A Cavallazzi, Andrey, Restanho & Araujo Advocacia é uma sociedade de advogados inscrita na OAB/SC sob o nº 122/94, foi fundada em 1994 com o objetivo de prestar serviços de excelência nas diversas áreas do direito relacionadas à atividade empresarial. Com sedes em Florianópolis-SC, Blumenau-SC e São Paulo-SP, e correspondentes na Europa, Estados Unidos da América, Argentina, Colômbia, Chile e em todo o território nacional, o escritório conta com moderna estrutura e uma equipe de profissionais altamente especializada, comprometida com a missão de superar sempre as expectativas dos clientes, ajudando-os a alcançar seus objetivos. Os constantes investimentos em tecnologias e na qualificação de nossos profissionais, aliados ao contínuo esforço de adaptação às necessidades do mercado, têm garantido um papel de destaque ao nosso escritório, que tem figurado entre os mais admirados escritórios de advocacia do Brasil nas edições de 2008 à 2019 do anuário Análise Advocacia” (CAVALLAZZI; ANDREY; RESTANHO; ARAUJO, 2019, p. 1).

sua disponibilização ao público, suas demandas, à atuação da equipe, todas as atividades são distintas de uma biblioteca para a outra.

Atuar em uma biblioteca universitária que em seu catálogo possui o Curso de Direito e prestar consultoria em uma Biblioteca especializada da mesma área, me instigaram a iniciar o curso Superior de Direito. Porém, em 2016, entre as jornadas de trabalho e o curso de graduação em direito<sup>5</sup> em andamento, me inscrevi para concorrer a uma vaga no curso de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação, na Linha de Pesquisa em História e Historiografia da Educação com a proposta inicial de investigar práticas de leituras de professores nas escolas públicas de Florianópolis.

O conhecimento nos coloca em xeque e foi com a realização de disciplinas, leituras, trabalhos finais e conversas com a minha orientadora que comecei a vislumbrar outros horizontes de pesquisa. Mas, foi durante uma visita de estudos à Biblioteca Osni Regis na disciplina Bibliotecas e Educação, ministrada por minha orientadora, que me alçou a entrelaçar minha experiência do trabalho de prestação de serviços *versus* investigar a biblioteca privada do escritório de advocacia.

Dessa forma, alinhando a possibilidade de pesquisar a intenção de construção de um acervo de um professor atuante na cidade de Florianópolis, com os objetivos do PPGE em “atender as demandas em relação a estudos e pesquisas que focalizem: processos de escolarização formal, abordagens, objetos e fontes na História da Educação do Brasil e de Santa Catarina”, que buscamos contar essa parcela da história da educação, principalmente no que diz respeito ao recorte temático ligado ao direito, por meio da composição e da preservação de um acervo bibliográfico.

Ainda em relação à linha de pesquisa em tela, pensamos nas afirmação de Carvalho e Carvalho (2010, p. 79) onde, segundo os autores “Pensar no nascedouro e consolidação da História da Educação, enquanto mais um domínio da História, é inseri-la e compreendê-la como o resultado do maior interesse dos historiadores pelas imbricações da sociedade contemporânea e com os problemas educacionais, ao procurarem identificar e situar os impactos dos fenômenos educativos nas várias instâncias das formações sociais. Este fato possibilitou o (re)pensar dos paradigmas explicativos do pensamento historiográfico ligado à educação, já no final do século XIX, principalmente depois da constituição dos grandes sistemas nacionais de ensino

---

<sup>5</sup> Suspenso legalmente desde 2017.

na Europa, de características liberais, que incorporaram os avanços científicos à pedagogia”.

Assim, alinhando a teoria com as atividades práticas, irei narrar a seguir o processo de recebimento da coleção bibliográfica de Norberto Ungaretti.

Durante os trabalhos na biblioteca particular do Escritório Cavallazzi, Andrey, Restanho e Araujo, em 2016, recebemos, via doação, a coleção particular do falecido desembargador Norberto Ulysséia Ungaretti. O acervo reunia obras de diversas áreas do conhecimento, além de incluir uma gama de decisões judiciais, periódicos e multimeios. Ao receber as caixas com as obras, iniciamos os debates de como poderia, da melhor forma, integrar essa coleção particular ao acervo da Biblioteca disponível para os trabalhos do dia a dia do corpo de advogados desse escritório de advocacia.

A Biblioteca do Escritório Cavallazzi, Andrey, Restanho e Araujo Advocacia Empresarial, à época dessa doação, contava com cerca de 2 mil obras cadastradas em seu catálogo, que eram utilizadas como fonte de pesquisa laboral pelos seus colaboradores e recebeu com apreço a coleção pessoal do desembargador Norberto, ensejando o movimento de criação de uma biblioteca sob a denominação “Biblioteca Norberto Ungaretti”, oficialmente instituída em 2018 e hoje, no ano de 2020, soma e abriga mais de 6 mil títulos.

O movimento de doação do acervo partiu da família de Norberto, que reconhecia sua paixão do pelos livros, pela leitura e pela pesquisa, cientes também do sentimento que esse era um desejo seu.

Discorrer sobre essa trajetória no mestrado é integrar os estudos teóricos com as atividades práticas no processo de incorporação de uma coleção particular ao acervo de uma - nesse caso específico - biblioteca particular.

Este trabalho, parcialmente biblioteconômico e triangulado com os estudos no Mestrado em Educação, me apontaram, como objeto de potencial investigativo, analisar a constituição da coleção particular formada por Norberto Ungaretti e o processo de integração dessa à Biblioteca Particular do Escritório Cavallazzi, Andrey, Restanho e Araújo Advocacia Empresarial, como estudo relevante nos campos da ciência da informação, biblioteconomia e história da educação. Observa-se ainda que coleções, livros e marcas de leitura podem revelar histórias, memórias e narrativas, que compreendidos a partir do seu contexto, que neste estudo parte da coleção privada de Ungaretti, podem contar uma trajetória.

Como nem tudo são flores, no momento inicial e até a qualificação, a ideia de transformar em pesquisa o meu trabalho cotidiano me despertou certo anseio devido a intimidade com o objeto e me fizeram pensar que eu fosse incapaz de produzir um trabalho científico em razão da proximidade entre pesquisadora e objeto de pesquisa.

Outra preocupação seria a possível tendência a escrever uma narrativa biográfica de Norberto Ungaretti, tendo em vista que esse personagem transitou como sujeito multifacetado por muitos espaços no cenário florianopolitano. Outrem, a não presença e o não contato com o professor, personagem protagonista, além da distância entre integrantes da família que pudessem corrigir qualquer incerteza das palavras aqui narradas, não deixam esse estudo isento de equívocos e deslizes.

Com base nessas questões, busquei me eximir de crenças limitantes sem deixar de levar em consideração o meu lugar social. Nesse sentido, de acordo com Certeau (1982) a pesquisa historiográfica é composta pelas combinações do lugar de fala, métodos e a narrativa, dessa forma, deve-se levar em conta o ponto de partida das referências, a subjetividade e interpretação do pesquisador nos resultados da pesquisa, sem necessariamente comprometer o caráter científico.

De igual importância, destaca-se a necessidade de uma construção da memória coletiva, buscando registrar de forma coerente todas as formas que possibilitem ações baseadas em experiências que já foram validadas. A obra de Le Goff (1996, p. 535) nos ensina que a história é feita da construção, já que, os materiais imortalizados são o documento e o monumento, onde “o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores”. Na ótica do autor, esses materiais se apresentam sob as principais formas de “monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador”.

Isto posto, foi nesse tom que desenvolvemos os contornos da presente pesquisa, que é uma narrativa que objetiva descrever aspectos da trajetória de vida de um leitor em conformidade à formação da sua coleção privada e, por consequência, será narrada ainda, a integração dessa coleção particular ao acervo do Escritório Cavallazzi, Andrey, Restanho e Araujo, ensejando, a partir disto, a criação da Biblioteca Norberto Ungaretti, hoje é aberta ao público para consulta local e visitação mediante agendamento.

Norberto Ulysséa Ungaretti<sup>6</sup> notabilizou-se como desembargador, agente cultural, político, advogado, filantropo, professor, historiador, pesquisador e, a partir de todas suas facetas, atribuiu diferentes sentidos à cidade de Florianópolis, de acordo com suas interações durante sua trajetória pessoal-profissional.

Mudou-se para Florianópolis com o intuito de cursar faculdade de Direito. Nessa jornada, destacou-se como orador, o que lhe rendeu em 1959, durante a 7ª Jornada Jurídica Nacional, realizada em Florianópolis, o título de melhor orador acadêmico de direito de todo o Brasil, título inédito até o momento para um catarinense.

Desde sua chegada à ilha, atuou no setor público, exercendo atividades em diversas funções dos poderes executivo, legislativo e judiciário, merecendo destaque a sua carreira como Desembargador do Tribunal de Justiça de Santa Catarina (TJSC). Exerceu também, como profissão, a advocacia.

Foi homenageado em diversas áreas da cena cultural, jurídica e educacional catarinense, inclusive com a publicação de obras que carregam como nome, sendo citado pela orientação de alunos em trabalhos de conclusão de curso, monografias e estágios. Além disso, recebeu homenagens realizadas pela Câmara Municipal de Florianópolis, pelo Governo do Estado, pelo Tribunal de Justiça de Santa Catarina, pela Assembleia Legislativa do Estado e pela Associação dos Magistrados Catarinenses.

Sua atuação na cultura catarinense também foi efetiva. Ingressou em janeiro de 1997 na Academia Catarinense de Letras e mantinha participação ativa como titular da cadeira 40, assumindo por vários períodos, entre os anos de 2000 e 2010, a vice-presidência.

Foi sócio fundador e presidente do conselho deliberativo da Associação Catarinense para Integração do Cego (ACIC), sócio fundador e vice-presidente do Lagoa late Club, membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Nesta linha narrativa, teve grande representatividade na política, foi nomeado em 1956, ainda quando estudante de direito, chefe de gabinete do governador Jorge Lacerda. Posteriormente, assumiu a subchefia da Casa Civil do governo Heriberto Hulse (1959-1961). Foi eleito pela União Democrática Nacional (UDN) com 742 votos,

---

<sup>6</sup> Norberto Ungaretti ou apenas Ungaretti, como era mais conhecido e apreciava assim ser chamado no meios em que circulou.

o vereador mais votado na área central da capital, assumindo entre 1963-1965. Ainda no ano de 1965 foi eleito por unanimidade à presidência da Câmara Municipal e reeleito em 1966, onde pela primeira vez todos os partidos se uniram para eleger um presidente. Em outubro do mesmo ano renunciou à presidência por ter sido nomeado secretário do Interior e Justiça.

Como professor, dedicou-se ao ensino do direito. Prestou concurso em 1965 para a Faculdade de Direito de Florianópolis, atual Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e ali lecionou por 36 anos até se aposentar em 2002. Em sua carreira como professor, ministrou disciplinas de direito civil no Centro de Ciências Jurídicas da UFSC e foi professor e diretor entre os anos de 1986 e 1994 da Escola Superior da Magistratura (ESMESC).

No âmbito pessoal, é lembrado como homem pacífico, tolerante e compreensivo<sup>7</sup>. Intitulava-se espírita de nascença, que segundo o próprio o fazia questionar-se e estudar muito a respeito de variados assuntos ligados à cultura e filosofia religiosa.

Além disso, tinha interesse profundo pelo cotidiano e pela vida intelectual de Santa Catarina, deixando como legado seus estudos como pesquisador. Na condição de escritor, publicou o ensaio “Santo Antônio dos Anjos da Laguna” em 1956, o livro “Laguna: um pouco do passado” em 2002 e o livro biográfico “Jerônimo Coelho” em 2019, *post mortem*.

O estado onde nasceu, cresceu e viveu foi fonte de inspiração. Suas pesquisas foram direcionadas, principalmente, para figuras históricas catarinenses e das cidades de Laguna, onde nasceu, e Florianópolis, onde morou a maior parte de sua vida. Foi uma personalidade multifacetada que transitou em diversas áreas do conhecimento e contribuiu com a construção política e cultural no estado de Santa Catarina, é com esse preceito que infere-se que dificilmente seu acervo estaria desvinculado à sua trajetória de vida.

Merece destaque a sua grande paixão pela leitura, paixão que indiretamente justifica nosso objeto de estudo sua coleção particular. Os livros atapetavam sua mesa de trabalho no escritório e também as prateleiras de sua casa. A sua coleção foi formada para atender suas curiosidades, aprofundar seus estudos e realizar suas

---

<sup>7</sup> Informação oral por meio de depoimento da filha, Marília Ungaretti, no momento da inauguração da Biblioteca Norberto Ungaretti, em 10 de agosto de 2018.

pesquisas. Teve em suas raízes o privilégio do hábito cotidiano da leitura e do estudo. Para Bourdieu (1998) o “capital cultural” é recebido como “herança valores”, sejam esses de forma materiais e imateriais, mas que não são transmitidos pelo dinheiro necessariamente: são “os códigos implícitos, os hábitos rotineiros e os alicerces que governam o mundo das ideias” (SILVA, 2010, p. 115).

Posto isso, observando em um primeiro momento a trajetória de Ungaretti na condição de bibliotecária consultora, após alguns meses de trabalho na coleção, pude conhecer algumas de suas peculiaridades, vislumbrar indícios da sua composição, seu histórico e os possíveis sentidos atrelados à sua construção ao longo de sua jornada.

Em termos operacionais, no primeiro momento houve a seleção das obras para higienização e/ou restauração. Nesse primeiro contato já podíamos navegar entre os assuntos que corriam as estantes de livros: direito era a temática central da coleção. História (mundial, catarinense e militar apareciam em maior número) e literatura também apareciam em grande quantidade na coleção.

Após a higienização e prévia separação dos materiais, foi o momento de decidir como a coleção seria incorporar ao acervo já cadastrado na biblioteca do escritório. A decisão inicial para poder acomodar essa coleção, foi locar uma sala específica e projetar a construção da Biblioteca nesse espaço. O cadastro das obras seria realizado com os procedimentos e sistema já utilizados no acervo do escritório, porém, com uma sinalização das obras provenientes da coleção de Ungaretti. O *status* atual da coleção é em fase inicial do processamento técnico das obras, mesmo que essas já estejam em circulação na biblioteca.

Após adotados os procedimentos iniciais para a incorporação da coleção particular de Ungaretti ao acervo do escritório, surgiu a inquietação de melhor compreender a constituição dessa coleção herdada, alicerçada na trajetória profissional e pessoal de Norberto, tendo em vista que todo acervo é uma fonte de pesquisa, tanto no que diz respeito às obras que o compõem, quanto no seu conjunto como patrimônio.

É crescente a preocupação com a memória de coleções e acervos particulares, esse movimento busca preservar o capital material e a memória coletiva. Em alguns casos, essas instituições são mantidas por familiares, entidades privadas ou, ainda, pelo poder público. Ao máximo possível, o intuito é reproduzir suas características e preservar sua essência, buscando dar publicidade aos acervos, para que possam

surtir efeitos a todas as gerações que utilizam e ainda utilizarão desses como forma de pesquisa histórica.

Para ilustrar esse movimento, em busca pela preservação da memória das coleções, podemos citar, em Florianópolis, a Biblioteca professor Osni Régis. A Biblioteca tem origem no acervo pessoal do ex-prefeito de Lages, deputado estadual e federal e professor universitário, Osni Régis (1917-1991), que foi acumulando livros desde a adolescência: “A biblioteca reflete a trajetória dele”, diz a filha Isabel Régis (PASTERNAK, 2011, p. 1). Está localizada no Centro de Florianópolis e conta com um acervo de mais de 15 mil obras que perpassam por clássicos da literatura, livros de direito, história, psicologia, geografia, educação, filosofia, sociologia, entre outros. O professor, construiu, em 1972, um anexo à casa, na Avenida Mauro Ramos, com cerca de 200 metros quadrados e com quase sete metros de pé direito, onde dispôs os livros, que hoje alcançam mais de 15 mil volumes. Conforme conta Isabel, “Ele assistiu *‘My Fair Lady’* e viu no filme a solução para sua biblioteca, que era o sistema de *mezzanino*” (PASTERNAK, 2011, p. 1).

Após o falecimento do Osni Régis, em 1991, aos 73 anos, e posteriormente o de sua esposa, em 2004, os livros ficaram sob os cuidados de uma fundação, criada pelos filhos em 1998, que busca preservar o acervo, construído durante a vida de Régis e Maria Helena, no local original. A Biblioteca Professor Osni Régis é dedicada à consulta local. O acervo está todo catalogado, iniciativa realizada entre 1998 e 2000, com a ajuda da Fundação José Boiteux. A ideia, agora, é levar esse catálogo para a internet, para incentivar o público à visita (PASTERNAK, 2011, p. 1). A biblioteca é aberta para visita, pesquisa e leitura e está localizada na Av. Mauro Ramos, nº 1344, Centro.

Outra biblioteca singular é o Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel. Eglê Malheiros nasceu em Tubarão, em 1928, foi professora, poetisa, escritora e tradutora. Primeira mulher graduada pela Faculdade de Direito de Santa Catarina, no início dos anos 1950. Salim Miguel, nasceu no Líbano, em 1924, foi escritor, jornalista, crítico literário e agente cultural. Eglê Malheiros e Salim Miguel, casaram em 1952, mas seus projetos e ações literárias e culturais já aconteciam desde meados da década de 1940. Ambos contribuem, com os demais integrantes do Grupo Sul (Círculo de Arte Moderna de Santa Catarina), a dinamizar a vida cultural catarinense entre 1947 e 1958, inovando na literatura, no cinema, no teatro, nas artes plásticas e estabelecendo uma rede de contatos em vários países (FAED, 2020).



Juntos, escrevem o roteiro do primeiro longa-metragem catarinense de ficção, “O preço da ilusão” em 1958. Após o golpe militar de 1964, Eglê e Salim são afastados de seus cargos no serviço público estadual e mudam-se com os filhos para o Rio de Janeiro. Retornam a Florianópolis em 1979, onde atuaram em diferentes instâncias colaborando de modo decisivo com a vida cultural catarinense (FAED, 2020, p. 1).

O Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel, foi inaugurado em 28 de novembro de 2013, disponibiliza para consulta, estudo e pesquisa o acervo pessoal do casal, que é composto por cerca de 9.300 livros, 267 títulos de revistas, documentos e objetos pessoais (máquina de escrever, medalhas, placas, certificados entre outros). Os títulos permeiam áreas de letras, literatura, cinema e história brasileira e catarinense.

O Acervo foi doado para o Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas (IDCH), que tem por objetivo ser um centro de documentação destinado a “desenvolver pesquisas, receber, tratar, armazenar acervos e documentos em diversos suportes, estimulando a produção, socialização e estruturação de conhecimento gerado na área de Ciências Humanas pela comunidade científica da FAED e pela comunidade externa” (FAED, 2013, p. 1).

Essas são algumas amostras de movimentos, sejam eles de forma pública ou privada, que buscam preservar e manter a história de coleções e bibliotecas vivas e disponíveis para estudos e pesquisas. Assim, é em virtude da necessária de visibilidade que devemos dar a essa temática, que realizamos a presente pesquisa, tendo em vista que os preciosos segredos escondidos por dentro as prateleiras de uma biblioteca particular são tesouros que precisam ser conhecidos e divulgados.

## CONHECENDO A PESQUISA

Como abordado anteriormente, os questionamentos que suscitaram essa pesquisa se deram por conta de estudos e discussões prático-teórica das disciplinas durante o primeiro período do Mestrado em Educação e, também, em virtude do trabalho como bibliotecária na incorporação da Coleção Privada do professor Norberto Ungaretti à Biblioteca Particular do escritório Cavallazzi, Andrey, Restanho e Araujo Advocacia, ensejando a criação da Biblioteca Norberto Ungaretti.

De forma pessoal, justifica-se a proposta de pesquisa em virtude de já trabalhar com essa coleção e acreditar que um acervo particular ganha a dimensão desejada

com sua publicidade, ressaltando que bibliotecas privadas, em sua essência, devem estar ao alcance de todos, como previsto em alicerce com a profissão de bibliotecário e seu cunho de disseminar a informação.

No âmbito social, justifica-se como forma de contribuir com a configuração e visibilidade deste importante espaço, que é a biblioteca particular. A constituição desse universo não está apenas ligada à sua dimensão material, mas sim ao espectro histórico, que transpõe a disponibilidade física, representando fragmentos e parcelas das histórias de vida que ali ficam impressas.

Inicialmente, a presente narrativa ganha contornos a partir da trajetória de vida de Ungaretti, pois acreditamos que não há como falar de sua coleção sem antes falar de sua jornada. No entanto, essa pesquisa não pretende ser biográfica, tampouco quer resultar num trabalho cujo objetivo maior seja contar a vida do professor em sua totalidade e de forma linear, com começo, meio e fim. Importante também destacar, que os acervos pessoais possibilitam criar uma narrativa histórica de apenas uma parcela da vida dos seus titulares.

Nesse sentido, para Bourdieu (2006) não é possível compreender uma trajetória de vida sem antes ter um conhecimento prévio do campo que ela se desdobrou. O autor ainda pontua que as vidas humanas não são dotadas de sentido, em ambos os significados da palavra, e pensar o contrário implicaria na submissão à falsa retórica romanesca que simplifica demais a existência. Assim, o sociólogo propõe que se leve em consideração elementos das vidas das pessoas que vão além dos que são definidos pelos seus nomes de registro e documentos que autenticam sua existência perante as instituições sem que sejam considerados a partir da sucessão dos acontecimentos.

Dessa forma, entre sua jornada e sua coleção que se pretendeu realizar essa pesquisa. Para melhor contar essa trajetória, trabalhando a vivência empírica e o arcabouço teórico conjuntamente, optou-se por não criar um capítulo dedicado exclusivamente à fundamentação teórica, mas trabalhar os conceitos que sustentam essa pesquisa em meio a narrativa, pois foi nesse tom que criamos esse universo.

Metodologicamente, adotamos terminologias para conceituar os termos da pesquisa. Portanto, adotou-se o termo ‘Biblioteca Particular’ a partir do conceito extraído do Dicionário do Livro, elaborado por Maria Isabel Faria e Maria da Graça Pericão (2008, p. 278), onde as autoras trabalham com a ideia de uma “Biblioteca sustentada por um particular ou instituição para seu uso exclusivo, com ausência de

fundos públicos”. Neste raciocínio é adotada essa terminologia para designar a Biblioteca do escritório Cavallazzi, Andrey, Restanho e Araujo Advocacia empresarial, que após o processo de integração dos acervos, passa a ser denominada Biblioteca Norberto Ungaretti.

Em uma outra ponta temos o termo ‘Coleção Privada’, que para Maria Isabel Faria e Maria da Graça Pericão (2008, p. 278), se trata de “coleção de documentos organizada por uma pessoa ou por uma empresa particular, para uso de seus membros; são também designadas coleções privadas aquelas que pertencem a famílias, palácios, castelos, casas particulares, etc.”. Assim, neste estudo assumimos que o conjunto de itens bibliográficos pertencentes ao professor Norberto Ungaretti será tratado como a coleção do professor a qual constitui uma parte acervo da biblioteca do escritório Cavallazzi, Andrey, Restanho e Araujo Advocacia.

O termo ‘Acervo’ é, também, conceituado por Maria Isabel Faria e Maria da Graça Pericão (2008, p. 278) como “conjunto de bens culturais que foram acumulados ao longo dos anos por herança ou tradição. Aquilo que faz parte de um patrimônio”, dessa forma, tratamos a formação da coleção e a biblioteca como acervos provenientes de cada qual.

Pena e Graebin (2010, p. 123) ainda esclarecem a definição de “Acervos Pessoais” como “o conjunto dos documentos produzidos e/ ou pertencentes a uma pessoa, um indivíduo, resultado de uma atividade profissional ou cultural específica.” Assim fazendo a distinção dos “acervos pessoais dos arquivos privados, que podem revelar uma instituição, e, também, dos acervos familiares, que supõem, geralmente, uma transmissão entre várias gerações”, sendo que “o alcance cronológico dos acervos pessoais não ultrapassa a vida do indivíduo que o constitui”.

A terminologia da pesquisa se deu em meio à execução da integração dos acervos, tendo em vista que o objetivo final da biblioteca é sua abertura para pesquisadores e o público em geral, onde o quê antes era particular e restrito, passará a se tornar um acervo de pesquisa e consulta aberto à comunidade.

Par a execução dessa pesquisa, a pergunta que nos guia é: “Quais as relações que podemos estabelecer entre as dimensões pessoal e profissional de Ungaretti na construção de sua Coleção?”

Como objetivo geral, pretendeu-se analisar a constituição da coleção particular de Norberto Ungaretti em consonância com sua trajetória pessoal e profissional, levando em consideração os diversos campos no qual ele transitou.

Neste cenário, os objetivos específicos se constituíram em:

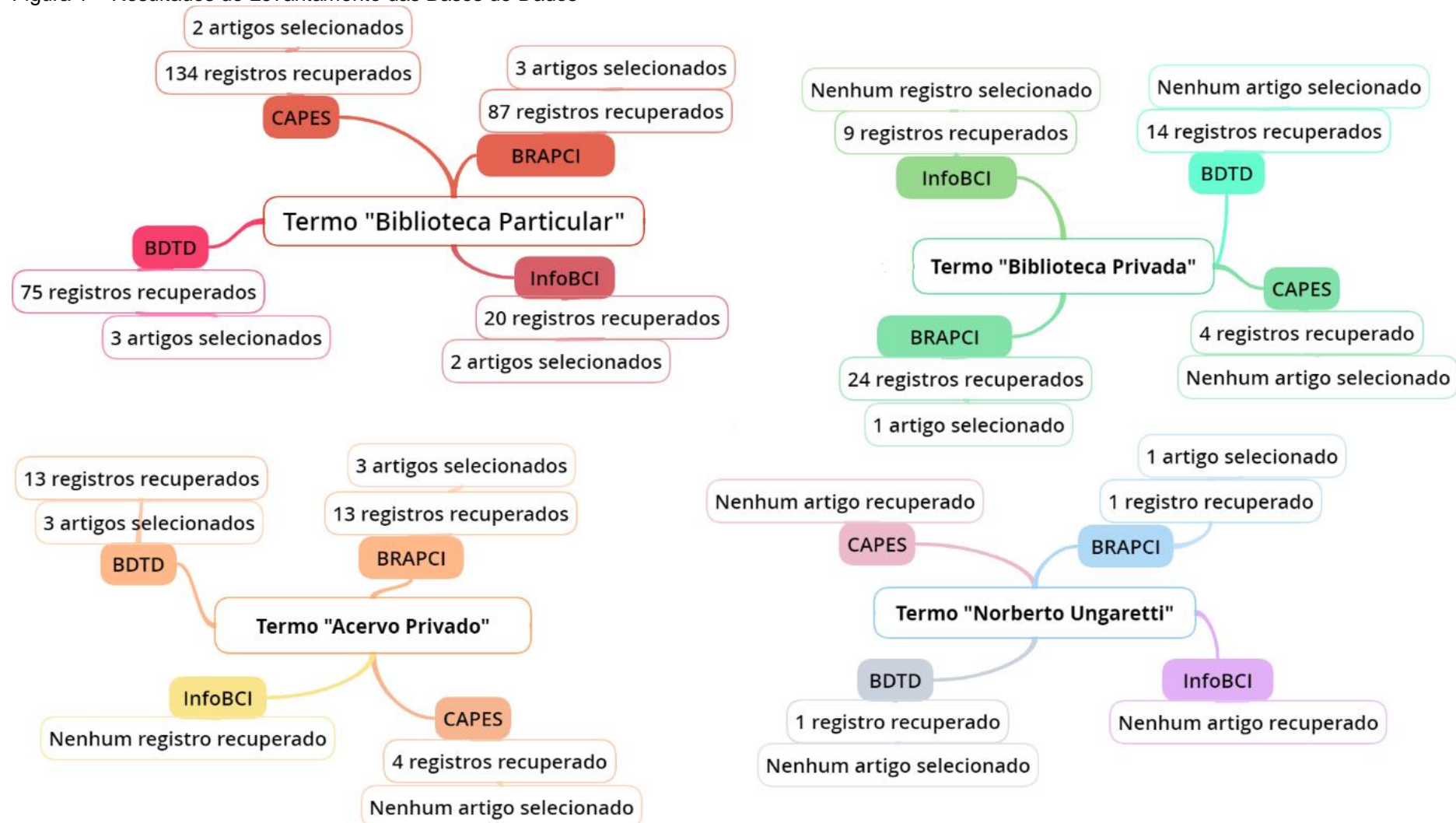
- a) Traçar uma trajetória pessoal e profissional de Norberto Ungaretti, sua atuação nos diversos campos do conhecimento, suas publicações, pesquisas e atividades institucionais;
- b) Relacionar sua trajetória profissional e pessoal a formação de sua biblioteca particular;
- c) Apontar características da coleção de Ungaretti, o professor, advogado jurista e intelectual em relação a um perfil leitor;
- d) Conhecer o processo de integração da coleção de Norberto Ungaretti ao acervo do Escritório Cavallazzi, Andrey, Restanho e Araujo, que passa a ser nomeada como Biblioteca Norberto Ungaretti.

Até o momento da qualificação, havia a evidência de muita vivência e trabalho bibliotecário relacionado ao tratamento da coleção de Ungaretti e era necessário ir além. Dito isso, o estudo do estado da arte deveria ampliar o olhar de uma pesquisadora em formação. Como subsídio para melhor compreender o universo da temática proposta foi realizado o levantamento em quatro bases de dados. As Bases escolhidas foram: Portal de Periódicos da Capes, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (BDTD/IBICT) e Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI).

O critério para essa seleção foi o recorte geográfico, sendo critério de exclusão os trabalhos internacionais. Os termos escolhidos para a busca foram “Biblioteca Particular”, “Biblioteca Privada”, “Acervo Privado” “Norberto Ungaretti” em todas as plataformas acima citadas, nos campos título, palavras-chave e resumo. Não houve recorte temporal para a realização das buscas, acreditando-se não ser necessário em virtude da temática do estudo. Foi realizada a leitura do título e resumo de todos os trabalhos recuperados, e a partir daí selecionados os trabalhos para leitura na íntegra daqueles que avaliou-se terem maior possibilidade de contribuição para o presente estudo.

O mapa a seguir demonstra o processo de busca e seu recorte:

Figura 1 – Resultados do Levantamento das Bases de Dados



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Na pesquisa na BRAPCI o termo “Biblioteca particular” recuperou um total de 87 registros, sendo apenas três desses selecionados para leitura, sendo “A importância das bibliotecas particulares incorporadas aos acervos públicos: as coleções da biblioteca central da Universidade de Brasília”, de autoria de Ana Regina Luz Lacerda que tem como tema central a importância das bibliotecas particulares que são incorporadas aos acervos de bibliotecas públicas para disponibilização ao público. Também foi selecionado o texto de Fabiana de Oliveira Bezerra e Alzira Karla Araújo Silva, com título “A biblioteca particular e sua função social: um espaço de (in)formação de leitores”, o artigo traz um relato sobre contribuição da Biblioteca Carmeval, do tipo particular, para a formação de leitores. Por fim, foi selecionada a obra “Fragmentos de memória nas marcas de uma biblioteca particular: o caso da Biblioteca de Leandro Konder” de Larissa de Oliveira Bustillos Villafan e Vera Lucia Dodebei, que discorre acerca dos acervos de bibliotecas particulares que dispõem de conjuntos de narrativas nas formas de marcas de proveniência e propriedade. Já o termo “Biblioteca privada”, na mesma base, recuperou 24 registros, sendo apenas um artigo selecionado para leitura: “Santuário de Gente: A Biblioteca Privada de José Simeão Leal”, de autoria de Bernardina Maria Juvenal Freire Oliveira. Suas discussões permeiam a biblioteca privada pessoal como espaço de construção memorialística e matéria de uma escrita de si, a partir da análise da biblioteca privada de José Simeão Leal, leitor ávido.

Já o termo “acervo privado” recuperou 13 registros, sendo três selecionados para consulta. “Bibliotecas e aquisição de arquivos privados: a experiência da UNIRIO com a Coleção Especial Guilherme Figueiredo” de Durval Vieira Pereira e Marcia Valéria da Silva de Brito Costa, dissertam acerca da importância de arquivos privados integrados à acervos de bibliotecas, como forma de relacionar as diversas formas e suportes de informação. Gabriela Ayres Ferreira Terrada e Vitor Manoel Marques da Fonseca traçam uma visão arquivística dos arquivos privados institucionais com a pesquisa “Perfil e lugar dos arquivos privados institucionais em entidades custodiadoras cariocas”. Outro título selecionado para leitura foi “Produção acadêmica sobre arquivos privados: uma análise bibliométrica na Brapci” de Marcelo Calderari Miguel e Rosa da Penha Ferreira da Costa, que trata de uma pesquisa bibliográfica que analisa a temática ‘Arquivos Privados’ nos periódicos da Ciência da Informação.

Por outro lado, o termo “Norberto Ungaretti”, retornou um registro do próprio autor, com o título “Palavras do Presidente da Associação de Amigos do Arquivo Público do Estado Sr. Desembargador Norberto Ungaretti”, que trata de uma conferência em evento sobre o arquivo.

Na continuidade do levantamento, foi acessada a base de dados InfoBCI, nesta elencou-se o termo “Biblioteca particular” que recuperou 20 registros. “Sendas entre o visível e o invisível: a biblioteca como “lugar de memória” e de preservação do patrimônio” de Fabrício José Nascimento da Silveira, que em síntese trata sobre a relação entre as bibliotecas e o universo da memória e do patrimônio. “A doação da biblioteca João do Rio ao Real Gabinete Português de Leitura: aspectos de uma história pouco conhecida” de Fabiano Cataldo de Azevedo, que narra o resultado de investigação acerca da origem da Biblioteca Paulo Barreto (João do Rio) no Real Gabinete Português de Leitura. Nessa base ainda utilizou-se o termo “Biblioteca privada” recuperando nove registros, porém nenhum título foi selecionado para figurar nessa análise. Os termos “acervo privado” e “Norberto Ungaretti” não obtiveram nenhum retorno da pesquisa.

Na base da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, a busca com o termo “Biblioteca particular” recuperou 75 trabalhos, dos quais três foram selecionados para leitura na íntegra, após a análise dos títulos e resumos. Destaca-se entre estes “Eudoro de Sousa e sua biblioteca: dispersão e fragmentos de um pensamento” (2015), de Bruno de Alves Borges, que disserta sobre a incorporação de diversos acervos particulares a biblioteca da UNB, e “O estudo da coleção de livros da sociedade dos cem bibliófilos do Brasil da Biblioteca Central da Universidade de Brasília” (2016) de Maria de Fátima Medeiros de Souza, que estuda a coleção de livros editada pela Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil(1943-1969) do Setor de Obras Raras da Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/ UnB. E ainda “Vicente Salles: trajetória pessoal e procedimentos de pesquisa em Música” (2007), monografia essa que trata de aspectos biográficos e de parte da obra de Vicente Salles (Caripi, Pará, 1931) – antropólogo, historiador e folclorista, autor de estudos na área de música e colaborador da musicologia brasileira – seus procedimentos e técnicas de pesquisa e os principais temas por ele desenvolvidos na pesquisa em música.

Já o termo “acervo privado” recuperou 13 resultados e foram selecionados três textos: “Memórias, deslocamentos, lutas e experiências de um exilado espanhol:

Pedro Brillas (1919-2006)” de Geny Brillas Tomanik. Essa tese, que objetiva analisar e discutir a trajetória de vida de Pedro Brillas, tem como fio condutor e corpo documental o seu acervo privado. Outro texto selecionado foi “Rui Barbosa nas exposições comemorativas da Casa de Rui Barbosa” de Leila Estephania de Moura, que com essa pesquisa busca construir a memória sobre a vida e a obra de Rui Barbosa. E por fim, “Arquivos privados e patrimônio documental: o programa de preservação da documentação histórica – pró-documento (1984-1988)” de Talita dos Santos Molina, que trabalha nessa tese um estudo sobre o processo de criação e atuação do Pró-Documento - Programa Nacional de Documentação da Preservação Histórica desenvolvido pela extinta Fundação Nacional Pró-Memória – FNPM e que, entre os anos de 1984 e 1988, teve como objetivo central a preservação de acervos privados como conjuntos documentais importantes para a recuperação da memória e da identidade nacional.

Na mesma base, o termo “Biblioteca privada” recuperou 14 resultados e “Norberto Ulysséia Ungaretti” recuperou um resultado, porém nenhum desses foi selecionado por não pertinente a pesquisa.

No Portal de Periódicos da Capes, a busca com termo “Biblioteca particular” foram recuperados 134 resultados, e selecionados dois artigos para leitura: “Deus e o diabo na biblioteca de um cônego da Bahia: o inventário dos livros do padre Manoel Dendê Bus em 1836”, de Pablo Antonio Iglesias Magalhães” que investiga e cataloga a biblioteca particular do cônego da Sé da Bahia, Manoel José de Freitas Baptista Mascarenhas (Manoel Dendê Bus). O inventário do referido padre traz a lista de 176 obras arroladas pelo livreiro e impressor José Paulo Franco Lima em 1836. A partir desta lista foi possível identificar e reconstruir um catálogo de uma biblioteca privada formada na Bahia entre o fim do período colonial e a Regência; e “Sobre una biblioteca particular de escritores antioqueños” de Uriel Ospinae, que traz registros sobre as bibliotecas particulares. Dois outros termos “Biblioteca privada” e “acervo privado” foram lançados e recuperaram quatro itens resultados, porém nenhum desses foi selecionado por não pertinente a pesquisa, e “Norberto Ungaretti” não recuperou nenhum resultado.

A realização do levantamento nas bases de dados citadas, possibilitaram construir uma revisão de literatura que mostrou-se uma importante etapa para a



pesquisa, pois apresentou contribuições teóricas e metodológicas, além de mostrar o recorte da temática.

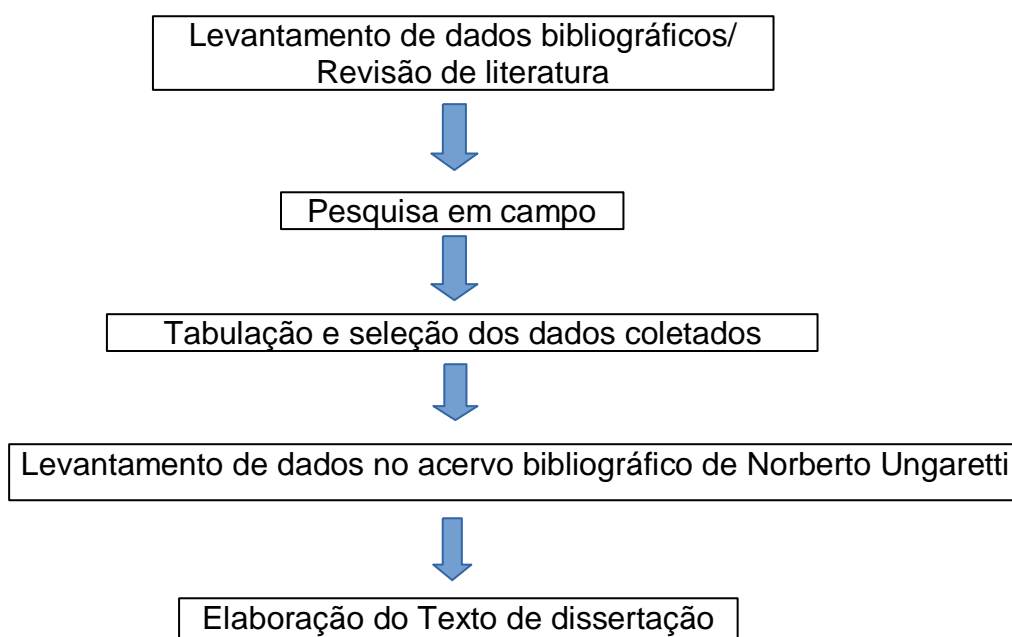
Alicerçado ao estado da arte ou revisão bibliográfica a metodologia traz à pesquisa os caminhos trilhados para a concepção dessa dissertação.

Metodologicamente o presente estudo é de abordagem qualitativa. Para Tonzoni-Reis (2009) a pesquisa qualitativa é aquela em que se interessa compreender e interpretar conteúdos, ao invés de descrevê-los. Minayo (2010) coloca que a pesquisa qualitativa vem para ser utilizada em questões com um nível de realidade que não pode (ou não deve) ser quantificado. Dessa forma, o estudo qualifica-se como tal, pois a princípio não tem interesse em quantidades, sob a ótica de que a quantificação de nenhum aspecto viria a agregar informações relevantes para a pesquisa. Oportuno ressaltar que será debatido na presente pesquisa a relação das fontes escolhidas com o personagem que está sendo investigado.

No que diz respeito ao método de procedimento, a presente pesquisa caracteriza-se como documental, tendo em vista que utilizará documentos como fonte principal para sua análise. Gonsalves (2007) aponta como documento o material que não recebeu tratamento analítico, dessa forma, documentos são fontes primárias. Alves (2003) aponta como exemplos de fontes nas pesquisas documentais certidões, laudos, cartas pessoais, fotografias e atas. Sobre as fontes documentais, Eggert-Steindel (2011, p. 3) observa que estas se: “[...] apresentam com diferentes potenciais a medida que novas questões são postas à elas, isto é, uma fonte documental pode ser lida, (re)lida, revisada à luz de diferentes perguntas e por diferentes aportes teóricos inscritos nos diferentes campos do conhecimento humano”.

As fontes utilizadas para a realização da presente pesquisa foram as obras pertencentes a Coleção particular do Professor Norberto Ungaretti, que estão localizadas na Biblioteca Norberto Ungaretti, no Escritório Cavallazzi, Andrey, Restanho e Araujo Advocacia, no Centro de Florianópolis. Também foram utilizadas fontes documentais localizadas nos arquivos e bibliotecas da cidade de Florianópolis, que corroboram com o elucidar do perfil biográfico.

O passo a passo da execução das pesquisa pode ser visualizado na imagem abaixo:



Por ser uma coleção que ainda está em fase de processamento, para então ser incorporada ao acervo do Escritório, estima-se que tenha em média cerca de 4 mil obras, que vão desde livros, periódicos, recortes de jornais, fotografias, decisões judiciais e manuscritos do próprio Ungaretti. As obras desse acervo são das áreas de direito primordialmente, precedidas pelas áreas de Ciências Humanas como história, historiografia, geografia, teologia, além de diversas obras que abarcam a literatura, dentre outros. Além dos livros, a coleção incorpora dicionários e obras em seu idioma original de publicação, Jurisprudências e Acórdãos de autoria de Ungaretti, encadernados por ele. Além disso, estimamos que a coleção possua cerca de 50 títulos de diferentes periódicos, com vários volumes, destacando principalmente as áreas interesse de Ungaretti: Direito Processual Civil, Direito de Família, História e Geografia Catarinense.

As Ciências Humanas e da Educação também ganham destaque nessa coleção. As temáticas permeiam área como história e historiografia do Brasil, História Catarinense, História militar da qual há três manuscritos originais com Registro do Ministro da Guerra datados em 1830, história da Educação Catarinense, geografia, teologia, além de diversas obras que abarcam a literatura nacional e *Best-Sellers*.

Pontua-se que a historicidade dos documentos explorados nessa pesquisa se dão em função das intercessões as quais eles foram sujeitos no passar do tempo até a doação ao escritório Cavallazzi, Andrey, Restanho e Araujo em 2016.

Também são analisadas fontes documentais que contribuíram em na triangulação dos dados. Essas fontes são provenientes de arquivos públicos e bibliotecas, que corroboram com a escrita da trajetória de Ungaretti. Para levantamento dessas fontes foram alvo de pesquisa o Arquivo Histórico do Estado de Santa Catarina, a Academia Catarinense de Letras, a Biblioteca Pública e o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Nessas visitas foram localizados documentos que conferem validade ao percurso de Ungaretti.

Segundo Peter Burke (2008, p. 33) as informações levantadas devem confirmar validade histórica e credibilidade à pesquisa. Nesse sentido, o autor afirma que “os historiadores culturais têm de praticar a crítica das fontes, perguntar por que um dado texto ou imagem veio a existir, e se, por exemplo, seu propósito era convencer o público a realizar alguma ação”.

Exposta a problematização do tema de pesquisa, os aspectos teórico-metodológicos e os procedimentos adotados para o levantamento das fontes necessárias à realização do estudo, apresenta-se a seguir, a estrutura dessa dissertação.

Iniciamos o texto com a introdução, aqui apresentada, seguida de duas seções e as considerações finais. A primeira seção tem como título **Norberto Ungaretti: Apresentação de um Leitor**. Esta seção é dedicada à contextualização acerca do sujeito pesquisado, onde iremos narrar uma trajetória de Ungaretti como migrante que deixa Laguna (SC) e se apropria de sentidos da cidade Florianópolis (SC), que escolhe para viver, e faz dessa cidade um local de pesquisa e interação social, política e cultural.

Na segunda seção, intitulada **Bibliotecas Particulares**: Conhecer, preservar e disponibilizar, narramos as questões ligadas à sua coleção, o processo de doação do seu acervo para integrar a, agora intitulada, Biblioteca Norberto Ungaretti.

As considerações finais do estudo, apresentam os principais resultados obtidos com essa narrativa do estudo, as limitações da pesquisa e apontam outras possibilidades de estudos desse tema emergente no contexto da história do livro, no campo da educação, no campo da biblioteconomia e ciência da informação brasileira. Completando o corpo da dissertação, apresenta-se os elementos pós-textuais, isto é, as referências citadas ao longo do texto.

## 1 NORBERTO UNGARETTI: APRESENTAÇÃO DE UM LEITOR

Norberto Ulysséia Ungaretti. Dentre tantas formas que foi descrito, escrito e rememorado, de inúmeras palavras que possam adjetivar sua jornada, aqui queremos chamá-lo de leitor.

Leitor, é um adjetivo masculino, da língua portuguesa que pode ter diversos significados dependendo de seu contexto, mas, a par, pode ser “aquele que lê; ledor, legente, lente [...]” (MICHAELIS, 2020, p. 1). O ato de ler acompanha todos os seres humano desde seu nascimento, uma jornada se inicia junto com a leitura do mundo.

Norberto Ungaretti, como preferia ser chamado, foi um leitor que experienciou diversos processo na leitura: pesquisou em instituições públicas e privadas, sejam elas bibliotecas, arquivos ou museus, construiu sua coleção particular, interagiu com obras deixando um legado de diálogo com autores e, também, foi um leitor do mundo, imprimindo sua visão por meio da pesquisa e escrita.

Desta forma, no primeiro momento, fizemos escolhas que nos levam, primeiramente, a conhecer a trajetória, os caminhos e as escolhas de Ungaretti intelectual, para, no segundo momento, conhecermos melhor a formação de sua coleção.

Nesta seção que aqui segue, descreveremos, o quanto possível, a pessoa de Norberto em suas experiências, sempre alicerçado em seu perfil como leitor, levando em consideração que sua vida multifacetada permitiu que Ungaretti desbravasse muitos mares. No primeiro momento faremos um pequeno histórico de Ungaretti, contando um pouco da sua origem, as influências que teve, sua infância, sua jornada escolar e suas escolhas profissionais. Para que tenhamos sucesso em descrever esse leitor em particular, imergimos nos documentos históricos consultados nos arquivos e bibliotecas públicas, no seu acervo pessoal e na memória de muitos que conviveram e fizeram parte dessa história.

Partindo do ponto de vista da pesquisa histórica, pretendemos que esse retrato seja o mais fiel a seu propósito, por isso não seguiremos padrões cronológicos dos fatos. Além da pesquisa empírica, trabalhamos os conceitos teóricos que embasam esse retrato em meio ao texto.

## 1.1 O QUE SE CONSERVA NA MEMÓRIA

Nas amenidades do outono litorâneo catarinense, em 15 de maio de 1936, nasce Norberto Ulysséia Ungaretti em Laguna, cidade tecida em tradições e história. Localizada ao sul do Brasil, a colonização açoriana resultou num belo conjunto arquitetônico tombado pelo patrimônio nacional. Situada na região litorânea do estado, abriga um dos maiores sítios arqueológicos de sambaquis da América, com 43 sítios arqueológicos de artefatos do povo sambaqui e dos guaranis e diversas peculiaridades de um município que se transformou em roteiro histórico cultural (LAGUNA, 2017a, p. 1).

Para além das belezas arquitetônicas da colonização, Laguna surge em terras de disputa. A fundação da vila de Santo Antônio dos Anjos de Laguna, em 29 de julho de 1676, ocorre em virtude da necessidade de apoio a Colônia do Sacramento, no Uruguai e de estabelecer ligação entre a costa e as estâncias do interior. Sua fundação vicentista se deu a Domingos de Brito Peixoto, por volta de 1684, que por ser devoto ao Santo Antônio, batizou o lugar como Santo Antônio dos Anjos de Laguna. Sua primeira providência foi a construção de uma capelinha de pau a pique, no mesmo local onde está localizada a atual capela. É a partir desta povoação que os portugueses se lançam à conquista dos territórios mais ao sul. Durante os séculos XVI e XVII, Portugal utilizou-se, largamente, do princípio jurídico do "*uti possidetis*", o direito do primeiro possuidor, tendo em vista a política de ampliação de seu território e a constância das expedições espanholas no litoral catarinense e sul do Brasil. Após a "União Ibérica", isto é, o fim dos laços que uniam Portugal e Espanha (1580-1640), os bandeirantes, cada vez mais, alargaram as fronteiras das terras portuguesas. São as bandeiras vicentistas (provenientes da Capitania de São Vicente), de caça ao índio, que atingem o Brasil meridional. Desta forma, o litoral catarinense passou a ser percorrido e conhecido, crescendo o interesse pela posse, com consequente ocupação (LAGUNA, 2017a; FECAM, 2020).

O estado de Santa Catarina foi palco de grandes transformações e cenário de eventos que mudaram os ventos da história. Assim, para percorrer uma trajetória pessoal, como é o caso neste estudo, é necessário conhecer seu contexto e navegar na história onde a figura central transitou. É por meio do estudo sistêmico do contexto

histórico que são deixadas pistas para que possamos conhecer e nos aprofundar na sua trajetória pessoal.

No intuito de construir essa história por meio da escrita, inicia-se propondo um raciocínio do todo, para então mergulhar e destrinchar os fragmentos individuais e traçar um percurso ancorado às diferentes instituições as quais Ungaretti esteve ligado. Em perspectiva, Norbert Elias (1994, p. 25) nos explica que para compreender esse fenômeno “é necessário desistir de pensar em termos de substâncias isoladas, únicas e começar a pensar em termos de relações e funções”, sendo que “nosso pensamento só fica plenamente instrumentado para compreender nossa experiência social depois de fazermos essa troca”. Aqui é válido ressaltar que esse estudo, por mais biográfico que tenda a ser, haja vista que não há como contar a história de uma coleção particular desvincilhada da história do seu idealizador, seu caráter não é biográfico, mas uma narrativa reflexiva em relação à construção da pessoa e a construção de uma coleção particular: cada passo em sua vida é reflexo em seu acervo e igualmente cada elemento do seu acervo é a construção em seu eu. Destarte, é sob a ótica da História Cultural que realizamos esse estudo.

A História Cultural, segundo Roger Chartier (1990, p. 16-17) tem como “principal objetivo identificar o modo como diferentes lugares e momentos de uma dada realidade social é constituída, pensada, dada a ler”. O autor conclui seu pensamento, reforçando ainda, que um dos caminhos para esse trilhar está acerca das “classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real” (CHARTIER, 1990, p. 17). Peter Burkert (2008) em sua singular obra intitulada “O que é História Cultural”, traz ao historiador cultural as preocupações para com o simbólico e suas interpretações. Por conta das relações pré-estabelecidas, o alicerce da construção desse perfil biográfico se abriga nas *hiperligações*<sup>8</sup> que podemos traçar entre a figura central, as figuras perpendiculares e as possibilidades que perpassam seu contexto.

Norbert Elias (1994) conceitua essas relações como uma interdependência, ou melhor, uma ordem invisível que pode não ser percebida diretamente, mas que

---

8 Apesar de seu um termo utilizado para programação de páginas *web*, utilizamos aqui esse recurso para fazer as conexões necessárias *linkadas* entre si durante a construção do nosso texto, haja vista não há como construir uma história sem conexões entre seus eventos.

fornece ao indivíduo uma gama mais ou menos restrita de funções ou modos de comportamentos baseados naquilo que lhe é apresentado nos primeiros ciclos da vida. Por esse ângulo, Ungaretti cresce imerso de cultura em uma teia histórica, que o fez navegar por diversas questões ligadas às origens culturais da sua região, da história de povo Lagunense, da genealogia familiar e dos imigrantes daquela terra.

O contexto do vivido reverbera na primeira publicação de Ungaretti. Datada em 1956, a obra intitulada “Santo Antônio dos Anjos de Laguna” é uma homenagem a sua terra natal. O ensaio tem origem na escrita de uma palestra proferida na Sociedade Cultural “Joaquim Nabuco” na sessão de 6 de junho de 1956, exaltando a cidade de Laguna, no que ele chamou de “notas”.

Nesta obra, Ungaretti entoa a seu leitor - “como já dizia o poeta: ‘todos cantam a sua terra; também vou cantar a minha’”, anunciando, desde as primeiras páginas, a importância histórica do lugar da sua narrativa e enfatizando que Laguna “é, antes de mais nada, uma cidade cheia tradições”. Sua introdução remete aos leitores o seu apego às origens. Tratando de uma obra seminal de um embrião historiográfico de Ungaretti, buscamos vestígios do exemplar na sua coleção, porém como a versão impressa da obra não foi localizada no acervo pessoal, não poderíamos deixar de rastrear sua materialidade na cidade de Florianópolis e na *web*, para localizar a possibilidade de exemplares e suas formas físicas e digitais de publicação.

Assim, após levantamentos na cidade de Florianópolis, a versão impressa da obra foi localizada em duas instituições diferentes: Arquivo Público do Estado de Santa Catarina (APES) e na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (BPSC). Parece certo afirmar que a existência dos exemplares nestas instituições reflete na estima e na possibilidade de Ungaretti tê-los frequentado. Como pesquisador, frequentemente transitava nas bibliotecas e arquivos da cidade de Florianópolis e do estado de Santa Catarina, doando presencialmente obras, como será visto a seguir.

Este cenário nos remete às palavras de Jean Marie Goulemot em sua obra “O amor às bibliotecas”. Nela, Goulemot (2011, p. 45) nos revela sua experiência dizendo: “[...] passei mais tempo lendo em bibliotecas do que comendo, frequentando cinemas ou museus, ou passando férias na praia. Menos que dormindo sem dúvida, porém, mas do que escrevendo ou lendo em meu escritório ou estendido na cama [...]”, ele conclui suas lembranças no tocante às bibliotecas, que a leitura e o trabalho nestas instituições resumiram sua principal atividade como professor e pesquisador.

Partimos do pressuposto que, talvez, assim como Jean Marie, o prof. Ungaretti também tenha passado boa parte do tempo da sua vida em arquivos na busca de dados para suas pesquisas e em bibliotecas como espaços de acolhimento para seus estudos.

Assim, quando localizamos a sua publicação no Arquivo Público de Estado de Santa Catarina e na Biblioteca Pública de Santa Catarina logo observamos sua materialidade com intuito de ler suas peculiaridades para conhecer a história daqueles exemplares. Em relação à publicação impressa da obra em questão, não há dados editoriais próprios do processo de publicação, isto é, dados de imprensa que identificam o local, editora e data de publicação de uma dada obra. Deste modo não é possível alcançar se foi uma publicação efetuada com recurso próprios ou vinculada e subsidiada por alguma instituição. Essa ausência de dados, também sugere que tenha ocorrido um processo de produção editorial artesanal realizada pelo próprio autor. De algum modo, é um indicativo que a obra originada da palestra proferida na Sociedade Cultural “Joaquim Nabuco” transformada em livro, revela um valor afetivo e intelectual para o autor em si e provavelmente instigado e apoiado por um círculo de amigos e interessados sobre a cidade Laguna.

No que tange a materialidade dos exemplares da obra, atenta-se para as diferenças da impressão do local de guarda nos aspectos físicos e técnicos dos mesmos. Neste sentido para Chartier (1996) o suporte do material determina uma prática de leitura. O autor acrescenta que cada entidade ou instituição que abriga e registra o documento armazenado infere no material conforme suas práticas de registro e a forma de identificação para posterior recuperação da informação. A impressão na materialidade da obra reflete o seu uso, seu manuseio, armazenamento e forma de recuperação da informação na sistemática adotada.

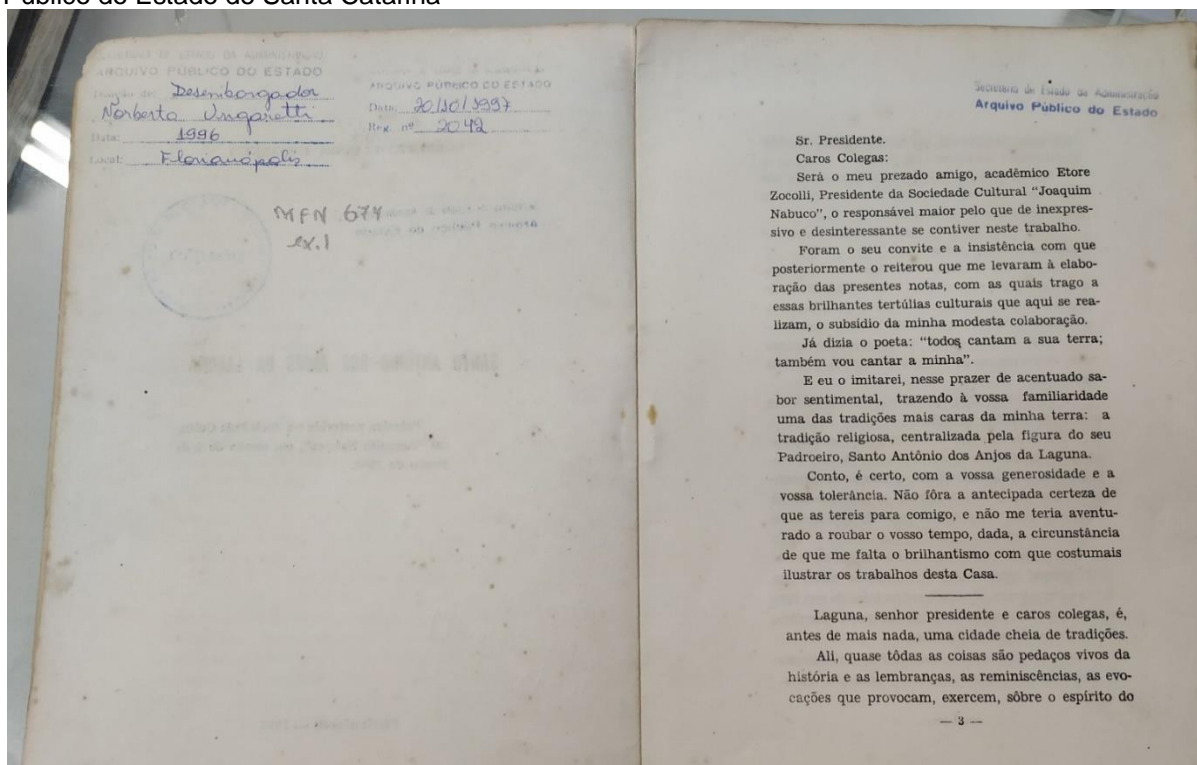
A identificação da disponibilidade dos documentos (códices/volumes) dos Fundos Documentais do acervo no APSC acontece por meio de consulta a um instrumento de localização (recuperação da informação), elaborado pelos arquivistas e bibliotecários da instituição. Os documentos são arranjados nas prateleiras conforme uma notação, ou seja, uma codificação criada para auxiliar na organização dos códices. Por meio dos Conjuntos documentais pré-existentes e das relações de datas estabelecidas, é possível recuperar as documentações que são armazenadas em salas específicas obedecendo aos requisitos que cada tipo de obra requer. Os



documentos disponíveis no arquivo não são de acesso aberto e devem ser solicitados aos colaboradores para então serem consultados. As consultas às obras devem ser feitas com luvas, máscaras e obrigatoriamente apoiados em um suporte de acrílico próprio para os documentos, evitando ao máximo qualquer atrito com o material. Lembrando aqui, que não são todos os documentos que podem ser fotocopiados devido a preservação do papel, impressão e tinta usados, por isso podemos recorrer a fotografias (sem o uso do *flash*) e a cópia manual do conteúdo.

Por conta da entidade de guarda desse material ser um arquivo e não uma biblioteca foram observadas diferenças no tratamento físico e técnico da obra. Uma das diferenças pontuais são os rastros de inferência no tratamento deixados em relação à história da obra quando recebida naquela instituição: quem realizou a doação e quando ela foi efetuada. Além disso, há carimbos com registros internos, como número de cadastro, data e em alguns casos a situação física da obra. A obra em questão foi doada pelo próprio Ungaretti ao Arquivo Público:

Figura 2 – Verso da Folha de Rosto do Livro “Santo Antônio dos Anjos da Laguna” localizado no arquivo Público do Estado de Santa Catarina

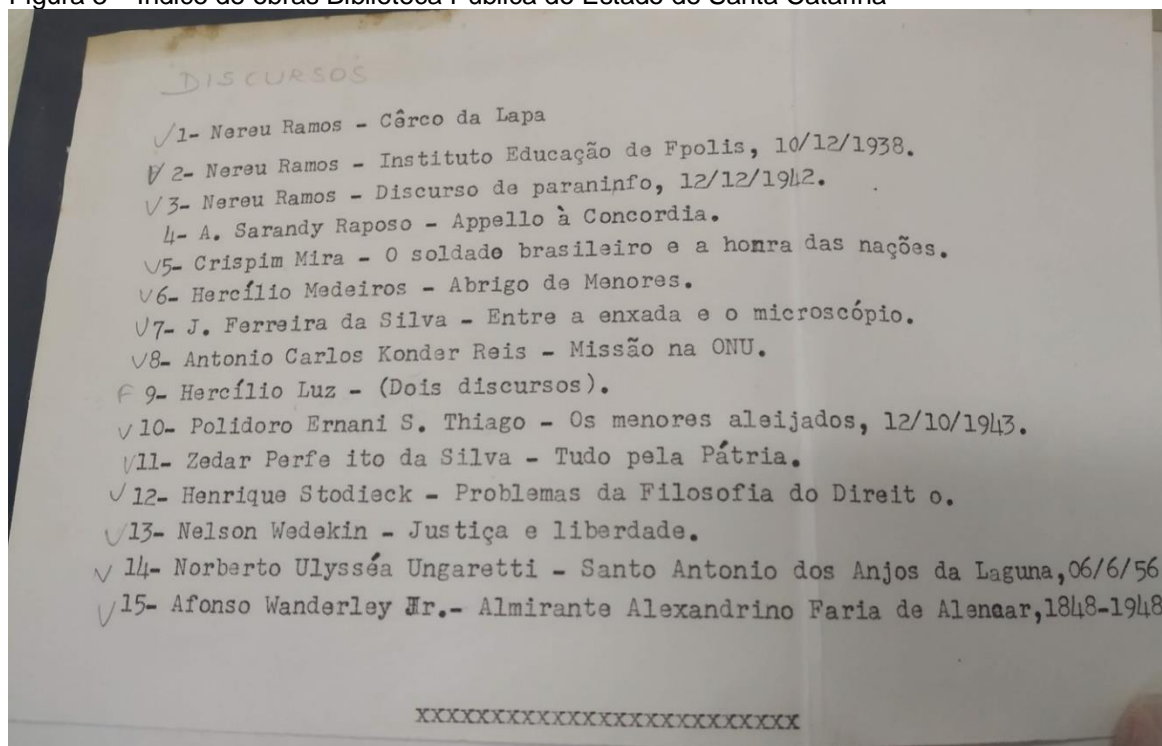


Fonte: Foto de documento localizado no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina (2019).

Estado da obra: Verso da folha de rosto com marcas de registro a lápis e carimbos. Canto superior esquerdo: Carimbo e marcações a caneta “Doação desemb. Ungaretti, 1996”. Carimbos da autarquia da secretaria de Estado da Administração a qual o Arquivo Público do Estado é vinculado. Carimbo de doação do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. No canto inferior esquerdo: número de classificação documento registrado no arquivo.

Já o exemplar disponibilizado na Biblioteca Pública de Santa Catarina (BPSC), está localizado no terceiro andar do prédio, no setor denominado “Obras Raras”. O sistema de guarda desse tipo de material na BPSC é diferenciado em relação aos materiais disponíveis no acervo aberto da instituição. As obras ficam guardadas em caixas arquivo numeradas de acordo com a indexação do material, seja por autor, seja por assunto. Para a recuperação da informação, há uma planilha Excel no computador dos colaboradores, com as respectivas obras e sua localização nas caixas arquivo, a informação deve ser solicitada aos colaboradores, para então ser localizada na sistemática adotada, não podendo o pesquisador navegar pelo catálogo. Já nas caixas arquivo há uma listagem dos materiais que estão armazenados, em ordem de localização. As obras dentro da caixa arquivo podem estar encadernadas em um volume único, como foi o caso da obra de Ungaretti, “Santo Antônio dos Anjos da Laguna” que compartilhava uma encadernação com outros discursos Catarinenses, conforme visto na imagem a seguir:

Figura 3 – Índice de obras Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina



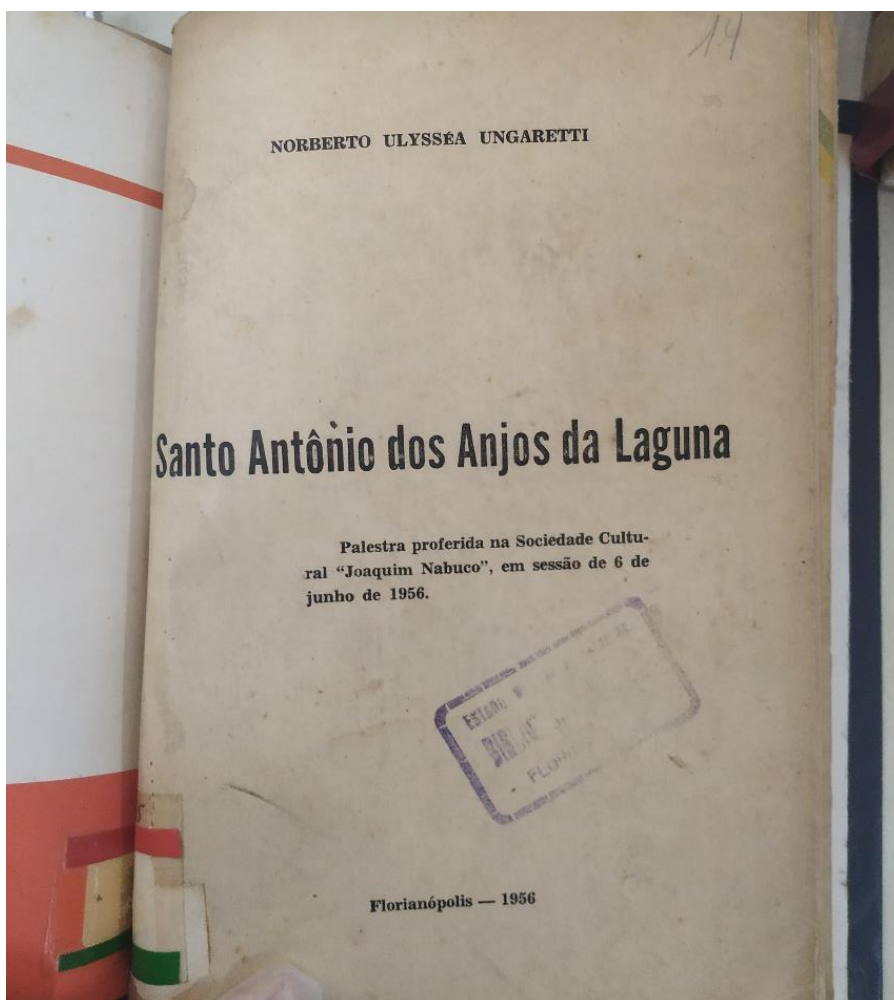
Fonte: Foto de documento localizado na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (2019).

Para acessar esse conteúdo é necessário se dirigir ao terceiro andar da BPSC, solicitar a informação desejada aos colaboradores do setor, que fazem a busca nos instrumentos e trazem as caixas para os pesquisadores garimparem dentre os

materiais disponíveis. Todos os materiais devem ser manuseados com luvas, as máscaras são opcionais.

Tendo em vista a especificidade, necessidade de guarda, preservação e raridade do material, não são utilizados instrumentos de tratamento técnico tradicionais, mas sim métodos que melhor organizem a informação e sua recuperação. Há, entretanto etiquetas que demonstram codificações anteriores. Pode ser observado na figura a seguir, o volume encadernado no qual está disponível o livreto “Santo Antônio dos Anjos da Laguna”. A encadernação que agrupa os textos é realizada pelos colaboradores especializados da BPSC:

Figura 4 – Livro Santo Antônio dos Anjos da Laguna localizado na Biblioteca do Estado de Santa Catarina



Fonte: Foto de documento localizado na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (2019).

Estado da obra: Capa íntegra original, porém faz parte de um volume encadernado pela BPSC. Possui carimbo da Biblioteca. Possui vestígios de etiquetas antigas retiradas da capa/lombada. A obra está completa e contém 13 páginas.

Além de rastrear localmente a disponibilidade das obras físicas, procedemos em buscas por meio na *internet*, com o intuito de localizar mais versões da obra ou

mesmo rastros de comercialização por meio de sites de sebos virtuais, mas encontramos apenas a publicação digital do texto integral no periódico científico revista *Ágora – Arquivologia em debate*, v. 11, nº 23, de 1996<sup>9</sup>.

Podemos relacionar o lugar de fala de Ungaretti ligado ao seu lugar conceitual, ou seja, sua vinculação como historiador. Assim, é simbólica a sua relação com sua cidade natal, a ponto dessa ser a temática de seu discurso que foi publicado como ensaio, posteriormente. Mesmo que essa não seja uma publicação editorial, é relevante destacar que Ungarretti direcionou a doação da sua obra para duas instituições representativas ao coletivo catarinense: Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, que têm como missão disseminar a informação, e o Arquivo Público do Estado de Santa Catarina que em seu arcabouço guarda e preserva a memória do estado. Nesse sentido, para Certeau (1999) a história é a combinação três fatores: o **lugar social**, ou seja, lugar do discurso, as **práticas científicas**, ou procedimentos de análise, e a **escrita**, que é a construção do texto efetivamente. Para esse autor, a peculiaridade do lugar de fala, é uma habilidade de domínio de quem realiza a investigação, ou seja, é terreno do historiador que navega de forma profunda naqueles mares. Certeau (1999) afirma que o modelo subjetivo é baseado no sistema de referência, onde o saber está ligado ao lugar, sendo impossível analisar o discurso histórico isolado da instituição da qual ele se organiza. Portanto, estabelece-se como prioridade nessa pesquisa, conhecermos as relações simbólicas que estão imersas as narrativas pessoais de Ungaretti, pois é nesse momento da história do personagem que são feitas muitas de suas escolhas e é a partir disso que ele passa a imprimir a sua história.

Entre as páginas da obra que exalta sua cidade natal, Ungaretti transparece como foi crescer na Laguna: um mergulho em poesia, mística e tradição. Em sua obra, questiona por qual razão Laguna foi batizada de “Santo Antônio dos Anjos”, e em seguida responde seu questionamento, afirmando que não se busca saber e tão pouco era necessário responder a esse, pois correria o risco de quebrar o encanto poético das lendas que floresceram em torno do seu nome (UNGARETTI, 1956, p. 8). Elias (1994, p. 25), nesse sentido, enfatiza que o alicerce social é pontual para a formação, tendo em vista que “a relação entre os indivíduos e a sociedade é uma

---

9 A versão digital pode ser consultada por meio do site do Periódico *Ágora – Arquivologia em debate*, no link: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/166/pdf>

coisa singular.”. E é dessa forma que Ungaretti (1956) deixa pistas de como as tradições de sua cidade impactaram na sua construção como indivíduo.

Ilustrando esse universo, dentre as páginas de sua publicação, o autor discorre sobre o início anual das novenas, compostas especialmente para a celebração antonina, com início no dia 1º de junho e estendem-se até dia 13 do mesmo mês. Em meio a esse discurso, Ungaretti corrige o uso do termo ‘novenas’ para ‘trezenas’, sem deixar de dar o sentido apropriado ao uso da palavra, porém ressaltando o termo que deveria ser usado. Para Chartier (1996) essa é uma prática de “protocolo de leitura” na edição, onde o autor dialoga e propõe uma correção com questões corriqueiras ou tradicionais.

Culturalmente, o padroeiro da cidade, Santo Antônio, está em evidência em todos os momentos da celebração antonina. Ungaretti (1956, p. 11) ressalta que é elevada a importância desse momento para o lagunense, pois muitos que residem fora da cidade retornam exclusivamente para apreciar o momento. Ungaretti enfatiza que todos os lagunenses têm em sua vida um pedaço das novenas de Santo Antônio e nas novenas de Santo Antônio um pouco das “nossas vidas”. Le Goff (1990, p. 423) afirma que “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Assim, conhecer o contexto social é identificar que o “modo como os indivíduos se portam é determinado por suas relações passadas ou presentes com outras pessoas” (ELIAS, 1994, p. 26). Em função da memória que guardamos, seja em seus aspectos biológicos como nos psicológicos, durante nosso percurso, podemos ampliar nosso campo de conhecimento e desenhar nossa trajetória. Le Goff (1990, p. 425) em leitura a Pierre Janet considera que o ato mnemônico fundamental é o “comportamento narrativo” que se caracteriza, antes de qualquer coisa, pela sua função social de comunicação.

Interpretações e simbologia também compõem as páginas do ensaio, entrelaçando lembranças, memórias e vivências. Nas palavras de Ungaretti (1956, p. 9), a imagem de Santo Antônio, na ‘Velha Igreja Matriz’, é impressionante e estabelece uma comunicação com quem está ali: “os olhos parecem que falam e a fisionomia, reveste expressão indefinida, austera e suave, energética e bondosa, enigmática e complacente”. Suas mãos seguram uma cruz e um livro. A Cruz na interpretação de

Ungaretti é a poderosa arma dos Santos; o livro “deve, certamente, ser a orgulhosa sabedoria dos homens esmagada pelo infinito poder do senhor”. O simbolismo na interpretação à religiosidade é resultado da fusão entre a educação católica e espírita como base das famílias Ulysséa-Ungaretti.

Assim, em meio à costumes, em uma cidade provençal, Ungaretti cresce em uma família tradicional de Laguna. Seu pai, Gil Ungaretti, era viúvo de seu primeiro casamento com Rosa Amantti Ungaretti, com quem teve três filhos: Juaci, Gilson e Gilsony (dona Sony). Após o falecimento de sua primeira esposa, Gil casou-se em segundas núpcias com Otília Cabral Ulysséa, em 17 de outubro de 1931. Desta união nasceram os filhos Newton, Norberto, Edson e Heitor. Os dois últimos falecidos prematuramente (GUEDES JÚNIOR, 2019).

A estrutura familiar é um dos alicerces na construção do indivíduo. Ungaretti, nesse sentido foi herdeiro de uma família que possuía favorecidas condições socioeconômicas e que se preocupavam com uma boa instrução. Nesse sentido, pôde converter o capital econômico em capital intelectual, pois possuiu acesso à instituições de ensino de qualidade, à leitura, cultura e meios politizados, que contribuíram para sua formação pessoal e intelectual. Elias (1994, p. 21) considera que a formação do indivíduo se dá no ponto em que nasce e cresce na “teia humana”, sendo fatores pontuais no seu desenvolvimento as funções que seus entes próximos exercem. Ungaretti, desde cedo, desfrutou de ambientes e conviveu com figuras nos cenários da política, cultura e educação catarinense.

Seu pai, Gil Ungaretti, foi dentista atuante e, também, prefeito nomeado na cidade de Laguna. Sua trajetória se reflete na construção de Norberto como futuro político. Gil nasceu em 18 de agosto de 1892 e era natural do estado do Rio Grande do Sul. Quanto a sua cidade natal temos algumas dúvidas, tendo em vista que os documentos consultados apontam para as cidades de General Câmara, Rio grande e Porto Alegre. Ungaretti corrige essa informação, como pode ser visto na Figura 6 - Historia e Genealogia da família Ulysséia, complementando também por meio da dedicatória do seu livro “Laguna: um pouco de história”, editado no ano de 2002, que afirma que a cidade de nascimento do pai é, de fato, Porto Alegre.

Com o intuito de cursar graduação em odontologia, Gil muda-se para Florianópolis e se forma como cirurgião dentista pelo Instituto Polytécnico, em 1923. Na construção do indivíduo, o processo familiar é singular, Elias (1994, p. 25) ilustra

que não se compreende uma “melodia examinando-se cada uma de suas notas separadamente, sem relação com as demais, [...] sua estrutura não é outra coisa senão a das relações entre as diferentes notas”. De igual forma, na construção de uma casa, a estrutura não são as pedras isoladas, “mas as relações entre as diferentes pedras com que ela é construída; é o complexo das funções que as pedras têm em relação umas às outras na unidade da casa”. As funções, em relação à estrutura da casa, não podem ser explicadas “considerando-se o formato de cada pedra, independentemente de suas relações mútuas; pelo contrário, o formato das pedras só pode ser explicado em termos de sua função em todo o complexo funcional” (ELIAS, 1994, p. 25).

Em muitos caminhos Ungaretti segue os passos do pai. Gil, após concluir os estudos, fixa residência em Laguna, onde fica muito conhecido atuando como cirurgião dentista. Na política ocupou o cargo de presidente da Aliança Liberal. Com a revolução de 1930<sup>10</sup>, que levou Getúlio Vargas ao poder, foi nomeado prefeito da cidade de Laguna pela Junta Governativa que assumiu o estado (GUEDES JÚNIOR, 2019). Entretanto, Gil Ungaretti governou Laguna poucos dias, de 12 de outubro de 1930 a 28 do mesmo mês. Ficou no cargo somente até a vitória da revolução, onde transmitiu o cargo para o Coronel José Fernandes Martins (Zeca Fernandes). Faleceu na Laguna em 26 de março de 1973. Hoje seu nome é homenageado em uma das ruas do bairro Esperança, cidade de Laguna (GUEDES JÚNIOR, 2019). Nesse aspecto, como em tantos outros, Norberto Ungaretti se aproxima em trajetória com seu pai, pois também seria mais tarde homenageado na Laguna, via Projeto de Lei n.º 0021/2017 onde se denomina Avenida Desembargador Norberto Ulysséa Ungaretti, a Estrada Geral da Barbacena, que se inicia no Bairro Portinho, margem com a Rodovia SC-436, e segue em direção a Barbacena no sentido Norte, onde se encontra com a BR-101 (LAGUNA, 2017b).

Gil se destacou na cidade de Laguna por suas habilidades como dentista e aptidões no trânsito do mundo da política. Na figura que segue, trazemos um recorte

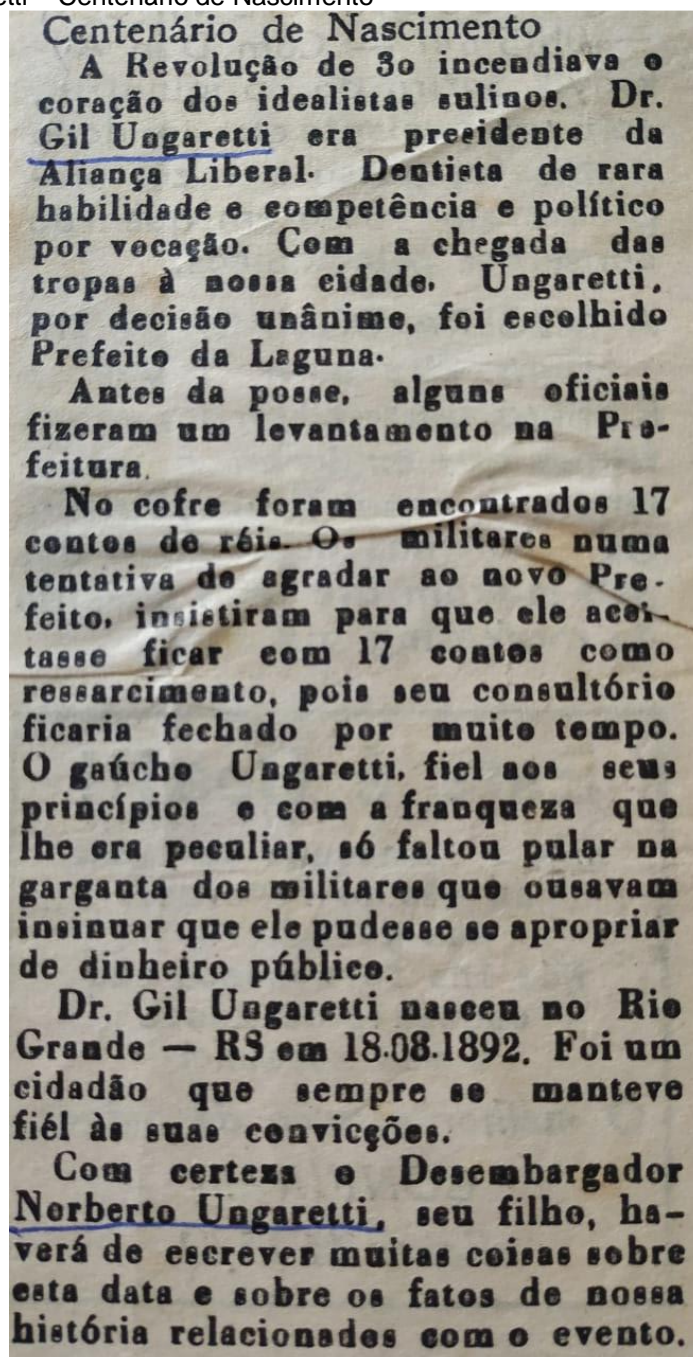
---

10 Para Zanelatto (2012, p. 241) Laguna destacou-se, juntamente com Araranguá e Tubarão, até a década de 30 por haver um predomínio político das elites luso-brasileiras. Em Laguna, nos três anos após a revolução de 30 houveram sucessivas alterações no Executivo municipal, com nomeações provisória, demissões, gestões de curta duração, interrupção da administração e disputas internas no diretório do Partido Liberal. Com a tomada de Laguna, no movimento de 1930 e a nomeação de Gil Ungaretti, para um curto governo provisório, iniciava-se um período conturbado da história política da cidade.



de jornal, localizado nas caixas arquivo da biblioteca Ungaretti. O documento celebrava o centenário de nascimento de Gil Ungaretti. Ungaretti, como leitor atento sobre dados da sua família, efetuou seus destaques:

Figura 5 – Gil Ungaretti – Centenário de Nascimento



Fonte: Arquivo pessoal (Biblioteca Norberto Ungaretti, 2019).

Possível data de publicação: 18 de agosto de 1992

Local de publicação original: desconhecido.

Estado do recorte: Com grifos, acreditamos que sejam efetuados por Ungaretti.

Em relação aos seus laços de parentesco maternos, é por meio da obra “Historia e Genealogia da família Ulysséia”, que podemos conhecer um pouco mais



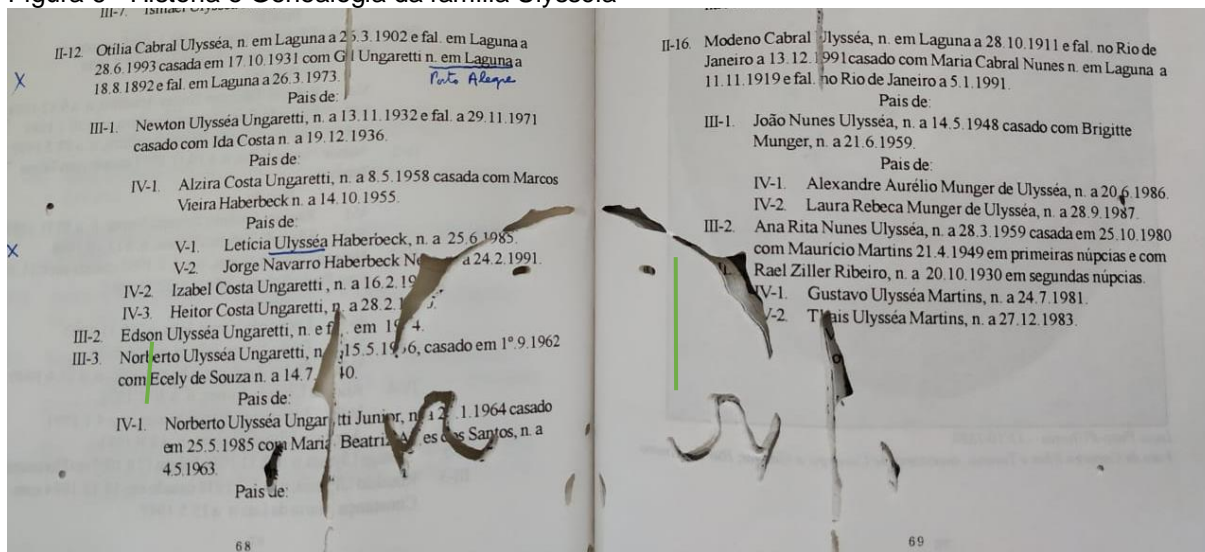
da tradicional família que esteve presente nos momentos elementares da construção da cidade de Laguna. A obra localizada na coleção particular de Norberto é de autoria de Rogério Cabral Ulysséia – amigo, colega de ginásio e primo de Norberto Ungaretti, e é a partir dessa leitura que conhecemos melhor Otília Cabral Ulysséia, mãe de Norberto.

No contato com a obra em questão, chegamos a duas conclusões iniciais: a primeira é a inegável ação do tempo que revela as condições às quais o acevo foi armazenado ao longo dos anos; e a segunda são as apropriações do texto por meio de marcas de leitura realizadas por Ungaretti, enquanto leitor, com caneta esferográfica azul.

Neste sentido, é relevante a compreensão acerca das discussões pontuadas pelo historiador Michel de Certeau (1994) que nos esclarece sobre a triangulação existente entre leitor, obra e temporalidade. Nessa relação, o leitor em seu papel, opera na leitura, onde o livro é um efeito e uma construção do leitor. Certeau (1994, p. 264) ainda realça que não se deve considerar a prática da leitura como uma operação passiva, já que no ato da leitura, “o leitor inventa nos textos outra coisa que não aquilo que era a ‘intenção’ deles”. Norberto, como leitor, possuía livre autonomia diante dos textos, haja vista que sua prática de leitura despendia “das relações sociais que sobredeterminam sua relação com os textos.” (CERTEAU, 1994, p. 264-268). Assim, as práticas de leitura utilizadas por Ungaretti no despende de suas leituras mostram um constante diálogo com as obras, interagindo com os textos, efetuando sinalização e corrigindo informações (CHARTIER, 1996).

Podemos verificar essa interação na figura 6:

Figura 6 - Historia e Genealogia da família Ulysséia



Fonte: Ulysséia (1997, p. 68-69).

Estado da obra: Capa íntegra. Folhas com grifos. Marcas intensas de traças nas páginas que estão grifadas. Demais páginas semi-íntegras. Marca páginas da obra sinalizando marcação da página 61, início do capítulo de Ismael Pinto Ulysséia. Páginas finais descoladas da Brochura.

Legenda: Otilia foi filha, dentre dezenove irmãos, de Ana Guimarães Caral (1867-1965) (sem dados biográficos) e do médico Ismael Pinto de Ulysséia (1860-1938), formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, serviu a população lagunense por cerca de 40 anos. Teve rápida participação no cenário político no período final do Império e inicial da República brasileira. Ao final da vida, se dedicou ao estudo da filosofia espiritualista (ULYSSÉIA 1997, p. 61). Sinalizamos, em verde e laranja as relações de Otilia e Norberto na genealogia da família.

Voltando ao círculo familiar de Norberto, as palavras de Rogério Ulysséia (1997, p. 9) no prefácio da sua obra exaltam uma característica comum na família Ulysséia: “a simpatia e o apego aos laços familiares”. De origem portuguesa, provenientes da Villa de Lagoa, no Algarve, fixaram residência em Laguna em 1845, participando efetivamente na construção da sociedade lagunense. A família Ulysséia atuou como fundadora de diversos clubes, como: Sociedade Carnavalesca Lagunense, Sociedade Carnavalesca Filhos do Sol, Club Ginástico Blondin, Clube de Natação e Regatas Lauro Carneiro, Clube de Regatas Almirante Lamago, Sociedade Recreativa Congresso Lagunense, Barriga Verde Futebol Club, Tiro de Guerra 137, Asilo Mendicidade Santa Isabel, Associação das Damas de Caridade, Associação Comercial de Laguna, Loja Maçônica, Comissão Regional de Escoteiro e Sociedade Amigos de Laguna.

Destacaram-se também nas letras, música e no ensino. A mãe de Norberto, Otilia Ulysséia Ungaretti, foi educadora, trabalhando como professora primária. Sua formação foi na Escola Normal de Florianópolis, onde concluiu o curso em 1919. Em 1922 começou a lecionar no grupo escolar Gerônimo Coelho e lá atuou até se

aposentar, em 1947 (ULYSSEÁ, 1997). Nesse percurso, Otília foi professora de seu filho, Norberto Ungaretti, no seu primeiro ano escolar. Nesse sentido, para além da situação social de seus pais, a escolarização que se recebe também é fator pontual na formação, chegando ao ponto de sua liberdade de escolha entre as funções preexistentes ser bastante limitada (ELIAS, 1994).

Notamos que a trajetória das mulheres na família Ulysséa é pouco destacada nessa e em outras obras, tampouco há documentado dados acerca da trajetória de sua mãe, Otília. Na genealogia da família, em espaço destinado à descrição dos membros, ela aparece singelamente como professora, porém não localizamos mais nenhuma outra informação que poderia triangular com seu perfil.

Ungaretti, na epígrafe do seu livro “Laguna: um pouco do passado”, ressalta que a publicação da obra, no ano de 2002, é uma especial homenagem a sua mãe em decorrência do centenário do seu nascimento, que ocorreu em 26 de março do mesmo ano. Em suas palavras, a lembrança que guarda é como “Mãe e mestra, revelou-se inexcedível em ambos estes misteres de amor. Devo-lhe muito e muito do que sou. Foi ela, além de tudo, a melhor criatura humana que conheci, a mais generosa e iluminada” (UNGARETTI, 2002, p. 15). Otília é homenageada como patrona da Escola de Educação Básica Professora Otília Ulysséa Ungaretti, na Cidade de Cerro Negro, localizada na serra de Santa Catarina, infelizmente não há mais dados sobre esse aspecto.

Ungaretti, inicia o curso primário no Grupo Escolar Jerônimo Coelho. A grade curricular neste tempo escolar tinha um forte conteúdo cívico, o qual certamente esse educando vivenciou. O Grupo Escolar Jerônimo Coelho foi fundado em 1911, pelo Governo Estadual, sendo o segundo grupo escolar do Estado, e um dos primeiros no país, a adotar o sistema de horário integral. A disciplina e o rigor da preparação para a cidadania são traços fortes que acompanham a memória de quem lá estudou: “tínhamos que cantar o Hino Nacional, da cidade e da bandeira” relembra Pinho Moreira, que frequentou de 1ª a 4ª série, confirmando que o civismo era ponto forte. Por lá passaram também o ex-governador Colombo Salles, o ex-vice governador, Eduardo Pinho Moreira, e o presidente do Conselho Estadual de Educação, Maurício Fernandes Pereira. Tombado como patrimônio histórico, o prédio está situado próximo à Fonte da Carioca, ponto turístico de Laguna. A escola ainda preserva os móveis

originais e cadernos de registro com o nome dos alunos que frequentaram a instituição (PIBID, 2015, p. 1; ABREU, 2013, p. 1).

Já o secundário, Ungaretti realizou no Ginásio Lagunense, que foi fundado em 16 de Abril de 1932, mas teve a primeira aula reconhecida pelo governo apenas em 8 de março de 1933. Posteriormente, estudou na Escola Técnica de Comércio Lagunense, fundada em 1949, que proporcionava aos alunos além da aprendizagem do ensino técnico mercantil, a oportunidade de cursar um curso universitário — que equivale a um curso ginásial (ABREU, 2013, p. 1).

Após concluir a formação secundária em Laguna, optou por continuar seus estudos em Florianópolis, que coincidiu com o convite para ser chefe de gabinete do então governador Jorge Lacerda, que tomou posse no governo do estado de Santa Catarina em 1956<sup>11</sup>. Lacerda, ainda na condição de deputado estadual, buscava sempre estar a par das questões ligadas à melhoria da barra e porto de Laguna, assunto vital para a economia da cidade e da região. Em razão disto, mantinha frequentes contatos com a Associação Comercial de Laguna, solicitando informações, relatórios, estatísticas, etc., função essa que era de Norberto, que ainda estudante secundário, era funcionário daquela entidade (SEVERINO, 2009).

Já em Florianópolis, Ungaretti atuou como Secretário Particular e chefe de gabinete do governador, sendo seu confidente e conselheiro desfrutando de sua irrestrita confiança até o prematuro falecimento no desastre aéreo de 1958<sup>12</sup> (PEREIRA, 2014, p. 1).

Ungaretti recorda o momento que chega a Florianópolis para iniciar sua jornada como servidor público, onde seu primeiro dia de trabalho foi também o primeiro dia do

---

11 “Durante sua gestão empreendeu, entre outras obras, o início do asfaltamento da rodovia Itajaí-Blumenau e a abertura da estrada-tronco em direção ao planalto, lançando ainda as bases para a instalação da Sociedade Termelétrica Catarinense (Sotelca) e iniciando a construção do novo Instituto Estadual de Educação de Florianópolis” (FGV, 2019, p. 1).

12 “Um avião “Convair” de passageiros caiu em 1958, perto da Colônia Muricy, em São José dos Pinhais. Foi o segundo maior acidente aéreo da história do Paraná, com 18 mortos, entre os 24 ocupantes. O final da tarde era de chuva forte e o avião pode ter sido atingido pelo vento, quando se preparava para descer no Affonso Pena. Morreram o então senador e ministro da Justiça, Nereu Ramos, o governador de Santa Catarina, Jorge Lacerda, e o deputado federal Leoberto Leal. Entre os mortos estavam ainda os cinco tripulantes, e o padre Osvaldo Gomes, um dos fundadores do Colégio Nossa Senhora Medianeira. O avião tinha saído de Porto Alegre, com escala em Florianópolis. Em Curitiba o piloto sobrevoava a região, esperando autorização para descer, que viria da torre de controle do aeroporto. Mas houve preferência para uma decolagem. O avião da Cruzeiro, pilotado pelo comandante Licínio Correia Dias, caiu logo a seguir na região de Capão do Cerrado, próximo à Colônia Muricy, em São José dos Pinhais, a 30 quilômetros de Curitiba” (WILLE, 2019, p. 1).

governo de Jorge Lacerda. Com enredo literário descreve sua vinda a capital catarinense:

Em 1956, quando, por uma luminosa manhã de verão ilhéu, cheguei a essa cidade que me adotaria carinhosamente como um dos seus e seria dali pra diante, o cenário de toda minha vida. Não trazia, como no soneto famoso de Machado de Assis, 'pensamentos idos e vindos'. Carregava, ao contrário, sonhos que o tempo transformou em muito mais do eu sonhara (SANTA CATARINA, 1990, p. 3).

Duas semanas depois de sua chegada em Florianópolis, prestava exame vestibular para iniciar seus estudos na Faculdade de Direito de Santa Catarina, que até então era o único estabelecimento de ensino jurídico existente no estado. Como bacharel em direito, formou-se em 1960 (CARNEIRO, 2015, p. 1; SANTA CATARINA, 1990). Ungaretti, sobre suas escolhas acadêmicas, diz que não sabia ao certo do porquê escolheu esse caminho: se foi pela afinidade com a oratória, pelo gosto da leitura e da escrita, ou mesmo por exclusão:

Não podia ser engenheiro, porque não gosto de matemática. Não podia ir para a área da saúde, porque a dor alheia me perturba. Não podia ser arquiteto, porque não sei desenhar. Filosofia excluí porque não sou afeiçoado a ela. Acho um exercício intelectual muito sofisticado, que frequentemente não nos leva a coisa alguma, além de complicar as coisas simples e não simplificar as coisas complicadas. Eu sou mais prático, objetivo. Encontrei-me no direito (SEVERINO, 2009, p. 8).

Em sua jornada como estudante de direito destacou-se como orador e conciliador. Recebeu o título de melhor orador acadêmico de direito de todo o Brasil durante a 7ª Jornada Jurídica Nacional, realizada em Florianópolis em 1956, promovida pelo Centro Acadêmico XI de Fevereiro, título inédito até o momento para um catarinense. Zigelli (2015, p. 1), como amigo de Ungaretti, afirma que esse lembrava a personalidade de Jorge Lacerda, pois era um orador que encantava.

Na Sessão Solene do Tribunal Pleno, Dr. Hipólito Luiz Piazza descreveu Ungaretti:

Norberto, sem favor nem lisonja, foi o orador perfeito: boa figura humana, poder imaginativo impressionante, voz de agradável timbre, repassada de leve musicalidade, moço de leitura séria, capacidade retentiva muito pouco comum, cultor da frase elegante e bem tratada, apreciável conhecimento literário, foram condições que, se ontem, o apontavam como o melhor orador de sua geração estudantil, hoje o credenciam, na galeria dos nossos jovens homens públicos, como uma de suas maiores afirmações. Pareço estar a vê-

lo, dominando o auditório repleto do Teatro Álvaro de Carvalho, na data festiva de 18 de setembro de 1956, ao evento do 10º aniversário da promulgação da Carta Magna, a discorrer, com a suave limpidez de um regato, sobre a nossa Constituição, em inesquecível improviso de um tema aparentemente árido para os não iniciados, mas que, conduzido pela envolvente palavra desse jovem de velha estirpe lagunita, escravizou o auditório, que o ovacionou ao final de sua oração (SANTA CATARINA, 1990, p. 3).

Por, possivelmente ser um orador cativante, a atuação política também foi uma constante em sua vida. No governo Heriberto Hülse (1959-1961) assumiu a subchefia da Casa Civil, conforme Termo de Promessa<sup>13</sup> localizado no Arquivo Público do Estado de Santa Catarina.

Em 1962, casa-se com Ecely de Souza, esposa que a partir de então o acompanhou por toda a vida. Tiveram cinco filhos: Norberto Ulysséa Ungaretti Júnior, Henrique Francisco de Souza Ungaretti, Ana Izabel Souza Ungaretti, Marília de Souza Ungaretti e Maria Helena Souza Ungaretti.

Ainda em 1962, foi eleito o vereador mais votado na área central da Capital, com 742 votos, assumindo essa função entre os anos de 1963-1965, pela União Democrática Nacional (UDN). No ano de 1965 foi eleito por unanimidade à presidência da Câmara Municipal, reeleito em 1966, onde pela primeira vez todos os partidos se uniram para eleger um presidente (CARNEIRO, 2015, p. 1). Foi consultor jurídico do Estado de Santa Catarina, procurador do Estado, Presidente da Comissão que elaborou o anteprojeto da Constituição Estadual de 1967 e a Lei Orgânica dos Municípios no ano seguinte (SANTA CATARINA, 1990).

Ainda na política, em 12 de outubro de 1966, na cidade de Florianópolis, Ungaretti é nomeado para exercer o cargo de Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Justiça, no Governo Estadual de Ivo Silveira.

Voltou ao palácio do governo como assessor especial do governador Jorge Bornhausen, em 1978, tendo permanecido na função durante o governo de Esperidião Amin, a partir de 1983.

Atuou também no judiciário catarinense onde se destaca a sua carreira como Desembargador do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, a qual, nas suas próprias palavras, “foi a maior honra de sua vida”. Como desembargador do Tribunal de Justiça

---

13 Livro em que eram lançados os Termos de Promessa dos nomeados pelo governo ou que deveriam prestar compromisso com o governo.

do Estado de Santa Catarina, Ungaretti foi nomeado por ato para ocupar cargo reservado, pelo quinto constitucional, em 24.04.1984, em decorrência a aposentadoria de Aluizio Blasi. Dentre as opções, foi o mais votado na lista organizada pelos desembargadores e foi nomeado para o cargo pelo governador Esperidião Amim.

Severino (2009) relata que a rotina de trabalho no tribunal era intensa: Ungaretti evitava trabalhar de manhã, em compensação trabalhava a tarde no seu gabinete, rotineiramente a noite e muitas vezes saía do tribunal quando, segundo o próprio Ungaretti com bom humor, o leiteiro estava chegando.

Para Ungaretti a experiência na magistratura foi ímpar pois sublinha a convivência com vários pontos de vista. Em momento de sua aposentadoria naquela instituição, em 1990, Ungaretti encerra um ciclo não apenas em sua trajetória na Magistratura catarinense, mas sim uma carreira como servidor público estadual, com quase 35 anos de efetiva e ininterrupta atividade funcional, iniciada aos 19 anos de idade. Suas palavras em momento de homenagem refletem que essa foi a sua suprema honra de vida:

Posso declarar neste instante que ser desembargador foi a maior honra da minha vida e que tive imensurável orgulho de pertencer à exemplar Magistratura de Santa Catarina, a quem rendo o preito de minha homenagem [...] e solenemente declaro, tomando a Deus como testemunha, que está toga que ire agora desvestir está hoje tão pura quanto no dia em que eu a enverguei pela primeira vez (SANTA CATARINA, 1990, p. 8).

Nessa instituição Ungaretti é homenageado, no ano de 2016, por meio da identificação oficial do edifício que abriga a Academia Judicial e o Fórum Bancário da comarca da Capital, localizado na área central de Florianópolis, como "Edifício Judiciário Desembargador Norberto Ulysséa Ungaretti"<sup>14</sup>:

Ainda na Academia Judiciária, por aporte da Resolução AJ N. 5/2015 é homenageado com a nomeação da Biblioteca da Academia Judicial para "Biblioteca Desembargador Norberto Ulysséa Ungaretti", localizada no prédio da Academia Judiciária no Centro da cidade de Florianópolis. O acervo da Biblioteca (composto de livros, monografias, periódicos, CDs e DVDs) é destinado à consulta local para a comunidade e ao empréstimo domiciliar para os usuários cadastrados. As obras têm como público específico, magistrados, servidores do TJSC, residentes lotados na 1ª

Região Judiciária - Grande Florianópolis<sup>15</sup>, bem como formadores, estagiários e colaboradores da Academia Judicial.

A biblioteca setorial é hierarquicamente vinculada à biblioteca central localizada no prédio central do TJSC. Há possibilidade de intercâmbio de materiais entre a biblioteca central e as bibliotecas das comarcas, o prazo de envio das obras é em média dois dias úteis. O processo de orçamento e aquisição dos materiais é centralizado, mas poderá ser solicitado pelas bibliotecas setoriais das comarcas e da Academia Judicial mediante comprovação de necessidade de atualização. Além do acervo físico, a biblioteca conta com a assinatura de base de livros digitais o que contribui com a atualização constante das obras direcionadas ao direito.

As informações bibliográficas do acervo são acessadas pelos seus usuários por meio do *software Pergamum*, versão *Web* (TJSC, 2020, p. 1).

Para a utilização do espaço é necessário agendar horário via telefone ou se dirigir até o prédio da Academia Judicial e solicitar, na recepção, a visita. A bibliotecária responsável é acionada para a abertura da sala e dá suporte à pesquisa. A biblioteca possui pouca demanda diária, por isso a bibliotecária trabalha no setor de produção técnica localizado no segundo andar da Academia Judiciária, onde são feitas pesquisas, editoração e publicações científicas.

A seguir as imagens da Biblioteca, localizada no piso térreo do prédio da Academia Judicial:

---

15 “Comarcas da Capital - Foro Bancário, Foro Central, Foro Des. Eduardo Luz, Foro Distrital do Continente, Foro Norte da Ilha, São José, Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz e Biguaçu” (TJSC, 2020, p. 1).



Figura 7 – Entrada da Biblioteca Desembargador Norberto Ulysséa Ungaretti



Fonte: Registro realizado na Biblioteca Desembargador Norberto Ulysséa Ungaretti na Academia judiciária - Florianópolis (2019).

A supracitada homenagem a Ungaretti enfatiza sua jornada como membro de uma entidade que privilegia a pesquisa e a escrita no processo diário. No ano de 2006, pelos meios editoriais do Poder Judiciário do estado de Santa Catarina, por ocasião do 70º aniversário desta instituição, é publicada a obra - “Direito e Processo: estudos em homenagem ao desembargador Norberto Ungaretti”, em dois volumes, totalizando cerca de novecentas páginas, reunindo trabalhos de 60 juristas, incluindo desembargadores, juízes, professores, membros do Ministério Público e advogados. Obra ímpar nos acervos de bibliotecas jurídicas locais e nacionais.

Para além da sua atuação no setor público catarinense, onde circulou por diversos órgãos do executivo, legislativo e judiciário, ele esteve efetivamente presente na construção do cenário cultural catarinense. Ingressou em janeiro de 1997 na

Academia Catarinense de Letras e mantinha participação ativa como titular da cadeira 40, assumindo por vários períodos, entre os anos de 2000 e 2010, a sua vice-presidência. Foi sócio fundador e presidente do conselho deliberativo da ACIC e sócio fundador e vice-presidente do Lagoa late Club.

Sua paixão por história e por Santa Catarina refletiram na sua filiação ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC) onde foi nomeado Sócio emérito. Em visita a essa instituição, nos deparamos com alguns rastros da sua interação e feitos da passagem nessa instituição cultural de Santa Catarina. Além de recortes de jornal com reportagens publicadas sobre e pelo Ungaretti, ainda constava como registro a sua carteirinha, com data de filiação em 08 de julho de 1981, com o número de matrícula 616. Localizamos também a carta com a notificação para Sessão solene de entrega do diploma como sócio emérito e uma biografia escrita à mão pelo próprio Ungaretti, narrando rapidamente, como uma linha do tempo, a sua história:

Figura 8 – Síntese de Biografia de Norberto Ungaretti para o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

NORBERTO ULYSSEU UNGARETTI	
DATA	Nasceu em Laguna, a 15/5/1936, filho de Gil Ungaretti e de d. Olívia Ulysséu Ungaretti.
ASSUNTO	Estudos primários no Grupo Escolar Jerônimo Coelho e secundários no Ginásio Lagunense e no Colégio Técnico de Comércio Lagunense.
INTERESSADO(S)	Bacharel em Direito pela Fac. de Direito de S. Cat. em 8/12/60
REPARTIÇÃO DE	Secretário Particular do Promotor Jorge Lacorte
DATA DA ENTRADA	Sub. Chefe de Ass. Civil do Promotor Heitor Buit.
PROTOCOLADO EM	Livre
ESTADO DE	Conselheiro Jurídico do Estado (1961-1974)
	Vereador e Presidente da Câmara Municipal de Florianópolis (1963-1966)
	Secretário de Estado dos Negócios da Justiça e Grãfia (1966-1971)
	Professor da Faculdade de Direito da Universidade Fed. de SC (ingresso por concurso em 1965)
	Membro do Conselho Est. de Cultura
	Procurador Fiscal do Estado

Fonte: Foto de documento localizado no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (2019).

Descrição do documento: Linha do tempo, escrita à mão por Norberto Ungaretti, narrando fatos marcantes de sua história. Iniciando em seu nascimento (15/05/1936) até sua função de Procurador Fiscal do Estado de Santa Catarina.

Observando esse memorial de si, percebemos, em poucas linhas, páginas e rascunhos, que “passamos assim o tempo a arquivar nossas vidas: arrumamos, desarrumamos, reclassificamos. Por meio dessas práticas minúsculas, construímos uma imagem, para nós mesmos e às vezes para os outros (ARTIÈRES, 1998).

Ungaretti foi um intelectual e que exerceu atividades culturais juntamente a um grupo diversificado de pessoas, cuja presença e importância na sociedade

florianopolitana têm grande relevância. É importante ressaltar que o conceito de intelectual pode significar a especialização que lhes confere “capital cultural” e “poder simbólico”, do ponto de vista do sociólogo Pierre Bourdieu (1998), ou pelo interesse em assuntos políticos. São pessoas que produzem conhecimento e comunicam ideias, que podem estar relacionados, direta e indiretamente, às práticas de intervenção político-social.

Por sua dedicação ao estado de Santa Catarina, foi condecorado pelo governo catarinense com a mais alta honraria: a Medalha Anita Garibaldi<sup>16</sup>. Foi também homenageado pela Assembleia Legislativa de Santa Catarina com a Medalha de Mérito Castorina Lobo de São Thiago<sup>17</sup>, pelo TJSC com a Medalha do Mérito do Poder Judiciário e pela Câmara de Vereadores de Florianópolis com o título de Cidadão Honorário em 1994 e a Medalha do Mérito do Município.

Como professor, dedicou-se ao ensino do direito. Prestou concurso em 1965 para a Faculdade de Direito de Florianópolis, atual Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e ali lecionou por 36 anos até se aposentar em 2002. Em sua carreira como professor, ministrou disciplinas de direito civil no Centro de Ciências Jurídicas da UFSC e foi professor e diretor entre os anos de 1986 e 1994 da Escola Superior da Magistratura (ESMESC).

No campo do Direito, mais detidamente, Ungaretti, como operador do direito, professor, magistrado e advogado é fruto de uma época muito determinante em termos jurídicos, percorrendo períodos significativos e de muitas mudanças. Durante esse período foi homenageado com publicações de diversas obras que carregam seu nome, escreveu prefácios, orientou alunos em trabalhos de conclusão de curso, monografias e estágios e destacou-se por lecionar portando apenas o Código Civil

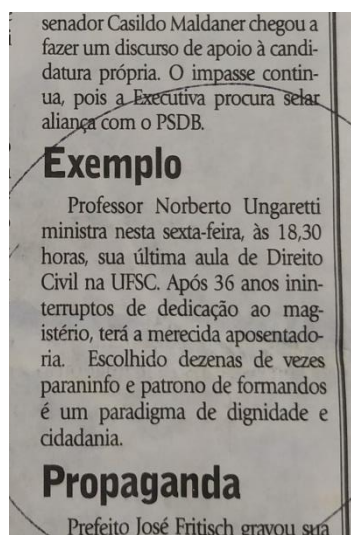
---

16 “A Medalha do Mérito Anita Garibaldi foi criada originalmente pelo Decreto SEA nº 110, de 04 de abril de 1972. Atualmente, a concessão da Medalha do Mérito Anita Garibaldi é regida pelo Decreto nº 2.263, de 24 de junho de 2014. A honraria é concedida a pessoas físicas ou jurídicas, nacionais e estrangeiras, que, no campo de suas atividades, se hajam distinguido de forma notável ou relevante e tenham contribuído direta ou indiretamente para o engrandecimento do Estado. A entrega da Medalha do Mérito Anita Garibaldi será feita em solenidade pública, no dia 25 de novembro de cada ano, dia de Santa Catarina de Alexandria ou, excepcionalmente, em outra data estabelecida pelo Chefe do Poder Executivo” (SECRETARIA DA CASA MILITAR, 2020, p. 1).

17 “A Medalha de Mérito Castorina Lobo de São Thiago é o prêmio simbólico a ser conferido aos professores que realizaram relevantes trabalhos na área da educação, ou que tenham contribuído por outros meios e de modo eficaz para o desenvolvimento da educação” (SANTA CATARINA, 2003, p. 1).

Brasileiro. Em 2001, encerra sua carreira como professor, em decorrência de sua aposentadoria, conforme observado no fragmento abaixo:

Figura 9 –Recorte de jornal

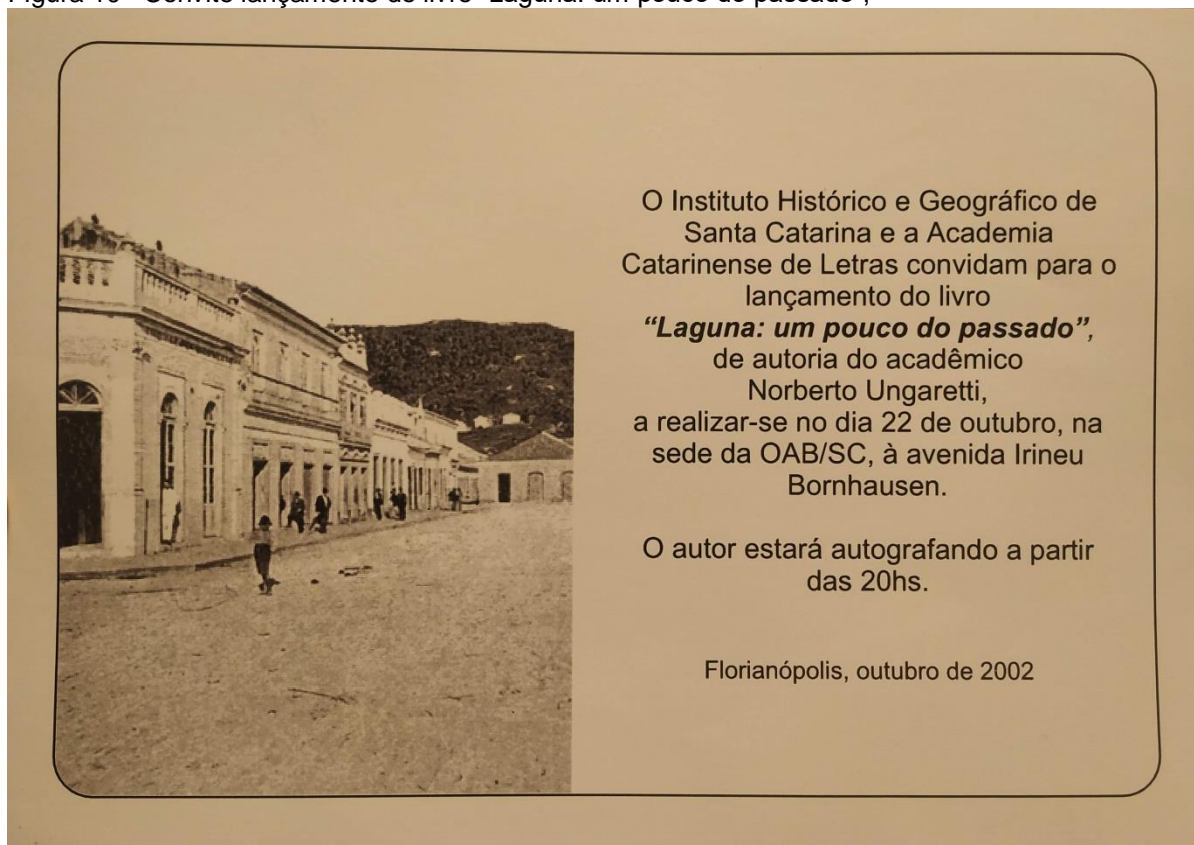


Fonte: Foto de documento no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (2019).  
 Descrição do documento: (S.I, 2001).

Assim, para além da sua atuação na educação, Ungaretti deixou como legado seus estudos como historiador. Ávido pela vida intelectual de Santa Catarina, e pelos personagens que nela transitaram, o Estado onde viveu toda sua vida era fonte de inspiração. Suas pesquisas eram direcionadas principalmente para as cidades de Laguna, onde nasceu, e Florianópolis, onde morou a maior parte de sua vida.

Em 2002, lançando-se como escritor, publica sua obra histórica sobre os fatos, causos e personagens que fizeram parte da Laguna. Na obra “Laguna: um pouco do passado”, Ungaretti ensaia uma homenagem à sua querida terra. Flávio José Cardozo, na saudação de sua obra enfatiza que “Ungaretti estava naturalmente predestinado a ser um interprete da terra natal, sempre a teve no pensamento e no afeto, nada que a ela diga respeito lhe é alheio. Lá estão as raízes familiares, de lá são as lembranças mais preciosas”.

Figura 10 –Convite lançamento do livro “Laguna: um pouco do passado”,



Fonte: Foto de documento localizado nas caixas arquivo da Biblioteca Ungaretti (2019).

Assim, Ungaretti debruça-se nessa prosa. Iniciando o livro, no que chama de “Algumas Palavras”, Ungaretti (2002, p. 11) conta que seu interesse pela história veio tarde, a levar em consideração relação ao seu avô, Ismael Ulysséa, que possuía um incrível acervo bibliográfico, que em parte ficou com seu tio, Renato Ulysséa, herdeiro de seus guardados e “emérito guardador de papéis”.

Ser historiador estava na família. Para seu tio, no que diz respeito a papéis e documentos, tudo lhe interessava: “tinha a perfeita consciência de que, em regra, sempre o que está escrito merece ser conservado” (UNGARETTI, 2002, p. 11) Como observa Artières (1998, p. 9) a partir de leitura de G. Perec:

Existem poucos acontecimentos que não deixam ao menos um vestígio escrito. Quase tudo, em algum momento, passa por um pedaço de papel, uma folha de bloco, uma página de agenda, ou não importa que outro suporte ocasional sobre o qual vem se inscrever, numa velocidade variável e segundo técnicas diferentes, de acordo com o lugar, a hora, o humor, um dos diversos elementos que compõem a vida de todo dia.

É desse modo que voltamos às suas raízes e como começamos a contar esse percurso: Laguna, a sua terra natal. Nesse ponto da história, Ungaretti (2002, p. 12-13) ressalta o compromisso para com as suas origens, para com a sua história e principalmente para contar a história de uma cidade e de um povo:

Referente à história da terra que nasci e em que estão minhas melhores origens humanas, minhas fontes, minhas raízes. Com essas raízes, com essas fontes, com essas origens e com as criaturas queridas que as representam, também eu tinha um compromisso, nunca formalmente assumido, mas nem por isso inexigível, e cujo descumprimento me incontrolava.

Remontando à Certeau (1999), em consonância ao sistema de referência, acerca da pesquisa histórica desenvolvida por Ungaretti, a vinculação ao **Lugar** é direcionada para a sua terra natal, já a **metodologia** empregada, é a divulgação dos dados levantados por meio da construção do seu **texto**, onde busca tornar público um acervo que estava privado dentro da família Ulysséa. A **arte de fazer**, é a entrega da sua pesquisa com riqueza de detalhes e toques de humor:

Devo esclarecer que este é um livro diferente, propositadamente escrito sem obediência a regras técnicas metodológicas observáveis em obras do gênero, pois se trata de um texto dirigido ao leitor comum, inclusive com algumas características muito peculiares. Por exemplo: é escrito na primeira pessoa, como se eu estivesse contando a alguém as coisas que escrevi, intercalando, mesmo, comentários e reminiscências pessoais. Está cheio de referências genealógicas, inclusive da minha genealogia, o que fiz, de um lado porque me orgulho dos meus antepassados, e quase sempre, quando lhes escrevi o nome aqui, registrei esse parentesco, e de outra parte porque meus descendentes, se quiserem traçar nossa genealogia pelo lado lagunense, já terão fartos elementos, que nestas páginas lhes deixo. Por outro lado, com as informações genealógicas aqui registradas, alguém que se abalar a escrever uma genealogia lagunense encontrará, certamente, subsídios importantes, pois muitas das famílias antigas da velha fundação de Brito Peixoto, principalmente no que diz respeito ao séc. XIX, encontram-se referidas neste livro, com detalhes genealógicos que muitos de seus próprios descendentes, certamente, não conheciam. Ficaram excluídos do livro textos sobre a música, o teatro, o carnaval, a educação, as festas religiosas, diferentes aspectos, enfim, da vida social e cultural de Laguna, o que pretendo seja objeto de outro trabalho, sem data prevista para publicação, mas que espero não demore muito. Quem lê essas coisas prontas, contadas, arrumadas, não imagina o trabalho que dá tais pesquisas. Centenas de horas, vista cansando-se na leitura de velhos jornais e documentos, gastos alguns, quase apagados outros, tudo copiado a mão, porque se trata quase sempre de material que não resistiria ao manuseio ou à luz das máquinas copiadoras (poderia "escanear", é verdade, mas nisso sou absolutamente incompetente e toda a pesquisa foi feita por mim, pessoalmente), cheiro de papel velho a invadir as narinas e com o risco de vir a alojar-se nos pulmões alguma bactéria ou que nome tenham esses minúsculos viventes capazes de comprometer a saúde de outros viventes tão maiores, enfim, obstáculos,

dificuldades, desconforto, cansaço, trabalho enorme, e depois conferir tudo, "amarrar" os dados, perder tempo às vezes na busca de uma informação destinada a confirmar ou esclarecer outra, escrever, reescrever, corrigir, revisar, é tudo uma empreitada exaustiva e desgastante. Mas é também um esforço que compensa, e que fica, e que proporcionará conhecimentos interessantes, quando não leitura prazerosa, aos que gostam desses assuntos. Não são todos, é verdade, mas também não foi para todos que escrevi...

Em essência, a obra traz uma coletânea de pesquisas e estudos de documentos dos séculos XIX e XX, com histórias, lendas e costumes dos antepassados que pela Laguna passaram construindo a identidade do povo daquela região. Em consequência, narrar essa história, para Ungaretti, é contar um pouco de si. Suas impressões estão nas páginas, nas histórias, nas palavras que pulam vivas em memória. Para o movimento de arquivamento do eu, Artières (1998) dá o nome de intenção autobiográfica. Ou seja, "o caráter normativo e o processo de objetivação e de sujeição que poderiam aparecer a princípio, cedem na verdade o lugar a um movimento de subjetivação." (ARTIÈRES, 1998, p. 11). Destarte, processos como guardar papéis, documentos ou correspondências, realização de anotações em agendas ou a construção de diários, assim como processos de escrita de autobiografia, são práticas que participam mais daquilo que Foucault chamava a preocupação com o eu: "arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência" (*apud* ARTIÈRES, 1998, p. 11).

Como dito anteriormente, Ungaretti em sua trajetória foi ávido disseminador cultural na história catarinense. Além da sua publicação sobre a história de Laguna, uma das suas pesquisas mais notáveis no campo a história de Santa Catarina, trata-se da biografia mais completa já elaborada sobre Jerônimo Coelho.

Ungaretti, nessa obra, traz relato do 2º Império (1840-1889), além da biografia de Jerônimo Coelho<sup>18</sup> que foi fundador da imprensa e patrono da maçonaria no estado de Santa Catarina. O livro é resultado de uma pesquisa de mais de 15 anos realizada

---

18 "Jerônimo Francisco Coelho foi engenheiro, jornalista e militar, natural de Laguna/SC. Personalidade de destaque na política brasileira: Brigadeiro, Deputado na Assembleia Legislativa Provincial de Santa Catarina; Conselheiro Geral do Império; Conselheiro do Imperador; Presidente das Províncias do Pará e do Rio Grande do Sul; Ministro da Marinha e da Guerra do Brasil, entre outras funções militares exercidas no século XIX." (MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA, 2019, p. 1).



pelo professor Norberto, a pedido da Associação Catarinense de Imprensa, quando das comemorações do bicentenário de nascimento de Jerônimo Coelho. Na ocasião das pesquisas, Ungaretti contratou, com recursos próprios, pesquisadores no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, para levantamento de fatos e atos sobre Jerônimo Coelho (PEREIRA, 2019).

A obra foi lançada em 2019, cinco anos após seu falecimento, pela Dois Por Quatro Editora. A solenidade de lançamento da obra ocorreu na ALESC com a outorga da Medalha do Mérito Jerônimo Francisco Coelho, condecoração do governo do Estado, à Associação Catarinense de Imprensa, à Norberto Ungaretti, à Loja Maçônica Jerônimo Coelho, que está comemorando 50 anos de fundação, e ao fundador Miguel Cristakis.

Assim, como intelectual mediador, Ungaretti dialoga com procedências e passados imaginados, questões políticas e sociais de seu presente, além de produz novos sentidos e significados a partir desses. Após a apropriação, o objeto que o intelectual mediou resulta em um outro produto e, portanto, um bem cultural singularizado. Gomes e Hansen (2016) explicam que é comum que esse intelectual ocupe um cargo em instituições culturais, em associações políticas, ou que possua um lugar de distinção numa rede de sociabilidades, o que acaba por criar condições favoráveis aos projetos de mediação cultural de enormes impactos políticos.

Conforme afirma Chartier (2001), a produção de livros trata-se de um circuito de comunicação que liga o autor ao leitor e tem como principais intermediários os editores, os impressores, os livreiros e os bibliotecários. Segundo o historiador, é importante considerar a ligação fundamental entre o texto em seus suportes materiais, e as práticas de apropriação que se dão através das leituras.

Ungaretti, nesse sentido, como intelectual mediador, teve um processo de formação e aprendizado específico, sempre atuou juntamente a outros atores sociais e organizações, intelectuais ou não, e teve intenções e projetos que entrelaçaram o cultural e o político. Com ênfase, para além das interações interpessoais, a interação com os textos também age sobre seus leitores, não apenas a partir de si mesmos, mas com o intermédio do contato com as peculiaridades que perpassam a materialidade, a forma particular do impresso, não levando em consideração unicamente sua conotação semântica, mas ressaltando sua capa, edição, distribuição, ou seja todos os elementos que atribuem demais significados além da escrita. Por

possuir uma grande variedade e quantidade de obras ao seu dispor, Ungaretti teve possibilidade de interagir e descobrir edições diversas, várias faces de uma mesma obra, podendo extrair ao máximo a vivência de leitor com o impresso.

É inalcançável numerar todas as práticas de leitura e seus por menores, tendo em vista que essas são relativas ao cotidiano de cada pessoa e como essa cria os subsídios de leitura e associação. Chartier (2001) elucida que não é possível operar, na história da leitura, a reconstituição total e fiel das leituras de cada leitor nos tempos passados ou mesmo no tempo presente, porém é possível estabelecer modelos de leitura satisfatórios para uma determinada configuração histórica em uma comunidade específica de interpretação. Destarte, não há como reconstruir a leitura, mas sim relatar as condições partilhada que a demarcam, criando significados únicos pertencentes ao universo particular do leitor.

No que diz respeito as leituras e apropriações de Ungaretti, partindo do pressuposto da sua jornada e sua vivência em diversas áreas do conhecimento, supomos que essas sejam práticas de invenção de sentidos. Infere-se que essas projeções não são ocasionais, nem mesmo aleatórias, mas sim circunstanciadas pelas jornadas das quais Ungaretti fazia parte. Chartier (2001) afirma que o coro da história da leitura é algo semelhante a “ideia de uma história das liberdades limitadas ou das restrições superadas”. Estudar a constituição pessoal de arquivos de vida é nesse sentido “exumar as formas sub-reptícias que assume a criatividade dispersa, tática e manipuladora dos grupos ou dos indivíduos presos doravante nas malhas da vigilância. A rede de uma anti disciplina” (ARTIÈRES, 1998, p. 26).

Dialogar com a leitura, com as formas únicas de cada leitor ler e interagir com suas obras e com a própria história da leitura foram perspectivas que se abriram ao adentrar a trajetória de Ungaretti. Hansen (2005) nesse sentido, esclarece que a leitura sempre é feita no presente de um corpo já tatuado pela cultura, corpo texto que lê textos segundo critérios culturais e esses critérios podem variar entre ler muito ou pouco, ler bem ou mal, ler pequenos trechos ou volumes inteiros, ler devagar ou rápido, ler de pé ou sentado, ler por compromisso ou por vontade própria, ler interpretando tudo ou sem entender nada.

Esses traços nos carregam até a composição do acervo da coleção particular de Ungaretti, que após seu falecimento, passa, via doação, a integrar o acervo da Biblioteca Particular do Escritório Cavallazzi, Andrey, Restanho e Araujo, ensejando

assim o movimento de criação da Biblioteca Norberto Ungaretti. Bibliotecas particulares guardam tesouros raros e precisos, muitas vezes escondidos por incontáveis anos. É inegável que ainda seja pequena a parcela de bibliotecas particulares que ganham visibilidade, recebam destaque, ou ainda que recebem notável apreciação e uso.

O caminho percorrido por Norberto Ungaretti pode ser visualizado a partir de elementos que compõem sua trajetória em diversos os campos que ele transitou, partindo do ponto de seu nascimento, seu desenvolvimento como sujeito social, sua atuação profissional e todas as suas vinculações como pesquisador e leitor. Aliado a esse perfil, os elementos que compõe sua coleção pessoal, pois como todas as pessoas, Ungaretti arquivou os fragmentos de sua existência, armazenando-os, por meio da criação de uma coleção de livros, recortes, fotografias e arquivos, que, juntos, formam uma parcela de sua vida.

Durante sua vida, ele arquivou, com práticas que lhe eram próprias, organizando e classificando, com suas particularidades, até construir, na forma que deixa para ele e para outras pessoas, seu legado impresso. Trabalhamos aqui com o conceito impresso, pois é esse o conjunto recebido e serve como base para a triangulação dessa análise.

Isso posto, não podemos deixar de acrescentar, novamente, que essa é uma parcela da sua jornada. Assim como os documentos analisados fazem parte de um recorte dos documentos que estão agora compondo a Biblioteca Ungaretti em posse do escritório Cavallazzi, Andrey, Restanho e Araujo e não representam a totalidades de itens que foram armazenados e colecionados por Ungaretti ao longo de sua jornada.

É dessa forma que a coleção de Ungaretti deixa pistas de como ele, como sujeito, está inserido num contexto social, político e econômico e é também um fio condutor para suas publicações, pesquisas e estudos, sendo estes outra maneira de arquivar a própria vida e atestar sua existência no mundo. Desta forma que, na que seção dois que segue, o objeto de discussão é a sua coleção privada e a sua integração ao acervo do escritório Cavallazzi, Andrei, Restanho e Araujo, assumindo o status de **Biblioteca Norberto Ungaretti**.

## 2 BIBLIOTECAS PARTICULARES: CONHECER, PRESERVAR E DISPONIBILIZAR

"Organizar sua biblioteca é organizar seu pensamento."

Abraham A. Moles, 1978

No decorrer da história a definição de biblioteca não se manteve estática: de lugar de escrita para lugar de leitura e fruição, de local de guarda para local de sociabilidade e compartilhamento. Muitas mutações acompanharam a trajetória desse universo. Battles (2003, p. 15), acerca das múltiplas facetas da biblioteca, afirma que seu desenho incorpora a concepção em que se pese as determinadas “funções sociais, culturais e místicas” à qual se destina, sendo então um espaço construído a fim de individualizar cada necessidade.

Em “A Biblioteca de Babel”, Borges (1986, p. 1) retrata a biblioteca de forma fantástica, interminável e infinita, que pode, por meio de seus longos corredores, trilhar o caminho do conhecimento. Denominando-a como “o Universo”, o autor ainda aborda sua variável composição por meio de “um número indefinido, e talvez infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no centro, cercados por balaustradas baixíssimas. De qualquer hexágono, veem-se os andares inferiores e superiores: interminavelmente”.

Porém, remontando à época medieval, a função da biblioteca, retratada por Umberto Eco (2003) em “O Nome da Rosa”, é de local de escrita antes mesmo de ser um espaço de leitura e de pesquisa. O seu universo era destinado ao resguardo e proteção dos livros, as suas estruturas eram vistas como grandes labirintos, considerados templos com função de guardiões da informação, protetor dos textos vistos como impróprios e funcionavam, justamente, a fim de impedir a disseminação do conhecimento, que era preservado e restrito há certa classe de pessoas. Milanesi (2002, p. 21), em sua teoria, aduz “[...] a ideia mais primitiva da biblioteca: o resultado do desejo e da necessidade quase instintiva de poder utilizar várias vezes uma informação que pudesse ser significativa”. Já na concepção de Martins (2002) as bibliotecas antecederam o livro propriamente dito e foram pontuais em diversas representações sociais ao longo da sua história. As bibliotecas medievais, por

exemplo, eram representantes do dito sagrado, ou ao menos do religioso, local de acesso a poucos, de onde eram excluídos os profanos.

Posteriormente, nos séculos XV e XVIII, a função das bibliotecas, para Roger Chartier (2003) citado por Souza e Pereira (2014, p. 5), era apenas a conservação de livros e textos “nessas épocas, ter muitos livros no lar era sinônimo de *status* social ou intelectual. Muitos proprietários de biblioteca faziam suas próprias coleções, possibilitando a entrada de diversos livros: religiosos, filosóficos, retórica, cordel, romance”. Em contraponto, Darnton (2010, p. 59), em relação à função contemporânea das bibliotecas, afirma que sua concepção não pode orbitar em meros depósitos de livros, ou ainda não devem assumir a posição de museus que têm como função guardar e expor peças raras para quem às visita. De acordo com o autor “uma biblioteca é um centro de organização do conhecimento”.

Goulemot (2011, p. 5), com referência ao *Petit Larousse*, descreve a biblioteca “como uma coleção de livros e manuscritos”, ou “um lugar onde eles estão arrumados” e, ainda, “móvel com prateleiras que servem para arrumar livros”. Mas, para, além disso, o autor ainda destaca que esse é definitivamente o primeiro espaço onde se lê.

Quando esse espaço propicia e fomenta a leitura e a formação de leitores, vai além da criação de hábitos da leitura prazerosa, mas também, atua na formação de cidadãos críticos. Para Azevedo (2004, p. 9) crianças e adultos constituem-se leitores quando conseguem identificar os vários tipos de textos e utilizá-los em benefício próprio. Para Chartier (1996, p. 59) “a leitura é prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou dos fazedores de livros”. Na concepção de Fischer (2006) a leitura “para um oficial egípcio antigo, era um ‘barco sobre a água’. Para um aluno nigeriano, quatro mil anos mais tarde, ‘um raio de luz incidindo em um poço escuro e profundo’. Para a maioria de nós, será sempre a voz da própria civilização [...]”.

De maneira ampla, para Moles (1978, p. 41) a palavra ‘biblioteca’ pode dar significado ao conteúdo das obras, ao mobiliário, ao uso e destinação desse espaço, estabelecendo assim a relação do indivíduo com a sua idealização:

A palavra "biblioteca" significa tanto o conteúdo de livros quanto a prateleira ou o conjunto de prateleiras que os contêm, e quando as prateleiras se empilham verticalmente ou horizontalmente ao longo de uma superfície plana vertical, de profundidade pouco mais ou menos padronizada, com o dorso dos livros formando uma superfície de leitura longitudinal, que se repete em

estantes, armários e galerias, ela se apresenta como uma Parede de Livros, desde que atinja uma certa extensão.  
 É a análise funcional dessa parede de livros que gostaríamos de esboçar com relação ao indivíduo que é o seu Senhor e, por isso, escravo, da mesma forma que o homem nada mais é que Senhor dependente de seus próprios instrumentos

A biblioteca e sua relação com o indivíduo, também chamada de ligação intelectual de acordo com Cirne (2013), ocorre por meio da interação em um espaço de leitura, estudo, produção, análise e pode também abranger os atos de mediação e compartilhamento da informação. Para os campos ligados à educação, a biblioteca é uma extensão da sala de aula, propiciando a descoberta e interação em multiuniversos. O vínculo cultural da biblioteca trata da sua relevância, representatividade social e a importância do acervo, abrangendo seus significados individuais e coletivos, o seu contexto social, desenvolvimento, influências e atribuições (CIRNE, 2013).

Já a Biblioteca Particular, para Cirne (2013, p. 1), “nasce a partir da tríade formada pela intimidade entre leitor e livro, o intelecto dispensado sobre as obras no processo de produção científica e a cultura absorvida ou criada em torno delas”. Não importa, nesse interim, a quantidade de obras que incorpora esse tipo de acervo, podendo ser uma biblioteca composta por 5 itens, ou uma coleção com mais de 2.000 exemplares, seu impacto maior está na representatividade na individualidade de cada um que a idealiza, compõe ou utiliza esse espaço.

Em reflexão, não apenas em referência a momentos históricos na concepção de bibliotecas e coleções, mas também sinalizando o momento presente, Schwarcz (2002, p. 120) descreve a formação de biblioteca como propriedade para poucos, principalmente daqueles que desfrutaram de capital financeiro para tal: “a história das bibliotecas e do sonho de acumular todos os pensadores, obras e ciências em um espaço delimitado faz parte da própria história do ocidente. Em nome dessa utopia idealizaram-se acervos particulares, estatais, principescos ou eclesiásticos [...]”.

Concomitantemente ao sentido ocidental de capital, Artières (1998) disserta que para existir é preciso manter registros, é preciso escrever: inscrever-se nos registros civis, nas fichas médicas, escolares, bancárias. Certeau (1994) sublinhou que o arquivamento de informação, que possam findam na composição de uma biblioteca, é uma prática 'legítima' - científica, política e escolar. E conclui que “[...] Da mesma forma poderíamos ler nos frontões da modernidade inscrições como: 'Aqui,

trabalhar é escrever' ou 'Aqui só se entende aquilo que se escreve'. Esta é a lei interna daquilo que se constituiu como 'ocidental". Dessa forma, a construção de bibliotecas também é um ato político e de afirmação através dos tempos.

Em terras nacionais, a construção histórica das bibliotecas no Brasil se dá no final da era quinhentista, onde já haviam bibliotecas no país (e não eram poucas!), mas os livros não circulavam livremente nas mãos na população: eram abundantes nos colégios jesuítas, conventos e demais instituições religiosas. Uma transposição nesse padrão ocorreu por volta de 1808, com a mudança da corte portuguesa de Lisboa para o Rio de Janeiro. Na evasão de Portugal por conta da perseguição de Napoleão Bonaparte, D. João realizou três viagens sucessivas para o Novo Mundo, não deixando sua biblioteca particular para trás. A biblioteca real foi formada desse acervo, que cruzou o oceano e que, mais tarde, após a independência do Brasil, compôs o acervo da Biblioteca Nacional (MORAES, 1979; SCHWARCZ, 2002). Nesse caso, como em vários outros conhecidos, a biblioteca passa do uso e da administração do privado para o público. Essa é uma destinação de algumas bibliotecas particulares, que são oficialmente doadas pelos seus idealizadores ou familiares. Dessa forma, Martins (2002, p. 343) distingue as bibliotecas em dois polos, se tratando do ponto de vista administrativo e de manutenção: particulares e oficiais.

Inicialmente, a composição de uma biblioteca particular pode se dar pela necessidade informacional do idealizador, visando criar mecanismos para acesso a fontes de pesquisa adequadas ao seus objetivos ou mesmo pela paixão de colecionar, armazenar e reviver momentos. São instituições mantidas por um indivíduo ou organização e geralmente destinadas a uso próprio, de familiares e pessoas próximas (SCHWARCZ, 2002).

Ungaretti, nesse sentido, amante da leitura, da pesquisa, escrita, da história brasileira, leitor assíduo da doutrina jurídica e desbravador dos mares literários, iniciou sua biblioteca para consulta e armazenamento das obras que cerceavam suas pesquisas, estudos, curiosidades e paixões. Não obstante, acumulava: nem tudo pode ser lido, supõem-se não há tempo hábil para desbravar todas as páginas de uma biblioteca.

Ler, leitura, essas palavras armam ciladas. Existe algo mais universal? Há leitores em Roma, Mesopotâmia, no século XX. É uma invariante, sempre se leu ou nunca se leu o suficiente, isto depende do ponto de vista. Aliás [...], há esta multiplicidade de modelos, de práticas, de competências, portanto há

uma tensão. Mas ela não cria dispersão ao infinito, na medida em que as experiências individuais são sempre inscritas no interior de modelos e de normas compartilhadas. Cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular. Mas esta singularidade é ela própria atravessada por aquilo que faz que este leitor seja semelhante a todos aqueles que pertencem a uma mesma comunidade. O que muda é que o recorte dessa comunidade, segundo os períodos, não é regido pelos mesmos princípios (CHARTIER, 1998, p. 92).

Singular também é a forma que se constrói a biblioteca ideal: para cada idealizador esse recanto onde se lê, onde se guarda tudo que ainda pretende ser lido, é único:

[...] a maioria de nós concorda que um catálogo de uma biblioteca particular pode servir como um perfil do leitor, ainda que não tenhamos lido todos os livros que nos pertencem e tenhamos lido muitos livros que nunca adquirimos. [...] E o estudo das bibliotecas particulares tem a vantagem de unir o “o quê” com “quem” da leitura (DARNTON, 1992, p. 208).

No início, para Ungaretti o espaço físico para a construção dessa biblioteca era limitado: livros abarrotavam mesas, cadeiras e estantes em seu escritório de advocacia, localizado no Centro da cidade de Florianópolis. As obras ficavam dispostas em pilhas e se amontoavam por provável ordem de uso: os volumes que não estavam sendo utilizadas no momento ficavam submersos em meio a tantas capas diferentes. Para ilustrarmos um pouco melhor Ungaretti e a relação com sua biblioteca e com a leitura, localizamos um fragmento escrito por Fabricio Severino em novembro de 2009, uma homenagem ao Desembargador no jornal do Judiciário:

Na recepção improvisada naquela sala no segundo andar do edifício Ceisa Center, no coração de Florianópolis, foi impossível não notar, num primeiro momento, o completo desapego a um mínimo de senso estético do ambiente [...]. [Ele] parece ter nascido e crescido convivendo com estantes de ferro arcadas de tanto peso; livros e mais livros empilhados sobre estas mesmas estantes, em cadeiras ou em qualquer outro canto que sobre; e com suas divisórias simples a delimitar minimamente os espaços dos profissionais que ali trabalham.

A partir dessa construção, a biblioteca é vista como um local de memória, que pode conservar o tempo e criar um espaço de vivências voltado as necessidades específicas de um grupo. Se tratando de memória, uma das definições acerca da biblioteca que representam assertivamente a sistemática desse estudo é concebida por Castro (2006, p. 13), que coloca-se como defensor da biblioteca como um “lugar de memória”. Para o autor a biblioteca possibilita a visita aos espaços do passado



com objetivo de rememorar e a partir daí construir novas perspectivas, trata-se de “[...] um lugar de memória e espaço de armazenamento das materialidades textuais produzidas em tempos e localidades diversos”, ou seja, é o local onde está registrado parte da memória escrita de um grupo social ou de determinada figura.

Essa prerrogativa não se dá no sentido de guardar para si o patrimônio material e imaterial produzidos no passado, mas sim de ensejar e proporcionar o acesso a um passado disforme que pode ganhar vida por meio de pesquisadores, bibliotecários e leitores (CASTRO, 2006, p. 13).

Quando se trata de bibliotecas particulares, especificamente, além da configuração que retrata a memória escrita, podemos ver o reflexo da personalidade que cria aquele espaço, imprimindo ali suas particularidades e sua memória. Borges (1986, p. 1) ilustra sua ideia de infinito por meio de um universo particular proporcionado pela criação de uma biblioteca e seus caminhos trilhados por meio dos livros que a compõe. Sanches Neto (2004), em leitura de Jorge Luis Borges, parte do pressuposto de que não poderiam existir duas bibliotecas iguais, e um acervo só representa o possuidor se não for criada por meio de uma visão didática e padronizada. Ainda para Jorge Luis Borges (1986, p. 1) a biblioteca é “um espelho que fielmente duplica as aparências”.

Essa afirmativa é corroborada nas palavras de Moles (1978, p. 40), onde:

[...] Todo intelectual possui uma biblioteca, cujo arranjo e extensão são testemunhas dele mesmo, e é bem sabido que uma olhada na biblioteca de um intelectual diz muito sobre o que ele é, o que pensa, o que faz, sobre suas orientações políticas, seus gostos artísticos ou seus projetos recentes, pois ela é uma testemunha de sua atividade específica

Em relação ao acervo disponível, “as bibliotecas particulares podem conter coleções de qualidade inimagináveis e potencialmente úteis para a comunidade [...]” além de que “muitas vezes, colecionam obras de valor importante não encontradas facilmente em outras bibliotecas de acesso público, por tratarem-se de edições antigas, esgotadas ou mesmo muito caras, portanto, em muitos casos, edições consideradas especiais” (LEIPNITZ, 2017, p. 12).

Por outro prisma, com suas especificidades, as bibliotecas particulares contam a história, ou parte da história, de quem a idealizou. Não raro observamos que as bibliotecas particulares possuem traços de inúmeros aspectos das jornadas vividas, das possibilidades e das jornadas não vividas, também. O que nos leva a refletir que

para quem cria uma biblioteca, é impossível seguir apenas uma estrada ou viver apenas uma vida: sendo elas fictícias ou reais, a construção de um acervo é uma das verdadeiras formas de transpor fronteiras, de navegar mares distantes e de imprimir seu 'eu'.

De acordo com Leipnitz (2017, p. 10) o ser humano possui inúmeras motivações para criar coleções, arquivar memórias, ou, mesmo, guardar objetos, sendo que:

Acumular livros e formar bibliotecas particulares é um deles. Uma pessoa pode formar um acervo pela necessidade de dar suporte à atividade que desempenha assim como pode formar uma biblioteca apenas de fruição, de literatura ou arte, por exemplo. Esta biblioteca pode auxiliar o desempenho de uma atividade de trabalho ou ser um local de recolhimento. Estes acervos bibliográficos privados representam parte da vida de seus proprietários, pois as escolhas das obras mostram suas preferências, a construção de seu pensamento e através destes conteúdos, uma parte da maneira como interagiu com o mundo.

De certa forma, montar uma biblioteca particular é como escrever um diário, assim como o ato de guardar papéis é uma forma de imprimir uma autobiografia. Nesse sentido, Artières (1998, p. 20) ressalta que outro fragmento para a criação de acervos particulares é a sua intenção autobiográfica: “arquivar a própria vida é querer testemunhar”. Ressalta ainda o autor que arquivar a própria vida, não é uma prática neutra, muito pelo contrário, é desenhar como nos vemos e como desejaríamos ser vistos, simbolicamente é a preparação do processo individual: é “reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo” (ARTIÈRES, 1998, p. 23).

Pouco, ou quase nada, sabemos quando Ungaretti inicia a composição do seu acervo. Tampouco localizamos dados que apontem quais foram suas obras de maior afeição ou mesmo quais seriam sua leitura de cabeceira. Suponhamos que proveniente de uma família de vasto capital intelectual e cultural, arquivar sua vida por meio de seu acervo, mesmo que inconsciente, seja uma prática que foi intrínseca a formação do seu 'eu' e que, arraigado em sua trajetória íntima com o ato da leitura, favoreceu e tornou a possibilidade de criar acervos, algo natural. Paralelo a essas questões, conseguimos ler em seu acervo uma forma de auto retrato pintado por Ungaretti durante sua vida. Ele nos deixa pistas daquilo que trouxe em sua bagagem,

de suas impressões de vida, de suas escolhas e dos seus caminhos. Impossível seria dissociar sua herança de sua vivência.

Durante sua vida, Ungaretti passou inúmeros momentos rodeado de livros: desde de momentos de pesquisa desfrutando de ambientes como salas de leituras, acervos bibliográficos e arquivos, até momentos de lazer, fazendo suas leituras de fruição. Sobre suas inúmeras horas de garimpo e pesquisa, um detalhe ele nos confidencia por meio do prefácio de seu livro “Laguna um pouco de história”, onde relata que quem vê uma obra pronta não sabe a jornada de pesquisa, leitura e compilação para chegar ao texto final. Nesse sentido, Ungaretti, em sua teia de buscas, garimpou textos e leituras de inúmeros autores e autoras, para então criar, aprimorar e imprimir suas próprias vivências, experiências, história de vida, questionamentos e visões de mundo.

Suas leituras e pesquisas voltados para autores e histórias catarinenses se deram principalmente no seu período como conselheiro, atividade que exerceu ativamente na Fundação de Cultura Catarinense. Certeau (1994) ilustra que a leitura é "uma operação de caça", é algo a ser realizada no escuro, por meio de improvisação, da formulação de problemáticas e do estabelecimento de significados abrangidos no contexto da leitura.

Ungaretti, como leitor, desbravava e interagiu com os textos que chegavam a ele. Se algo lhe despertasse interesse, logo ele incluía nas páginas as suas próprias impressões, que só tinham sentido em seu contexto e muitas vezes traduzidas apenas por ele e pelo seu conhecimento de mundo. Mas, para Chartier (1998) a liberdade do leitor também não é absoluta, por isso não podemos ignorar a existência de tensões e conflitos particulares que cada leitor possui como características próprias.

É válido ressaltar que as pesquisas mais recentes da área da História da Leitura fizeram uma contraposição a uma historiografia ocidental mais tradicional, que abordou a leitura em relação aos elementos quantitativos dos leitores e das leituras. A emergência da história cultural, mais especificamente em seu viés que contemplou a história dos livros e da leitura partir da década de 1970, apontou caminhos não explorados em relação à prática da leitura, principalmente com o objetivo de analisar quais eram os modos de ler dos agentes históricos.

Nessa direção, Chartier (1999, p. 77) conclui que a leitura é “sempre apropriação, invenção, produção de significados”. Por meio da leitura, o texto nem

sempre recebe, de forma total, o mesmo sentido conferido pelos seus autores, pois é por meio da liberdade do leitor que se pode mover ou alterar o que o livro objetivava. Devemos levar ainda em consideração que essa liberdade leitora não se dá de forma absoluta, “ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura” (CHARTIER, 1998, p. 77). Ressaltando ainda, que a leitura é uma atividade única, capaz de produzir significados que não estão limitados a intensão dos autores ou de quem cria os livros, como defende Michel de Certeau (1994) se trata de uma “caça furtiva.

É de igual importância, para a história das práticas de leitura, as diferentes concepções dos textos, ou seja, os diferentes empregos do mesmo texto, seja ele lido em voz alta, para si mesmo ou para um público, seja ele lido em silêncio, lido no âmbito do privado e ou em praça pública, lido de forma sacralizada ou laicizada. Além dessas análises mais macroscópicas, um trabalho de história da leitura deve reconhecer paradigmas de leitura próprios de uma determinada comunidade de leitores, num determinado momento e num lugar delimitado. Ainda de acordo com Chartier (1998, p. 77) os gestos também mudam segundo o tempo e os lugares, os objetos lidos e as razões de ler, “elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram a sua compreensão”. Chartier (1987) ressalta que no que diz respeito a tríplice conexão entre texto, livro e compreensão, que um texto, sendo invariável nas suas letras e preso na sua forma, é objeto de leituras diversas. “Um livro muda pelo fato de não mudar enquanto o mundo muda” ou “enquanto muda o seu modo de leitura” (CHARTIER, 1987, p. 96).

Norberto Ungaretti, como leitor fez, em Florianópolis, parte de uma comunidade de leitores intelectualizada, produtora e disseminadora de cultura. Os processos de leitura e as formas de leitura de Ungaretti provavelmente inferiram na sua forma de ver o mundo e como ele transmitia o conhecimento.

Dotado de multifacetadas profissões, Ungaretti teve o privilégio de transitar em inúmeros campos profissionais que permitiram que contatasse pessoas de várias áreas do conhecimento. É fato que teve impacto como agente leitor no campo da educação por lecionar por mais de trinta anos na Universidade Federal de Santa Catarina e na ESMESC, atingindo um grande volume de pessoas que assistiram suas aulas.

Assim, pode-se dizer que Ungaretti foi um intelectual mediador, que na concepção de Gomes e Hansen (2016), dentre perfis de grandes sujeitos, são agentes reconhecidos nos leitores. Para pensar na categoria “intelectuais mediadores”, a proposta das autoras é refletir sobre cada palavra isoladamente. O conceito de intelectuais, em sua reflexão, “são homens da produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social” (GOMES; HANSEN, 2016, p. 10). Entretanto, as autoras desmitificam a figura do intelectual à imagem de gênio, mas sim uma pessoa, ou mesmo grupo, diversificado de atores, professores ou agentes da educação, curadores, artistas. O sujeito intelectual, segundo as autoras, pode ser um “intelectual criador” e ou um “intelectual mediador”: o primeiro é responsável pela criação e divulgação de um bem cultural, já o segundo pode ser tanto aquele que se dirige a um “público de pares, mais ou menos iniciado, como a um público especializado, composto por amplas parcelas da sociedade” (GOMES; HANSEN, 2016. p. 2110), ou seja, estabelece comunicação com o público propondo ressignificação do bem cultural.

O sujeito que é mediador é entendido a partir do termo francês ‘*passeurs*’, e sua interpretação gira em torno do significado do sujeito que conduz por uma travessia, por uma ‘ponte’. Mediar, portanto, implica em uma prática sociocultural. Nesse contexto, o sujeito “intelectual mediador” é um sujeito histórico, autor e/ou divulgador de um bem cultural (GOMES; HANSEN, 2016).

## 2.1 DA COLEÇÃO PRIVADA À BIBLIOTECA PARTICULAR, UM ACERVO PARA SE CHAMAR DE BIBLIOTECA UNGARETTI

Acervos pessoais, em seu alcance cronológico, abrangem a produção da vida de quem o constituiu, ou seja, podem ser definidos como o conjunto resultante da atividade profissional, cultural e pessoal que determinado indivíduo deixa como parte do seu legado. Acerca da construção dos acervos pessoais, em leitura de Pena e Graebin (2010), tem-se a concepção de que esses conjuntos não ultrapassam o ciclo de vida do indivíduo que o constituiu.

Portanto, pautado no princípio de preservação da memória individual e coletiva, tendo em vista que cada biblioteca particular é única, que a Coleção Particular de

Norberto Ungaretti foi recebida e integrada à Biblioteca Particular do escritório Cavallazzi, Andrey, Restanho e Araujo.

A doação da coleção partiu da família de Norberto Ungaretti, em 2016, após dois anos do seu falecimento. Esse trâmite ocorreu por vontade manifestada por Ungaretti, devido à proximidade dos sócios do escritório, que foram, orientandos, amigos e por muito tempo trabalham em parceria com Ungaretti.

Figura 11 – Notícia jornal Diário Catarinense



Fonte: Diário Catarinense (2016).

É em relação a preservação da memória que a biblioteca particular se distingue de qualquer “biblioteca coletiva em sua própria estrutura”. Segundo Moles (1970, p. 51) a biblioteca particular “[...] é orientada inteiramente por aquele que a construiu como um prolongamento de si mesmo, uma extensão de sua pessoa intelectual”. Um dos princípios do supracitado autor é justamente o contraste entre a biblioteca pessoal, que pode ser a extensão do indivíduo, dos saberes ligados a um eu particular e a biblioteca pública (ou a biblioteca universitária, ou a biblioteca “universal”) que preza pela variedade da acumulação, onde tenta satisfazer, na medida do possível, todos os seus usuários.

O processo de formação do acervo parte da seleção minuciosa daquilo que integrará suas estantes, seguindo critérios que permitam, paulatinamente, a composição seu arcabouço:

Os livros cuidadosamente reunidos por meio de uma lenta seleção (muitos intelectuais compram um livro depois de tê-lo lido ao invés de comprá-lo antes, com o objetivo de integrá-lo, mediante esse ato, tanto simbólico quanto

sacrificial, na textura de seu pensamento), os livros que releu - pois o objetivo confesso não é a coleção prestigiosa, mas a incorporação por elementos em sua própria cultura - aqueles que julgou dignos de subsistir através dos anos, todos esses tijolos de saber perderam sua característica inicial de media, ainda que naturalmente sejam impressos às centenas ou milhares de exemplares, porém sempre de difícil acesso no mercado diversificado da cultura (MOLES, 1978, p. 51)

É a partir dessa descrição que em 1978, vinculado ao Departamento de Psicologia Social Universidade de Estrasburgo, França, Abraham A. Moles, um dos mais importantes teóricos da comunicação, engenheiro elétrico e acústico francês, além de doutor em física e filosofia, nos traz, em cerca de 15 páginas, um diálogo intitulado “Biblioteca Pessoal: Biblioteca Universal”, que propõe o estudo “a partir de uma teoria funcional da biblioteca [onde] são examinadas as características específicas da biblioteca pessoal, do ponto de vista de sua estrutura e das relações entre ela e seu criador e usuário” (MOLES, 1978, p. 30).

Em sua publicação, Moles enfatiza a ausência de estudos desse cunho, levando em consideração que a elite cultural raramente não possuiria, ao menos, algumas obras arrumadas em uma prateleira. Na ocasião, o autor ainda ressalta que para além da elite cultural, a maioria das pessoas acumula livros para leitura rápida, como romances dedicados à leitura ocasional, por exemplo.

Entretanto, a sua escrita acerca dos acervos pessoais não é voltada ao ocasional acúmulo despretenso de livros de leitura de fruição, prática a qual Moles (1978, p. 40) chama de armazenamento de “objetos semitransitórios”, pois, após leituras, podem ser repassados para outras mãos. Em seu texto, Moles (1978, p. 40) desenvolve alguns princípios que “podem reger a biblioteca particular do intelectual” a partir do que o autor chama de “‘teoria funcional’ da biblioteca de acordo com uma visão própria do conhecimento”, enfatizando que, independentemente do tamanho, a biblioteca particular nunca é:

[...] a soma de objetos caducos. Ao contrário, a Biblioteca Particular começa, talvez, no bolso daquele artífice que comprou o Manual Dunod para bombeiros hidráulicos e vela ritualmente em sua presença quando parte em expedição profissional, ou no dicionário do serão familiar, completado por um atlas e enfeitado por um livro de figuras ou uma edição do Robinson Crusoe. A biblioteca é **coleção** certamente, mas antes de tudo **veneração de um instrumento** e construção progressiva desse instrumento por **acumulação**.

Ou seja, a biblioteca particular não precisa, necessariamente, ser vasta e numerosa, mas ela deve servir de forma útil àquele a qual a propõe. Além da sua serventia, a biblioteca reflete a profundidade do ser e coloca em perspectiva a imagem do seu criador, no que Moles (1978, p. 40) chama de “Eu no centro de Minha biblioteca”, projetada a partir da visão do mundo de cada um.

Nessa relação, Moles (1978, p. 40) descreve a biblioteca particular como parte indissociável do ser, um ponto de partida para navegar em toda sua “personalidade cultural”:

[...] minha biblioteca é minha própria visão do mundo do saber, minha biblioteca é uma extensão de mim mesmo, mais precisamente, uma extensão de meu cérebro, refletindo em sua estrutura a especificidade de minha personalidade cultural. Estudando minha biblioteca, [...] vós visitantes, podereis conhecer meu espírito, o que se trata de uma habilidade que todo intelectual sabe praticar quando olha de soslaio a biblioteca de outro membro do mesmo gueto intelectual a quem esteja visitando. Eis aí um processo clássico de espionagem na cidade dos intelectuais.

É nesse diálogo que se supõe que uma coleção particular não poderia deixar de ser específica e única, não pelo simples fato das obras que a compõem serem numerosas, raras ou valiosas, mas o conjunto de todos os elementos formarem o espelho que pode refletir uma das faces da personalidade do seu criador.

### **2.1.1 A Reconstrução de um Ordenamento Imaginado: Biblioteca Norberto Ungaretti**

O ensaio de Walter Benjamin (1986, p. 228) “Desempacotando minha biblioteca”, que remonta ao discurso do filósofo ao compartilhar com o leitor a alegria em registrar a reinstalação de sua biblioteca pessoal, num contraponto a coleção de Ungaretti, já estava embalada e pronta para ser recolhida da sua casa antes mesmos da conclusão dos trâmites formais da doação de sua coleção para o escritório de advocacia, seu destino final.

Nas caixas haviam diversos tipos de materiais. Supõem-se que alguns desses não compunham o acervo e foram sendo encaixotados anexos ao acervo por engano, dentre eles podemos citar comprovantes de aposentadoria, certidões, documentação de compra e venda de imóveis e carnês de IPTU. Foi necessária a seleção para manter o que era relevante para a coleção e o que havia chegado ali por acaso, já que



alguns documentos tinham validade legal. Como a coleção do professor estava dividida entre seu escritório e sua casa acreditamos que algumas caixas de documentos foram direcionadas de forma equivocada.

Pouco se sabe sobre a organização artesanal da biblioteca em posse de Ungaretti. Sabe-se, entretanto, que os livros ficavam armazenados em cima de uma grande mesa e a separação era por uso, conforme os livros ficavam obsoletos para suas pesquisas e leituras, iam desaparecendo em baixo das pilhas que se formavam pelas obras que chegavam por último<sup>19</sup>. Nesse sentido, Moles (1970, p. 42) ressalta que a organização física de uma biblioteca deve servir para que seu possuidor tenha plena capacidade de usufruir todo seu potencial:

A biblioteca é minha ferramenta de cada dia, ela determina e documenta minhas ideias. Ela deve ser "prática" e estar sob o controle permanente de meu campo de consciência. Eu devo dominar meu ambiente intelectual: a parede de livros, a paisagem de ideias que ela contém, deve estar sujeita a mim e não o contrário. Portanto, em termos mais materiais, existe uma relação entre a extensão de minhas estantes e o poder integrador de meu espírito.

Assim, a biblioteca particular, em relação ao seu ordenamento, disposição e organização, deve atender os critérios de acesso e disponibilidade de material em relação as necessidades do seu criador. E esse foi um dos primeiros questionamentos levantados para incorporar a coleção de Ungaretti à Biblioteca do Escritório.

Ungaretti tinha sua própria organização, que para muitos poderia fazer pouco ou nenhum sentido. Após conversar com pessoas da convivência de Ungaretti e que conheceram a biblioteca em sua casa e escritório, chegamos à conclusão que àquela Biblioteca não tinha fluxos, organização e ordenamento definidos e fixos. Deste modo, concluímos a impossibilidade de reproduzir a sua forma original. Moles (1970, p. 45) ilustra a figura de quem está na "situação de "herdeiro", uma biblioteca formada por outro intelectual e se descobre concordando com as escolhas que este fizera (frequentemente) e discordando da arrumação anterior, luta contra esta e refaz uma outra arrumação".

É importante ressaltar que a implantação de um modelo de organização padronizado sempre incitou discussões. Settis (2008, p. 114) ressalta que na

---

<sup>19</sup> Informação oral por meio de conversa com a filha, Marília Ungaretti, no momento da inauguração da Biblioteca Norberto Ungaretti, em 10 de agosto de 2018.

Alemanha, no início do século 1900 foram incitadas inúmeras “tensas e animadas” discussões acerca da disposição das obras nas estantes e da implantação de um catálogo sistemático para bibliotecas.

Estima-se que entre 1921 e 1947, G. Leyh, bibliotecário de Tübingen, foi adversário declarado, de forma irredutível, a qualquer ordenamento “sistemático” das bibliotecas<sup>20</sup>.

Ainda nesse modelo, podemos citar a Biblioteca de Warburg<sup>21</sup>, nos seu período inicial, onde recria-se a imagem de Warburg debruçado sobre seus fichários eternamente a procura do local ideal para cada livro, sem haver inicialmente uma sistematização permanente e sem seguir padrões pré determinados da época, leva-se em consideração ser biblioteca particular, em seu momento inicial (até período de 1920).

---

20 Historicamente “[...] A organização dos livros nas bibliotecas europeias, a partir do século XVI, desenvolveu-se de acordo com dois modelos divergentes: as pequenas bibliotecas, em particular as reunidas por humanistas, professores ou eclesiásticos isolados, se caracterizavam, desde o início, por uma disposição (com formas diversas, conforme o caso) que obedecia a um sistema. Isto é, uma repartição ordenada dos campos do saber, ora baseada na enumeração das diferentes disciplinas, ora, ao contrário, colocando-as numa estrutura hierárquica (por exemplo, do geral ao particular), referindo-se de modo mais ou menos declarado, a outras tantas teorias sobre o sistema de conhecimentos. Em compensação, as grandes bibliotecas sempre segundo Leyh - seguiram inicialmente um método mais simples, dominado por preocupações práticas: uma divisão dos livros por conjuntos, agrupados conforme o formato e a ordem de entrada. A partir de meados do século XVII, o ordenamento sistemático começa a surgir nas grandes bibliotecas, e se espalha particularmente no norte da Alemanha, para atingir, em Göttingen (a partir de 1737), sua forma mais evoluída: citemos, nesse nível, a biblioteca do conde de Bünau (que contou J. J. Winckelmann entre seus bibliotecários), a de Dresden, a de Wolfenbüttel (segundo um projeto, na origem, de G. E. Lessing). O ordenamento sistemático das bibliotecas alemãs, influenciado especialmente por Göttingen, se difunde rapidamente em todo lugar, até sua adoção pela Biblioteca Real de Berlim (nova sistematização: 1842-1881), que faz dele o ponto de referência obrigatório em toda a área prussiana. É nessas mesmas décadas que - embora com variantes locais - esse ordenamento sistemático chega a Tübingen e em seguida a Estrasburgo; em 1893, K. Dziatzko podia considerar o ordenamento sistemático como absolutamente típico das bibliotecas alemãs. Mas, em 1919, quando o problema do reordenamento e das novas normas de catalogação da Biblioteca de Estado Prussiana de Berlim veio à ordem do dia, a “apresentação sistemática” foi posta em acusação: segundo a fórmula repetida por Leyh, a enorme dificuldade de construir um sistema durável, e de fazer entrar nele e qualquer livro, acarreta necessariamente e consequências catastróficas (“katastrophale Wirkung”)” (SETTIS, 2018, p. 115).

21 “A *Kulturwissenschaftliche Bibliothek Warburg* (KBW, Biblioteca Warburg de Ciência da Cultura) localizada em Hamburgo, Alemanha, tem uma curiosa história fundadora: aos treze anos (1879), Warburg, primogênito de uma família judia de banqueiros daquela cidade, propôs ao seu irmão Max (um ano mais jovem que ele), ceder-lhe todos os privilégios da primogenitura em troca da promessa de comprar-lhe sempre todos os livros que necessitasse. Aos vinte anos (1886), Warburg começou a tomar nota sobre suas aquisições e três anos depois obteve de seu pai fundos para formar uma biblioteca centrada inicialmente em História da Arte” (SETTIS, 2010, p. 43 *apud* SOUZA, 2015, p. 2).

Em relação a criação de um catálogo para consulta e localização, Moles (1970, p. 43) usa em seu texto o caso da sua biblioteca em particular, onde a biblioteca poderia ser seu próprio catálogo:

[...] não existe catálogo em minha biblioteca particular. Minha memória é meu catálogo, o que se baseia no simples paradoxo de que possuir um instrumento do qual se esqueceu a existência é funcionalmente não o possuir, pois a função criadora bala-se na disponibilidade dos elementos do pensamento. Um livro foi lido, foi domado, foi inserido como "super-signo" ou como impressão na textura de meu pensamento, e, se esqueci uma grande parte do que ele contém, sei de forma imprecisa que ele está presente em meu domínio pessoal, que essa ferramenta ou esse material estão disponíveis, e que a mão que se estende para o livro é uma extensão de meu cérebro. Possuo como uma matéria de mim mesmo - com vazios, falhas, zonas vagas - o conteúdo dos 2.000 ou 4.000 livros que fazem minha cultura, que fazem a mim mesmo como homem de cultura. E é exatamente por isso que, de início, minha biblioteca é limitada e, depois, ela não requer, com base no princípio, nenhum "catálogo", nenhum fichário. Se não sei por mim mesmo onde tenho tal livro é como se não soubesse que tenho esse livro, enquanto valor, pois o campo do espírito é um campo de valores [...].

Ainda nesse quesito, desconhece-se se o professor Ungaretti tinha algum conhecimento ou interesse voltado para a organizações de arquivos, bibliotecas e acervos, mas acredita-se que o mesmo desenvolveu sua padronização conforme a necessidade de uso, a disposição de espaço físico e as incorporações de obras em sua coleção. Moles (1970, p. 45) reforça essa afirmativa, pois:

[...] não exista intelectual, que tenha uma biblioteca de trabalho, que não busque nelas de alguma maneira, uma estrutura que projete a configuração de seu próprio espírito na de sua parede de livros por meio de uma ordenação, mais ou menos personalizada, que fornece molduras e esteio ao seu espírito.

Após prévias pesquisas e já em posse da coleção, o intuito do Escritório foi tornar esse acervo aberto para a comunidade para a consulta e pesquisa. Esse foi um ponto primordial para trabalhar a coleção integrada: contar uma das faces da história de Ungaretti utilizando seu acervo como legado e, também, disponibilizar esse acervo para além dos colaboradores do escritório, tornando-o público para quem tenha interesse.

Nesse sentido, é inspiradora a Vontade de Warburg em transformar sua biblioteca particular em pública, oficializada em 1926, para que pudesse chegar a mais pessoas as informações únicas e meticulosamente armazenadas.

Souza (2015, p. 4) em leitura de Settis (2010, p. 38):

Persistiu em existir: a biblioteca – que inicia efetivamente sua formação em 1901 e que desde 1905 iniciou sua organização já contando com funcionários – sobrevivera a duas guerras, mudança de país, aos colapsos mentais de seu criador esquizofrênico, tornar-se-ia, de certa forma, infinita, como “O livro de areia” do conto de Jorge Luis Borges. O personagem que adquire o livro de areia a princípio o guarda só para si, mas, posteriormente, o perde propositalmente em uma biblioteca pública. Traçando um paralelo, Warburg – que em 1911 já possuía uma biblioteca particular com aproximadamente 15 mil livros– desejava-a pública e, assim ela se torna eterna por meio de sua abertura oficialmente em 1926 em Hamburgo, onde permaneceu até 1929.

Porém esse não foi um movimento isolado para tornar público o acervo de uma biblioteca particular. Tratando de esforços mais recentes e buscando integrar em rede diversas bibliotecas particulares, uma iniciativa em Portugal, chamada BiblioSol - Rede Cooperativa de Leitores, foi uma das propostas a concorrer à votação no Orçamento Participativo daquele país no ano de 2018. A ideia é abrir as bibliotecas privadas e arquivos ao usufruto público, sem prejuízo ao patrimônio de seu proprietário. Esse movimento nasceu de uma constatação de Renato Soeiro partindo do princípio de que é incalculável “a quantidade de livros que podiam ser tão úteis e que passam a vida fechados nas estantes [...]”. Renato tem sua biblioteca particular em casa e afirma que ela poderia ser muito oportuna para muitas pessoas: “Tanta gente, nomeadamente estudantes, tem de fazer longos percursos até uma biblioteca para ler o livro que pretende quando, se calhar, tem a morar ao lado uma pessoa que lhe emprestava.” (CRB8, 2018, p. 1).

Renato Soeiro tem em casa, por exemplo, uma vasta colecção de filosofia e epistemologia reunida pelo professor Armando de Castro (1918-1999) que não encontrara lugar quer junto da família, quer na biblioteca da Faculdade de Economia da Universidade do Porto, baptizada com o nome do advogado e economista. “Como me dava muito bem com ele, telefonaram-me e lá fui. Trouxe uma carrinha cheia do chão ao tecto com todos os livros dele de filosofia e epistemologia, com os seus apontamentos a lápis, o que é delicioso. É bom que se ponha à disposição de quem quiser.” Este é ponto fulcral (CRB8, 2018, p. 1).

A ideia de funcionamento, na prática, é inscrever a biblioteca particular na rede, com seus contatos e o endereço. Dessa forma, eliminam-se distâncias – “no fundo, é aquele velho projecto das bibliotecas itinerantes da Gulbenkian, que levavam os livros a casa das pessoas”, onde segundo Renato Soeiro “abre-se um rico e diversificado património privado à comunidade”.

Segundo o idealizador do projeto, “há espalhadas pelas vilas e aldeias, principalmente nas velhas casas senhoriais, colecções fantásticas de livros antigos que estão ali perdidos e que acabam por não servir para rigorosamente nada”. Por meio da rede e a disponibilização dos conteúdos dessas bibliotecas publicamente, o “Estado ou privados poderiam investir na preservação de acervos de relevo quando desaparecerem os seus proprietários” (CRB8, 2018, p. 1).

Não se tratando apenas de livros, mas de memória, o projeto BiblioSol quer justamente que não se perca o “que mais ninguém tem”. Apenas dessa forma que o acesso às riquezas do patrimônio que tantos guardam será efetivo. “Para que a cadeia do conhecimento se propague, de leitor para leitor” (CRB8, 2018, p. 1).

É nesse sentido que foi enfatizada a importância em receber e disponibilizar para a comunidade o acervo de Norberto Ungaretti: preservar o arcabouço material como forma de memória tornando público e aberto seu acervo.

Conforme abordado anteriormente, a coleção foi recebida embalada em caixas de papelão. O primeiro passo para conhecer esse acervo foi desembalar todos os exemplares, permitindo assim, além da separação por temáticas, observar o estado em que as obras estavam, identificando os cuidados que cada material em sua individualidade requer, já que o arquivo pessoal do professor Ungaretti foi construído ao longo de sua vida.

No momento inicial, diante a primeira interação para conhecimento e seleção dos materiais, percebemos que as temáticas relacionadas ao direito imperaram na coleção, sendo os recortes ligados ao direito civil o maior volume de obras. Porém as obras de História, literatura, filosofia e geografia também compõem a coleção numerosamente.

Na primeira triagem, foram selecionados cerca de 100 exemplares para restauração, pois estavam parcial ou totalmente danificados. Segundo Coradi e Eggert-Steindel (2008, p. 350) o papel é “[...] sensível a agentes deteriorantes como umidade, pragas, calor, luminosidade e processos químicos como a acidez”. É nesse sentido que acredita-se que um principais motivos para a deterioração dos materiais foi a ocorrência de pragas, o armazenamento inadequado do papel e a falta de

higienização, que deixaram, por fim, alguns materiais irrecuperáveis. Sabe-se que o acervo foi higienizado uma única vez na posse de Ungaretti<sup>22</sup>.

Nessa coleção, obras de variados anos sofreram esse processo de deterioração, mas as obras mais antigas são as mais castigadas e também estão em maior número. Acredita-se que o fator potencializador foi o armazenamento inadequado do material, o clima tropical, com influência direta da umidade do ar, exposição a agentes que causam deterioração (como poeira, insetos, sol, maresia) também era constante.

Pelo que se tem conhecimento<sup>23</sup>, os livros foram higienizados apenas uma vez durante toda a história da coleção dessa biblioteca na posse de Ungaretti. Um acervo nessa proporção requer manutenção constante, evitando assim, perdas ou alastramento de pragas.

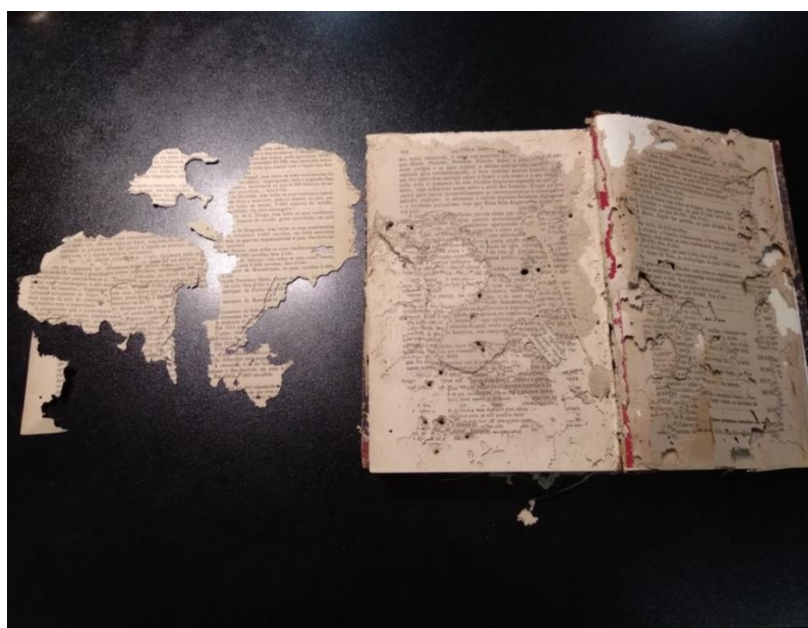
As fotos abaixo mostram algumas das obras encontrada em avançado estado de decomposição. Acredita-se que alguns livros não tinham sido acessados por muito tempo, inclusive, deveriam estar encaixotadas, possivelmente, por anos. Supõem essas afirmações devido ao estado de conservação das caixas, do acúmulo de poeira e detritos e em virtude dos pequenos fragmentos dos livros estarem dispostos dentro das obras de forma irrecuperável.

Figura 12 – Fragmentos do livro infectado por traças e brocas

---

22 Informação oral por meio de conversa com a filha, Marília Ungaretti, no momento da inauguração da Biblioteca Norberto Ungaretti, em 10 de agosto de 2018.

23 Informação oral por meio de conversa com a filha, Marília Ungaretti, no momento da inauguração da Biblioteca Norberto Ungaretti, em 10 de agosto de 2018.



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Assim que foram identificadas as primeiras caixas afetadas e localizadas as obras em estado de deterioração, tínhamos urgência em desembalar e higienizar todos os itens, já que poderia haver focos de contaminação que podem rapidamente minar as caixas que estavam ainda íntegras e isoladas. Algumas obras faltavam capa, lombada ou mesmo algum pedaço do miolo, tivemos que fazer a separação, a identificação e embalar, em sacos plásticos, esse material, para rastrear os pedaços faltantes. Alguns, infelizmente, não foram localizados. Todo o processo de higienização e separação do material levou cerca de seis meses, contando com duas pessoas trabalhando diariamente de 4 a 6 horas cada.

Nesta fase inicial, do tratamento físico das obras, o local definitivo para alocar a biblioteca ainda não tinha sido definido. Foi usada uma sala de reunião do escritório para dispor os materiais que estavam no processo de triagem e tratamento. Conforme higienizávamos os exemplares fazíamos a prévia separação das temáticas, os descartes de materiais inutilizados e a guarda dos documentos avulsos, conforme pode ser observado nas imagens a seguir:

Figura 13 – Separação dos materiais - sala de reuniões e hall de entrada





Fonte: Arquivo pessoal (2018).

As buscas para a locação de um espaço tinham como objetivo a amplitude, o acesso e que tivesse infraestrutura para receber uma biblioteca com mais de 5 mil obras, além de reuniões e eventos. A escolha da sala para abrigar a biblioteca também visou o livre acesso dos colaboradores do escritório, que fazem o uso cotidiano dos materiais, além da independência do escritório, tendo em vista que ela será aberta ao público. Importante ressaltar que a biblioteca do escritório já estava alocada no 9º



andar do Edifício Barra Sul, dentro do escritório, e era setorizada por temática nas salas que contemplavam aqueles assuntos. Além disso, havia uma sala comum com materiais que serviam de referência a todos os colaboradores. Com a vinda da coleção de Ungaretti, ficou inviável alocar de forma integral os materiais na atual estrutura de biblioteca que se tinha concepção no escritório.

O escritório, devido às suas necessidades, ocupa o 9º andar integralmente e mais duas salas no 10º andar do Edifício Barra Sul, nesse último ficam distribuídos setores administrativos e de *compliance*. E foi nesse mesmo andar que vagou a sala 1007, disponível para a reforma afim de receber uma biblioteca.

Foi contratada uma equipe de arquitetas para a elaboração do projeto inicial, afim de alocar todo o acervo de Ungaretti e parte do acervo já disponibilizado pelo Escritório. Após análise de alguns projetos sugeridos, o *layout* selecionado para a execução foi a proposta em que a biblioteca estivesse em consonância a uma ampla sala de reunião.

A estrutura foi montada a fim de abrigar a biblioteca, que também pode ser utilizada como sala para estudos, reuniões e conferências. O projeto foi cuidadosamente desenhado para que a biblioteca fosse vista de vários ângulos por quem estivesse usando a sala, passando a impressão do usuário estar sendo abraçado pelos livros. É nesse sentido que estrutura física da biblioteca é elemento que merece apreciação. Segundo Moles (1970, p. 46):

[...] uma das estruturas de base que a biblioteca pode propor ao espírito comporta uma dimensão linear longa ou extensível de assuntos e uma dimensão vertical de formatos que permitem dar uma certa unidade de aspecto às prateleiras, isto é, a inclusão de um fator estético na biblioteca. Pois ela é parte de mim mesmo, e se gosto de mim devo gostar de minha biblioteca, porque o fato de ela ser "bonita", ou pelo menos agradável de se olhar, não me é indiferente. Os grandes formatos e as obras volumosas devem encontrar-se não muito longe do chão, e o assoalho deve ser tão confortável quanto seja razoável para que nele se possa sentar e contemplar, espalhados à sua volta, os livros para fazer um trabalho (tapete com aquecimento). Quanto à altura, ela deve ser limitada a um tamanho de fácil acessibilidade. Assim, uma série de critérios funcionais descreve e contém o sistema da parede de livros a partir de um princípio de acessibilidade e de um princípio de ordenação.

A marcenaria foi executada em MDF nas cores cinza e preto. Quanto aos cuidados em relação ao impacto dos agentes externos para preservação dessa coleção, foram observados os requisitos enumerado por Coradi e Eggert-Steindel (2008), onde entre “os agentes físicos estão fatores como a umidade e a temperatura,

cujas variações podem causar movimentos de contração e alongamento das fibras do papel, além de favorecerem a proliferação de agentes biológicos como insetos, fungos e bactérias.”.

Ainda segundo Coradi e Eggert-Steindel (2008) a má ventilação é outro agente de deterioração em um acervo, “pois isto também favorece a proliferação de fungos, bactérias, insetos e outras pragas. Ventiladores ou circuladores de ar podem ser utilizados. Quanto à ventilação natural, deve-se tomar cuidado quanto às condições climáticas ao abrir portas e janelas”. Por isso para manter a temperatura ideal, é utilizado termo higrômetro para medição de temperatura interna, umidade relativa do ar e ponto de orvalho e o ar condicionado, com função ventilação e desumidificador, que auxiliam na conservação do material bibliográfico.

No que diz respeito a iluminação, para Coradi e Eggert-Steindel (2008, p. 351), “se esta for inadequada poderá causar o desbotamento ou escurecimento do papel e das tintas, além disso, pode acelerar a degradação de uma substância chamada lignina, causando o rompimento das fibras de celulose”. Desta forma, faz-se necessário o controle adequado da incidência da luz natural e artificial. Para o controle da luz natural foram instaladas persianas, além do próprio vidro já possuir película de proteção contra os raios UV, minimizando a incidência de luz e calor. Já para a iluminação artificial, foi realizado um projeto luminotécnico que leva em consideração a dimensão do espaço físico, as cores das estantes, a disposição e os fluxos necessários visando as multifunções do ambiente.

Além dessa infraestrutura, há, integrada, pequena copa (com cafeteira e frigobar), mesa de reuniões com 12 lugares, e separado desses, hall de entrada e lavabo simples.

Figura 14 – Disposição das prateleiras



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Assim que finalizada a montagem da estrutura das estantes, foi iniciado o transporte das obras para a sala direcionada à biblioteca, alocando separadamente o acervo: ficou definido o lado direito da biblioteca, por ser maior, para assuntos que tinham ligação com o direito; à esquerda, ficaram os periódicos, acórdãos, literaturas e demais temáticas.

Foram criados nichos, dentre as prateleiras, que abrigarão as obras em exposição. Esses nichos permanecerão abertos, sem nenhum tipo de obstáculo que interfira no acesso as obras. Esse modelo é citado por Moles (1970, p. 49):

Mencionemos de passagem, para corroborar esse ponto, a experiência muito simples, infelizmente praticada pelas donas de casa cuidadosas, que consiste em proteger algumas estantes de biblioteca por meio de um vidro móvel, com a louvável intenção de mantê-las em bom estado. Esse simples obstáculo de um vidro para abrir ou fazer deslizar basta para alterar a espontaneidade da relação entre o cérebro, a mão e o livro, afastar este dos olhos e do cérebro e dar a todo o conteúdo dessa distância uma distância suplementar em relação ao pensamento. É muito fácil verificar tal feito.

A composição e a ordenação do acervo e a modulação dos nichos podem ser observados nas imagens abaixo, ainda na fase inicial do transporte das obras para o local definitivo da Biblioteca Norberto Ungaretti:

Figura 15 – Início da colocação dos materiais na biblioteca



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Como abordado anteriormente, além dos livros e periódicos, haviam outros materiais que acompanharam o acervo, dentre eles inúmeras caixas de xerox de processos. Esse material foi analisado pelos responsáveis do escritório e devido a quantidade, estado de conservação e a possibilidade de disponibilidade por meio *on-line*, além da não pertinência em continuar com aquele material, até mesmo pela não interação do Ungaretti com o mesmo, ele foi descartado.

O processo de descarte dos materiais do escritório foi realizado por uma empresa terceirizada e especializada em remoção de papel. A efetivação é realizada via contrato de prestação de serviços, mantendo o sigilo de todo o documento que é enviado. Estima-se que foram descartadas cerca de cinco caixas de material inutilizado. O mesmo material pode ser observado na imagem a seguir, disposto em cima da mesa de trabalho para seleção:



Figura 16 – Descarte de materiais



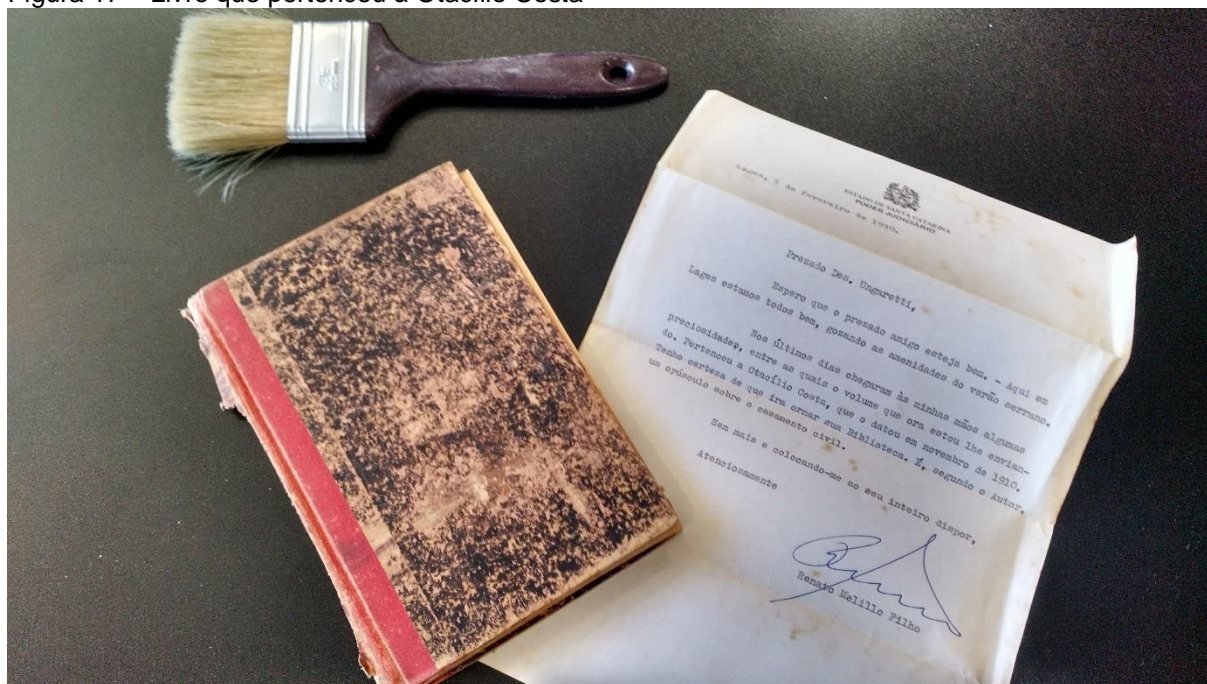
Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Para além do processo de descarte, em contrapartida, muitas foram as surpresas com os achados durante a organização dos materiais para a constituição da Biblioteca Norberto Ungaretti. A exemplo, incluímos a imagem 17 de uma obra que pertenceu ao político Otacílio Costa<sup>24</sup>, a obra está datada em 1910. Uma carta, acompanhando a obra, saúda Ungaretti afetuosamente e traz a sua história. Como conhecedor e estudioso da história da política, preservou a obra e a carta provavelmente apreciando muito o envio pelo seu amigo Renato Melillo Filho, em fevereiro de 1990.

---

<sup>24</sup> De nascença Otacílio Vieira da Costa, nascido em no município de Lages (SC) em 1883, foi um advogado provisionado, jornalista e político brasileiro. Na política exerceu cargo de prefeito de Lages, de 1911 a 1914 (interino) e de 1923 a 1926 e deputado à Assembleia Legislativa de Santa Catarina na 7ª legislatura (1910 — 1912), na 8ª legislatura (1913 — 1915), na 12ª legislatura (1925 — 1927), e na 13ª legislatura (1928 — 1930). O município de Otacílio Costa é assim denominado em sua homenagem.

Figura 17 – Livro que pertenceu à Otacilio Costa



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

Após a higienização de todo o material e a transferência para a sala destinada à biblioteca, foi iniciado o processamento técnico da coleção. A construção de um espaço de memória, que também incentiva a pesquisa, com intuito de abrir aos pesquisadores e a comunidade no geral, é de extrema relevância em relação à memória coletiva.

Foi com base nessa premissa, que na sexta-feira, 10 de agosto de 2018, iniciando as comemorações para o dia dos advogados que logo se aproximava, foi inaugurada e aberta ao público a Biblioteca Norberto Ungaretti.

A cerimônia contou com a presença dos sócios do escritório, Tullo Cavallazzi Filho, Alexandre Brito de Araújo, Marcos Andrey de Sousa, Everaldo Luis Restanho e Suzana Mello, além do Presidente da ACI (Associação Catarinense de Imprensa), Ademir Arnon, e o colega de Ungaretti na Academia Catarinense de Letras, jornalista Moacir Pereira, que discursaram sobre a iniciativa do escritório e do inestimável valor da pesquisa realizada por Ungaretti sobre a biografia de Jerônimo Coelho, editada em 2019. Também esteve presente, a filha Marília Ungaretti que representou a família, elogiando além da iniciativa do escritório, o cuidado e a construção da Biblioteca.

Ungaretti, descrito, por aqueles com que convivia<sup>25</sup>, como uma pessoa generosa, simples e humilde, deixa um legado com mais de quatro mil obras, incluindo livros, periódicos, recortes de jornais, manuscritos, cartas, e-mails, anotações e recados. Apresentar esse material devidamente organizado, higienizado e aberto para consulta foi um momento muito esperado pelos sócios do escritório, que prezam pela preservação da memória e cultura catarinense. A inauguração do espaço busca trazer visibilidade ao acervo, que pode ser consultado mediante agendamento.

Figura 18 – Inauguração da Biblioteca Norberto Ungaretti



Fonte: Diário Catarinense (2018).

Emocionada, a Filha Marília comentou o quanto a iniciativa alegria o pai, e o quanto o mesmo dedicou tempo, amor e paixão pela sua biblioteca durante toda a vida.

Abaixo a imagem mostra a reunião com todos os presentes para a inauguração da Biblioteca. Dando destaque a Marília Ungaretti na porção central:

25

Informação oral por meio de conversa com a filha, Marília Ungaretti, no momento da inauguração da Biblioteca Norberto Ungaretti, em 10 de agosto de 2018.



Figura 19 – Inauguração da Biblioteca Norberto Ungaretti



Fonte: Arquivo Pessoal (2018).

Após a inauguração, a Biblioteca foi oficialmente apresentada a todos os colaboradores do escritório, que contam agora com mais esse espaço como suporte a pesquisas para o desenvolvimento do seu trabalho, mas também para uso pessoal. É um incrível patrimônio que merece ser preservado e desfrutado.

Figura 20 – Inauguração da Biblioteca Norberto Ungaretti para os Colaboradores do Escritório



Fonte: Arquivo Pessoal (2018).

Após finalizadas as comemorações à inauguração e apresentação da biblioteca, foi o momento de contempla-la em sua forma, registrei esse momento para

que ela não desapareça de nossas memórias e sirva de inspiração para que seja amplamente difundida e preservada.

Figura 21 – Biblioteca Norberto Ungaretti



Fonte: Arquivo pessoal (2018).

No momento atual, para pesquisar no acervo é necessário despendar tempo para localizar manualmente as obras, pois ainda não foram cadastrados todos os exemplares na base de dados do escritório. O catálogo é *on-line*, que conta com *software* próprio com uma aba dedicada à biblioteca, integrado às demais demandas do escritório. O processo de cadastro das obras está em andamento no sistema VIOS<sup>26</sup>, porém devido à complexidade do acervo, ainda está em estudo a forma de individualizar o acervo advindo do professor Ungaretti do acervo já disponível no escritório.

O processamento técnico consiste no cadastro das obras, utilizando os instrumentos de catalogação e indexação. Além disso, será elaborada a política de uso do acervo e o Regulamento da Biblioteca, passos importantes para tornar o acervo disponível ao Público. Esses passos seriam feitos no decorrer de 2020, visando deixar

---

26 “O sistema VIOS é um software integrado de gestão empresarial voltado para escritórios de advocacia e departamentos jurídicos. [...] pode ser adquirido em módulos, de acordo com a estratégia de cada empresa [como o módulo biblioteca, por exemplo]. Diversas integrações proporcionam maior produtividade aos advogados que não precisam alimentar os sistemas de seus clientes. A ideia é que não existam mais controles paralelos no escritório. Tudo centralizado na mesma plataforma” (VIOS, 2018, p. 1).

o catálogo on-line disponível para a pesquisa, porém, com a Pandemia do Coronavírus, o cronograma não pode ser efetivo.

## 2.2 ATRAVÉS DO ESPELHO: O ACERVO DA BIBLIOTECA PRIVADA NORBERTO UNGARETTI

A trajetória vivenciada por Ungaretti, desde seu local de nascimento, a sua vinculação familiar, o seu movimento como estudante, a sua adaptação em uma nova cidade na condição de acadêmico e funcionário público logo no início da sua fase adulta, sua atuação profissional em diversas funções ligadas ao direito, além de suas escolhas social, cultural e religiosa refletem, mesmo que parcialmente, na composição de sua coleção. Nessa medida, não podemos afirmar se a relação de Ungaretti como leitor, se estabeleceu no sentido dele formar um acervo em consonância com suas vivências, ou experienciar novos sentidos por meio da composição do seu acervo. Tampouco sabemos onde e como iniciou a formação dessa coleção, se ele buscava possuir tudo o que lia, porém podemos inferir que Ungaretti não conseguiu ler leu tudo o que possuiu em sua coleção particular. Sabemos que Ungaretti possuía livros de leitura integral, como livros de história, algumas obras do direito e literatura, e livros para consultar pontual, como por exemplo dicionários, enciclopédia e periódicos. Esse é um quesito que pudemos verificar por meio de leituras que ficaram grifadas com ou por meio de afixação de marca texto.

O acervo, na época que foi encaminhado para ao escritório Cavallazzi, Andrey, Restanho e Araujo, era composto por cerca de 4 mil volumes de livros, periódicos e acórdãos. Além desses, também integram a coleção recortes de jornais e revistas, documentos particulares e fotografias. Acreditamos que esse acervo foi reunido ao longo de sua trajetória de vida. Porém, como anteriormente pontuado, acreditamos que algumas caixas de documentos que foram encaminhadas no transporte do acervo equivocadamente. Outro ponto a ser observado é que aparentemente uma parcela do acervo já estava embalado há alguns tempo (talvez anos), a julgar pela conservação do material.

Inicialmente, sabe-se que Ungaretti foi herdeiro de uma família que possuía condições socioeconômicas, o que possibilitou a ele uma boa instrução ou formação no sentido educacional e de acesso à bens culturais. Nesse sentido, pôde converter

o capital econômico em capital intelectual, pois desde cedo teve acesso a instituições de ensino de qualidade, trafegou em ambientes culturais e desfrutou de meios politizados que contribuíram para sua formação pessoal e intelectual.

Assim, supomos que a composição de uma coleção pode ter sido uma consequência advinda das suas raízes familiares, onde o próprio Ungaretti deixa em registro escrito, que seu tio foi um historiador que acumulou, ao longo de sua vida, um grande acervo histórico sobre personagens catarinenses, principalmente sobre a história de Laguna. Esse acervo, em parte, foi dissipado após o falecimento do mesmo. Talvez esse seja um ponto relevante que o fez pensar na doação da sua coleção para o Escritório Cavallazzi, Andrey, Restanho e Araujo Advocacia e seus sócios, que o acompanharam durante sua trajetória profissional, no campo jurídico como advogados e no campo educacional estabelecendo uma relação professor-alunos e orientandos.

Profissionalmente, no seu primeiro ofício, Ungaretti trabalhou com dados acerca da história de Laguna antes de instalar-se definitivamente em Florianópolis. Seu trabalho na Associação Comercial de Laguna aproximou-o do então governador do estado de Santa Catarina, Jorge Lacerda, que o convidou para atuar como seu Secretário Particular e chefe de gabinete. Essa foi sua primeira função aliada à política catarinense e como funcionário público do executivo na Capital do estado. Ao longo de sua vida foi acumulando diversas funções públicas e cargos políticos.

Seu despertar historiográfico foi direcionado para seu local de origem, que foi motivo de pesquisas durante toda sua jornada. Suas primeiras obras, o ensaio “Santo Antônio dos Anjos de Laguna” e o livro “Laguna: um pouco de História”, revelam esse tom historiográfico ligado ao seu lugar de pesquisa. Em sua coleção particular podemos observar uma gama de leituras meticulosamente grifadas e anotadas, que revelam suas interações com as obras e autores, sejam eles a nível regional, nacional ou mundial acerca da história de Laguna.

O tema “história” aparece volumosamente em seu acervo, podemos dizer, inclusive, que essa é a segunda temática mais ambulante nessa coleção. Em relação a essa temática, além das obras que evidenciam suas raízes e suas pesquisas acerca da sua terra natal, Ungaretti também possuía diversas ramificações atreladas a essa: história do Brasil e seus personagens, incluindo governo e política, história sobre religião, história mundial, principalmente sobre Portugal, e história sobre o direito.

Esses eram os recortes mais numerosos voltados a essa área, apesar de aparecer demais assuntos, porém em menor quantidade.

Já a sua vivência no campo das ciências sociais aplicadas iniciou com seu ingresso na faculdade de Direito e tem relevância em sua formação sociocultural e na consolidação de redes de sociabilidade que possibilitaram-no transitar em diversos campos ramificados a esse inicialmente citado. Em sua trajetória profissional, no campo educacional, lecionou matérias da área do direito civil, tanto na UFSC quanto na ESMESC.

Assim, como professor da área do direito, Ungaretti reuniu um acervo massivamente direcionado ao direito, principalmente Direito Civil é o principal ramo do Direito Privado. Essa área do direito trata acerca do conjunto de normas jurídicas responsáveis por regular os direitos e obrigações de ordem privada em relação as pessoas, seus bens e suas relações, assim, sua principal característica é determinar como as pessoas devem se relacionar e agir em sociedade, como por exemplo, o direito do nascituro, o casamento, a sucessão familiar por meio da herança e do legado, entre outros aspectos legais comuns as relações de uma sociedade civilizada.

Por isso, Ungaretti formou uma coleção de obras ligadas ao direito comparado, que é um recorte jurídico que estuda e pesquisa as diferenças e as semelhanças entre os diferentes direitos (incluindo suas legislações, jurisprudências e doutrinas), e a um método científico que permite comparar elementos desses direitos, com finalidades variadas. Para Ungaretti, normas portuguesas, espanholas e italianas eram a base para as comparações do direito civil, tendo em vista que o direito brasileiro muito herdou desses anteriormente citados.

Nesse meio, além da cátedra, Ungaretti também atuou no poder judiciário, como magistrado no Tribunal de Justiça do Estado de Santa Catarina. Nessa instituição, devido as peculiaridades das suas atividades, seus julgamentos geravam acórdãos que o próprio Ungaretti encaminhava para encadernação em grandes volumes verdes separados por ano e arquivados em lugar de destaque em sua coleção. Essa sensibilidade evidencia sua estima com a instituição, o trabalho que realizava nela e a vontade de arquivar e deixar como patrimônio uma parcela de sua jornada a qual tinha muito respeito e admiração. Nesse sentido, naquela instituição Ungaretti deixou um legado não apenas em relação as suas decisões jurisprudenciais, que foram amplamente citadas em outras decisões e por diversos estudantes em suas

pesquisas e teses, que é o domínio das técnicas da profissão, mas também as redes de sociabilidade construídas no decorrer de sua trajetória, que desembocam na consolidação do sujeito no campo no qual está inserido.

Após aposentadoria, Ungaretti ainda atuou como advogado particular também nas questões relacionadas ao direito civil. Por sua atuação profissional como operador do direito, principalmente do direito civil, durante mais de 40 anos que seu acervo possui cerca de 70% de sua composição voltado para os recortes do direito civil.

O subtítulo desta segunda seção: **conhecer, preservar e disponibilizar** permite, após a narrativa teórico – prática aqui apresentada a partir das diferentes fontes indagadas agora discorrer sobre as considerações finais para um balanço do estudo, apontar as limitações, e ampliar reflexões da necessidade de estudos nessa chave na perspectiva da história do livro da leitura e por consequência na história da educação em nível local, nacional e internacional pois o livro e a leitura, o modo de sua circulação fazem não só a história do livro, mas fazem história. Dentro do campo da educação engloba a História da Educação e esta, por sua vez, é contada também por meio da disciplina do História do Livro. Dito de outro modo, este estudo traduz de algum modo uma parte da educação na linha do campo do Direito e por sua vez no mesmo argumento uma parte da história do livro, da leitura e das bibliotecas, e da educação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a construção dessa pesquisa, lembramos ao leitor a pergunta que nos guiou foi: “Quais as relações que podemos estabelecer entre as dimensões pessoal e profissional de Ungaretti na construção de sua Coleção?”

Como objetivo geral, pretendeu-se analisar a constituição da coleção particular de Norberto Ungaretti em consonância com sua trajetória pessoal e profissional, auxiliado pelos nossos objetivos específicos como seguem.

Nosso primeiro objetivo específico foi “Traçar uma trajetória pessoal e profissional de Norberto Ungaretti: sua atuação nos diversos campos do conhecimento, suas publicações, pesquisas e atividades institucionais”.

Para alcançar este objetivo específico, remontamos uma trajetória pessoal e profissional de Ungaretti, que se reflete como sujeito multifacetado que desenvolveu seu percurso em diversos espaços sociopolíticos e com grupos variados de pessoas durante sua jornada, seja ela nos âmbitos acadêmico, pessoal e profissional

Sua jornada construída possibilitou relacionar sua trajetória profissional e pessoal com a formação de sua coleção particular. Sendo nosso segundo objetivo específico.

Podemos depreender que para Ungaretti constituir sua biblioteca privada ou sua coleção privada, segundo a literatura que alicerça este estudo, foi um ato “natural” advindo de práticas familiares vividas por ele em meio à convivência com seus pais, tios e primos. Em meio algumas memórias, Ungaretti nos deixa a impressão que a formação inicial de seu capital intelectual surgiu da sua relação com a sua mãe, que foi sua primeira professora escolar. Além disso, seu tio possuía, segundo suas palavras, um “incrível” acervo sobre Laguna, o que possibilitou, inclusive, pesquisas para a execução da escrita do seu primeiro livro. Por infelicidade, esse acervo foi dissipado. Esse movimento familiar agrega na vontade de Ungaretti em manter seu acervo preservado após seu falecimento, optando pela doação desse conjunto de bens que acumulou em sua vida e desembocou na construção da sua memória, o arquivamento do seu “eu”, por meio da construção do seu acervo.

No âmbito profissional, Ungaretti transitou em diversos meios, mas todos com relação direta com o direito e com a história. Desta forma, por meio do seu acevo, desenvolveu uma coleção que pode ser vista como um espelho que reflete sua jornada

profissional, principalmente no que diz respeito aos seus estudos e práticas direcionados ao direito civil.

Citamos, com ênfase, a relação com suas publicações vinculadas à sua atuação como desembargador do TJSC e a guarda, por meio da confecção de volumes encadernados, dos acórdãos proferidos por ele no exercer da sua jornada nesse Tribunal. De outro modo, também podemos espelhar em seu acervo a sua jornada como pesquisador ligado à área da história, que tem ávida vontade de navegar com diversas questões ligadas a história sócio-política catarinense.

Nosso terceiro objetivo específico e alicerçados nos dados do estudo, foi “Apontar características da coleção de Ungaretti, o professor, advogado jurista e intelectual em relação a um perfil leitor”, onde, para além das áreas que Ungaretti trafegou em todas as suas funções, ele foi leitor e como tal, deixa-nos sua marca.

Por meio de seu acervo, Ungaretti tinha liberdade de interagir, armazenar e ordenar as obras. Esses processos, são fragmentos da memória espelhados por meio das marcas ou registros observáveis na sua coleção particular.

Títulos da coleção particular de Ungaretti eram circulados ou transitavam em suas mãos entre casa e escritório. Conforme anunciado anteriormente, as temáticas da sua coleção eram diversificadas, mas massivamente estavam direcionadas ao temas relacionados a área do Direito. Outras temáticas que também figuraram numerosamente o acervo foram as obras como das área da História e da Literatura. Podemos inferir que Ungaretti, como pesquisador, fez uso do da sua coleção de forma a ampliar o espectro de seus afazeres profissionais e pesquisas.

No uso pessoal, Ungaretti possuía uma organização artesanal da sua biblioteca: os livros ficavam armazenados em cima de uma grande mesa e a separação era por uso, conforme os livros ficavam obsoletos para suas pesquisas e leituras, iam desaparecendo em baixo das pilhas que se formavam pelas obras que chegavam por último. A partir disto, podemos supor que Ungaretti tinha sua própria organização, que para muitos poderia fazer pouco ou nenhum sentido, mas atendia as suas necessidades de pesquisa e utilização. Aqui é necessário abrir um parêntese e assumir limitações do estudo, isto é, não foi possível realizar entrevistas complementares com familiares ou profissionais próximos a Norberto Ungaretti para melhor elucidar práticas leitoras e mais especificamente sobre como Norberto Ungaretti construiu a geografia da sua coleção particular.



Já na direção da preservação desta coleção privada, que foi a última meta ou proposta, mas não menos importante, e que também guiou o trabalho de investigação, isto é, conhecer o processo de integração da coleção de Norberto Ungaretti ao acervo do Escritório Cavallazzi, Andrey, Restanho e Araujo, que passa a ser nomeada como Biblioteca Norberto Ungaretti.

O processo de doação da coleção de Ungaretti ocorreu após seu falecimento. A família de Ungaretti, que sabia desse seu desejo, oficializou a doação, junto ao escritório receptor, no ano de 2015. A época da coleta, a coleção já estava embalada para o transporte no escritório particular de Ungaretti, localizado no edifício Ceisa Center, no centro de Florianópolis, e foi realizada pelo receptor da doação e encaminhada a sede do escritório Cavallazzi, Andrey, Restanho e Araujo localizado na Avenida Rio Branco, também no Centro.

Com a inauguração, em 2018, o espaço ganhou visibilidade, que recebe pesquisadores mediante agendamento. Nesse sentido, parte-se do princípio ser este um espaço de memória que fomenta às pesquisas na área do Direito, ou em outras diferentes áreas, por meio de um espaço aberto ao público.

Dessa forma, levando em consideração a abertura do acervo ao público é que ponderamos que a coleção de Ungaretti, abrigada no acervo dessa biblioteca privada, se constitui em uma fonte de pesquisa acerca desse multifacetado “Norberto Ulysséia Ungaretti”. Ainda pode-se pensar que foi onde Ungaretti imprimiu parte de sua jornada e sua memória.

Apesar de tentarmos espelhar um retrato de Ungaretti por meio de sua coleção, é necessário apontar algumas limitações na realização dessa pesquisa. Assim assinalamos que o não contato formal com familiares podem refletir em incertezas do estudo. Porém, segundo Certeau (1982) a pesquisa historiográfica é composta pelas combinações do lugar de fala, métodos e a narrativa, dessa forma, deve-se levar em conta o ponto de partida das referências, a subjetividade e interpretação do pesquisador nos resultados da pesquisa, sem necessariamente comprometer o caráter científico. Dessa forma, a vivência no acervo, as pesquisas teóricas, aliados às orientações, fazem com que possamos apresentar os resultados ora expostos.

Cientificamente, pensando nessa coleção como um fragmento da memória material deixada por Ungaretti, podemos refletir sobre as possibilidades de pesquisa que ainda possam, se certa forma, espelhar sobre a temática, pensando nas áreas da

Educação, Biblioteconomia e Direito. Levando em consideração o acervo em si, podemos pensar nos recortes temáticos que podem nos contar uma parcela da história do direito. Outro recorte temático que pode ser investigado é a diversidade e as diferentes edições que esse acervo contém, levando em consideração as produções editoriais artesanais, as diferenças de tempo e local e, ainda, as mudanças tipográficas nas edições. Ainda é instigante pensar em Ungaretti como leitor, analisar as inferências ou marcas de leitura de Ungaretti inscritas nas obras que passaram em sua mãos e olhos [...]. Enfim, podemos traçar inúmeras relações para a pesquisa dessa coleção.

Dito isso, a intenção desse texto não é esgotar uma discussão que pode, e deve, ser feita nas mais diversas perspectivas, inclusive com a finalidade de contestar o que aqui foi exposto. É nesse sentido, mesmo embora crítico à ideia de uma História do Tempo Presente, que Prost afirma:

É próprio da história do tempo presente, e de uma história indissociavelmente social e cultural do tempo presente, mais ainda que de uma história política e econômica, ou de uma história de produções culturais, ser uma história manca, coxa, incompleta, inacabada. A maneira correta de fazer esta História não é tentar remediar este inacabamento, ou mascarar-la restabelecendo, por algum artifício, continuidades demasiado sedutoras que fariam o presente sair logicamente do passado. É assumir este próprio inacabamento, de trabalhar para pôr em relevo, da inadequação das representações às realidades sociais que elas pretendem dizer, a sua própria novidade. (PROUST apud ROUSSO, 2015, p. 262)

Ao final, salientamos que a presente dissertação é uma contribuição para a história do livro, na chave da história da educação, que se debruça, no contexto local, sobre a trajetória de vida de uma figura que transitou em diversos cenários catarinenses e deixa suas pesquisas, publicações, apontamentos em uma coleção particular, com vistas à utilização pública, reverberando parte dessa sua jornada. Esse estudo, sem dúvida, é uma janela da história da leitura, tendo em vista que leva em consideração o leitor que constituiu uma coleção privada, com um viés de pesquisa a ser lida também na perspectiva da História do Tempo Presente.

Na vida tudo tem um início e fim, também aqui é necessário colocar um ponto final, ainda que provisório, para concluir este texto de dissertação. Desta forma, mesmo que esta dissertação possa estar incompleta e retrata uma parcela da jornada de um leitor, num sentido amplo que assume em sua trajetória de vida diferentes faces e certo modo a reproduz para a constituição sua coleção particular, faz parte agora da

Biblioteca Norberto Ungaretti do Escritório Cavallazzi, Andrey, Restanho e Araujo, aberta ao público de diferentes áreas do conhecimento, professores, pesquisadores [...].

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Luís Claudio. 10 - Ginásio Lagunense: uma escola para fazer história. **Blog as Mil e Uma histórias de Laguna**. 2013. Disponível em: [https://antigo.fecam.org.br/conteudo/index.php?cod\\_menu=28](https://antigo.fecam.org.br/conteudo/index.php?cod_menu=28). Acesso em: 05 abr. 2019.
- ALVES, Magda. **Como escrever teses e monografias**: um roteiro passo a passo. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**. Dossiê Acervos Pessoais. FGV. v. 11, n. 2, 1998. p. 9-33.
- AZEVEDO, Ricardo. Formas literárias populares e formação de leitores. In: BARBOSA, Márcia; RÖSING, Tânia; RETTENMAIER, Miguel (Org.). **Leitura, identidade e patrimônio cultural**. Passo Fundo: UPF, 2004. p. 155-159.
- BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.
- BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca. *In*: **Rua de mão única, obras escolhidas**. Brasília: Brasiliense, 1987. v. 2.
- BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. São Paulo: Globo, 1986. Disponível em: <https://teoriadoespacourbano.files.wordpress.com/2013/02/borges-ficc3a7c3b5es.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2018.
- BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8. Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 183-191.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.
- CARNEIRO, Marcio. Norberto Ulysséa Ungaretti. **Jornal de Laguna**. 2015. Disponível em: <http://jornaldelaguna.com.br/norberto-ulysses-ungaretti/>. Acesso em: 22 jun. 2018.
- CARVALHO, carlos Henrique de; CARVALHO, Luciana Beatriz de Oliveira Bar de. História/Historiografia da Educação e Inovação Metodológica: fontes e perspectiva. *In*: COSTA, Célio Juvenal; MELO, Joaquim José Pereira; FABIAN, Luiz Hermenegildo (org.). **Fontes e métodos em história da educação**. / Dourados, MS: Ed.UFGD, 2010.

CASTRO, César Augusto. Biblioteca como um lugar de memória e eco de conhecimento: um olhar sobre “O nome da Rosa”. **Revista Rev. Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n esp., p. 01-20, 2006.

CAVALLAZZI, ANDREY, RESTANHO & ARAUJO ADVOCACIA. **[site institucional]**. 2018. Disponível em: [advempresarial.com.br/](http://advempresarial.com.br/). Acesso em: 22 jun. 2019.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Lisboa: DIFEL; 1987.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**, Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, p. 231-254, 1996.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit**. Artmed, 2001.

CIRNE, Thiago. Bibliotecas Particulares. **Biblio, Cultura informacional**. 2013. Disponível em: <http://biblio.info/bibliotecas-particulares>. Acesso em: 22 jun. 2018.

CORADI, Joana Paula; EGGERT-STEINDEL, Gisela. Técnicas Básicas de Conservação e Preservação de Acervos Bibliográficos. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v.13, n.2, p.347-363, jul./dez., 2008. Disponível em: <https://revista.acb.org.br/racb/article/viewFile/588/693>. Acesso em: 22 jun. 2020.

CRB8. **E se a sua biblioteca privada fosse de todos nós?** 2018. Disponível em: <http://www.crb8.org.br/e-se-a-sua-biblioteca-privada-fosse-de-todos-nos/>. Acesso em: 22 jun. 2020.

DARNTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: EDUNESP, 1992, p.199-236.

DARNTON. Robert. **A questão dos livros: passado, presente, futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DIÁRIO CATARINENSE. [site institucional]. 2018. Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/>. Acesso em: 22 jun. 2018.

DIÁRIO CATARINENSE. [site institucional]. 2016. Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/>. Acesso em: 22 jun. 2018.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

EGGERT-STEINDEL, Gisela. A biblioteca como um espaço de sociabilidades no âmbito do ensino primário catarinense em meados do século XX. *In*: VI CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. 2011, Espírito Santo. **Anais do VI Congresso Brasileiro de História da Educação**. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/node/89>. Acesso em: 10 jan. 2020.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FAED – Centro de Ciências humanas e da Educação. **Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel**. IDCH. 2013. Disponível em: <http://www.faed.udesc.br/?id=1095>. Acesso em: 22 jun. 2018.

FAED – Centro de Ciências humanas e da Educação. **Eglê Malheiros e Salim Miguel**. Disponível em: [http://www.faed.udesc.br/arquivos/id\\_submenu/1093/textocasalfinal.pdf5](http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1093/textocasalfinal.pdf5). Acesso em: 22 set. 2020.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do Livro da Escrita ao Livro Eletrônico**. São Paulo: Edusp, 2008.

FECAM - Federação Catarinense de Municípios. **Povoamento Vicentistas**. Disponível em: [https://antigo.fecam.org.br/conteudo/index.php?cod\\_menu=28](https://antigo.fecam.org.br/conteudo/index.php?cod_menu=28). Acesso em: 05 abr. 2020.

FGV – Fundação Getúlio Vargas. **LACERDA, Jorge**. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/lacerda-jorge>. Acesso em: 05 abr. 2019

FISCHER, S. R. **História da leitura**. Trad.: Claudia Freire. São Paulo: UNESP, 2006.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia dos Santos. **Intelectuais mediadores**: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, São Paulo: Alínea, 2007.

GOULEMOT, Jean Marie. **O amor às bibliotecas**. São Paulo: UNESP, 2011.

GUEDES JÚNIOR, Valmir. Juaci Ungaretti, um prefeito de visão. **Blog do Valmir Guedes**. Laguna, 2019. Disponível em: <http://valmirguedes.blogspot.com/2019/07/juaci-ungaretti-um-prefeito-de-visao.html>. Acesso em: 05 abr. 2020.

HANSEN, João Adolfo. **Reorientações no campo da leitura literária**. Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas. Campinas: Mercado de Letras, ALB, 2005.

LAGUNA. **História**. 2017a. Disponível em: <https://www.laguna.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaltem/96142>. Acesso em: 05 abr. 2020.

LAGUNA. **Projeto de Lei n. 0021/2017**. Dá denominação à via pública. 2017b. Disponível em: <https://www.camaradelaguna.sc.gov.br/camara/proposicao/Projeto-de-Lei/2017/1/26/7053>. Acesso em: 05 abr. 2020.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

LEIPNITZ, F. **Política de avaliação e seleção de doações em acervos particulares a serem incorporados às Bibliotecas da Universidade Federal de Santa Maria, RS**. 2017. 202 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/11883/Leipnitz%2C%20Fernando.pdf?s equenc e=1&isAllowed=y>. Acesso em: 05 Abr. 2018.

MARTINS, W. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa, e da biblioteca**. 3. ed. rev. E atual. São Paulo: Ática, 2002.

MELO, Kelly Castelo Branco da Silva. **Coleção e melancolia: universos mnemônico-patrimoniais**. 144 f. 2018. Tese (Doutorado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA. **Biografia Jerônimo Francisco Coelho**. 2019. Disponível em: [http://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/420-Jeronimo\\_Francisco\\_Coelho](http://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/420-Jeronimo_Francisco_Coelho). Acesso em: 07 de maio de 2020.

MICHAELIS. **Leitor**. 2020. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=leitor> Acesso em: 07 de maio de 2020.

MILANESI, L. **Biblioteca**. Cotia: AE, 2002

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MOLES, Abraham A. Biblioteca pessoal, biblioteca universal. **R. Bibliotecon**. Brasília, Brasília, DF, v. 6, n. 1, p. 39-52, jan./jun. 1978.

MORAES, R. B. **Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1979.

PASTERNAK, Dariene. Biblioteca Osni Régis é um oásis literário no Centro da Capital. **ND mais**. 2011. Disponível em: <https://ndmais.com.br/direitos/biblioteca-osni-regis-e-um-oasis-literario-no-centro-da-capital/>. Acesso em 01 set. 2020.

PENNA, Rejane; GRAEBIN, Cleusa Maria. Acervos Privados: Indivíduo, Sociedade e História. **Seculum - Revista de História**, 23, João Pessoa, jul./ dez. 2010.

Disponível em:

<https://www.periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/download/11524/6621>. Acesso em: 22 abr. 2019.

PEREIRA, Moacir. Norberto Ungaretti: um cidadão completo. **NSC**. 2014. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/moacirpereira/2014/01/09/norberto-ungaretti-um-cidadao-completo/?topo=67,2,,,77>. Acesso em: 22 abr. 2019.

PEREIRA, Moacir. Livro de Ungaretti sobre Jerônimo Coelho é lançado na Capital. **NSC**. 2019. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/colunistas/moacir-pereira/livro-de-ungaretti-sobre-jeronimo-coelho-e-lancado-na-capital>. Acesso em: 22 abr. 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PIBID – Programa institucional de bolsa de iniciação à docência. **E.E.B. Jerônimo Coelho Laguna - SC/Brasil**. 2015. Disponível em:

<http://pibidjeronimocoelholaguna.blogspot.com/2015/07/colegio-jeronimo-coelho-em-laguna-e-o.html>. Acesso em: 22 abr. 2020.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo**. Rio de Janeiro: FGV, 2016.

SANCHES NETO, Miguel. **Herdando uma Biblioteca**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SANTA CATARINA. Tribunal de justiça. [Documento Institucional]. **Ata de Sessão solene do Tribunal Pleno**. 01 de outubro de 1990.

SCHWARCZ, L. M. **A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SECRETARIA DA CASA MILITAR. **Medalha de Mérito “Anita Garibaldi”**. 2020. Disponível em: <http://www.scm.sc.gov.br/scm/medalha-de-merito-anita-garibaldi/>. Acesso em: 22 jun. 2019.

SETTIS, Salvatore. Walburg continuatus. Descrição de uma Biblioteca. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.



SEVERINO, Fabrício. Ao grande mestre, um carinho... **O Judiciário**. 8 de novembro de 2009.

SILVA, Helenice Rodrigues da. A gênese da sociologia crítica de Pierre Bourdieu. **Revista espaço acadêmico**, n. 112, 2010.

SOUZA, Alice Costa. Biblioteca Warburg: uma “coleção de problemas” e memórias. **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**. Belo Horizonte, v. 9, n. 16, maio 2015.

SOUZA, Josuelene da Silva; PEREIRA, Rubens Edson Alves. A prática social da leitura e a obra literária. *In*: XVI ABRALIC **[Anais...]**. Disponível em: [https://abralic.org.br/anais/arquivos/2014\\_1434479450.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2014_1434479450.pdf). Acesso em: 22 abr. 2020.

TJSC – Tribunal de Justiça de Santa Catarina. **Biblioteca Desembargador Norberto Ulysséa Ungaretti**. Poder Judiciário. 2020. Disponível em: <https://www.tjsc.jus.br/web/academia-judicial/biblioteca>. Acesso em: 22 abr. 2020.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da Pesquisa**. 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

ULYSSEÁ, Rogério. **História e genealogia da família Ulysséa**. Brasília: André Quicê, 1997.

UNGARETTI, Norberto Ulysséa. **Laguna**: um pouco do passado. Florianópolis, 2002.

UNGARETTI, Norberto Ulysséa. **“Santo Antônio dos Anjos de Laguna”**. 1956.

WILLE, José. O segundo grande acidente aéreo do Paraná em 1958. **Portal Paraná Empresarial**. Disponível em: <http://paranaempresarial.com.br/memoria-o-primeiro-grande-acidente-aereo-do-parana-matou-18-em-1958/> Acesso em: 22 abr. 2019.

ZANELATTO, João Henrique. **Região, Etnicidade e Política**: o Integralismo e as lutas pelo poder político no Sul Catarinense, na década de 30. Porto Alegre: PUCRS, 2007.

ZIGELLI, Walter. Uma lágrima por Norberto Ungaretti. **Caros Ouvintes**. 2015 Disponível em: <http://www2.carosouvintes.org.br/uma-lagrima-por-norberto-ungaretti/>. Acesso em: 22 jun. 2018.

VIOS. **[site institucional]**. 2018. Disponível em: <https://www.vios.com.br/>. Acesso em: 22 jun. 2018.